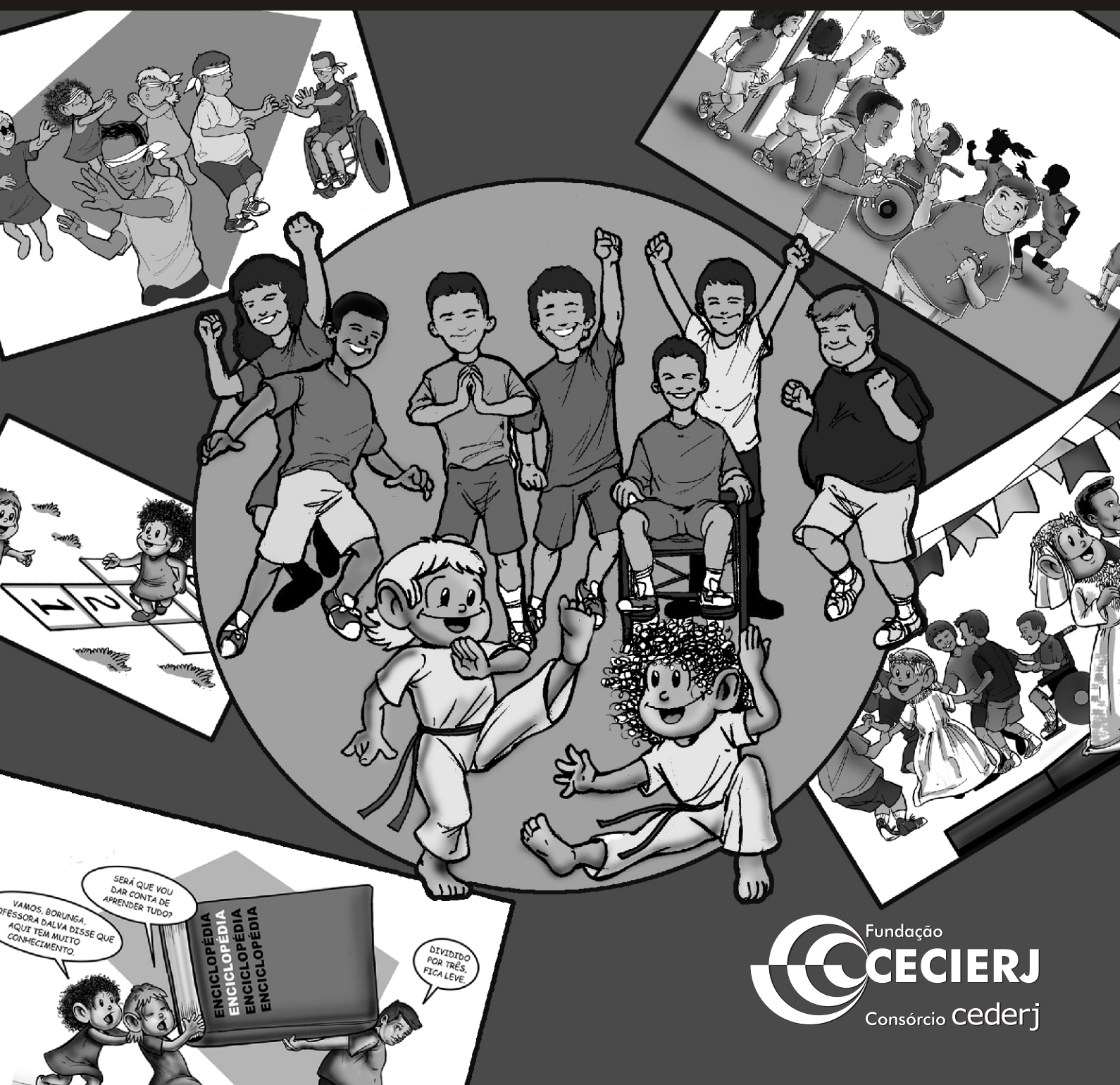


Denise Sardinha Mendes Soares de Araújo

Corpo e Movimento na Educação





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Corpo e Movimento na Educação

Volume 1 - Módulo 1

Módulo 1: Fundamentos históricos, socioculturais e políticos.

Denise Sardinha Mendes Soares de Araújo



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Ministério
da Educação



Apoio:



Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua Visconde de Niterói, 1364 – Mangueira – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20943-001

Tel.: (21) 2299-4565 Fax: (21) 2568-0725

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Diretor de Material Didático

Carlos Eduardo Bielschowsky

Coordenação do Curso de Pedagogia para as Séries Iniciais do Ensino Fundamental

UNIRIO - Sueli Barbosa Thomaz

UERJ - Eloiza Gomes

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Denise Sardinha Mendes Soares de Araújo

EDITORA

Tereza Queiroz

COORDENAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

DESENVOLVIMENTO INSTRUCIONAL E REVISÃO

Ana Tereza Andrade

Maria Angélica Alves

COORDENAÇÃO DE LINGUAGEM

Cyana Leahy-Dios

COORDENAÇÃO DE AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Débora Barreiros

AVALIAÇÃO DO MATERIAL DIDÁTICO

Aroaldo Veneu

COPIDESQUE

Cristina Freixinho

José Meyohas

REVISÃO TIPOGRÁFICA

Elaine Barbosa

Patrícia Paula

COORDENAÇÃO GRÁFICA

Jorge Moura

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Ronaldo d'Aguiar Silva

ILUSTRAÇÃO

Eduardo Bordoni

CAPA

Eduardo Bordoni

PRODUÇÃO GRÁFICA

Andréa Dias Fiães

Fábio Rapello Alencar

Copyright © 2006, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

A663c

Araújo, Denise Sardinha Mendes Soares de.
Corpo e movimento na educação. v.1: Fundamentos históricos, socioculturais e políticos. / Denise Sardinha M. Soares de Araújo. – Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2007.
194p.; 19 x 26,5 cm.

ISBN: 85-7648-193-6

1. História do corpo. 2. Corpo e movimento. 3. Antropologia cultural. 4. Educação física escolar. 5. Folclore. I. Título.

CDD: 370.1

2007/2

Referências Bibliográficas e catalogação na fonte, de acordo com as normas da ABNT.

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador
Sérgio Cabral Filho

Secretário de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação
Alexandre Cardoso

Universidades Consorciadas

UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO
NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO
Reitor: Raimundo Braz Filho

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Nival Nunes de Almeida

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
Reitor: Cícero Mauro Fialho Rodrigues

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RIO DE JANEIRO
Reitor: Aloísio Teixeira

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL
DO RIO DE JANEIRO
Reitor: Ricardo Motta Miranda

UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO
DO RIO DE JANEIRO
Reitora: Malvina Tania Tuttman

SUMÁRIO

Aula 1	– Um pouco sobre a história do corpo, da Pré-História ao século XVI_	7
Aula 2	– Vivência corporal do século XVIII ao século XXI _____	27
Aula 3	– Aspectos sociais, antropológicos e culturais do estudo do corpo e das atividades físicas _____	49
Aula 4	– Aspectos políticos do esporte e do corpo _____	65
Aula 5	– Aspectos biológicos do corpo e do movimento _____	83
Aula 6	– Corpo, internet e vivência corporal _____	105
Aula 7	– O corpo e o movimento no Projeto Político-Pedagógico da escola_	119
Aula 8	– Educação física escolar e interdisciplinaridade _____	133
Aula 9	– Manifestações culturais do corpo – o folclore _____	149
Aula 10	– Corpo e movimento nas primeiras séries _____	165
Referências	_____	187

Um pouco sobre a história do corpo, da Pré-História ao século XVI

AULA

1

Meta da aula

Apresentar ao aluno as diferentes visões, interpretações e aplicações do corpo e do movimento corporal, da Pré-História ao século XVI.

objetivo

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- distinguir as diferentes visões, interpretações e aplicações do corpo e do movimento corporal nos períodos da Pré-História, da Grécia Antiga e do século XVI.

Pré-requisito

Para que você compreenda esta aula, é importante que tenha assimilado conteúdos referentes à História apresentados nas aulas de Fundamentos da Educação.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, você conhecerá um pouco da história do corpo, do período da Pré-História até o século XVI. Você verá que, através do tempo, o corpo humano se modificou para adaptar-se às condições do ambiente e à evolução humana, tornando-se um corpo culturalmente sedentarizado.

O PENSAMENTO COMPLEXO DE EDGAR MORIN

Estamos iniciando a primeira aula da disciplina com o princípio do **PENSAMENTO COMPLEXO** de **EDGARD MORIN** (1999).

PENSAMENTO COMPLEXO

Edgard Morin defende a idéia de que os fenômenos humanos devem ser entendidos não apenas no espaço epistemológico da simplificação, mas também, na complexidade que diz respeito a todos os níveis do real: físico, biológico, antropológico, filosófico e sociopolítico.

EDGARD MORIN

Sociólogo nascido em Paris, em 8 de julho de 1921. Quando a França foi invadida pelo exército de Hitler, passou a viver clandestinamente como judeu e comunista, atuando na Resistência Francesa. Publicou, em 1990, *Introdução ao pensamento complexo*, no qual procurou explicar as idéias desenvolvidas nos três primeiros volumes de *La méthode (O método)*. Em 1998, Morin escolheu o Brasil para realizar o I Congresso Interlatino para o Pensamento Complexo, no Rio de Janeiro, que contou com a participação de professores, artistas, escritores e pesquisadores de vários países do mundo.

Ao contrário de alguns autores e estudiosos que têm dificuldade de realizar suas análises a partir de uma perspectiva complexa e não-sectária (ARAÚJO, 2001), Morin acredita que qualquer fenômeno humano pode ser interpretado em diferentes dimensões: pedagógica, social, cultural, biológica, histórica, política etc.

Em qualquer abordagem escolhida, o corpo torna-se um dos principais pontos de referência, ao falarmos sobre vivência corporal.

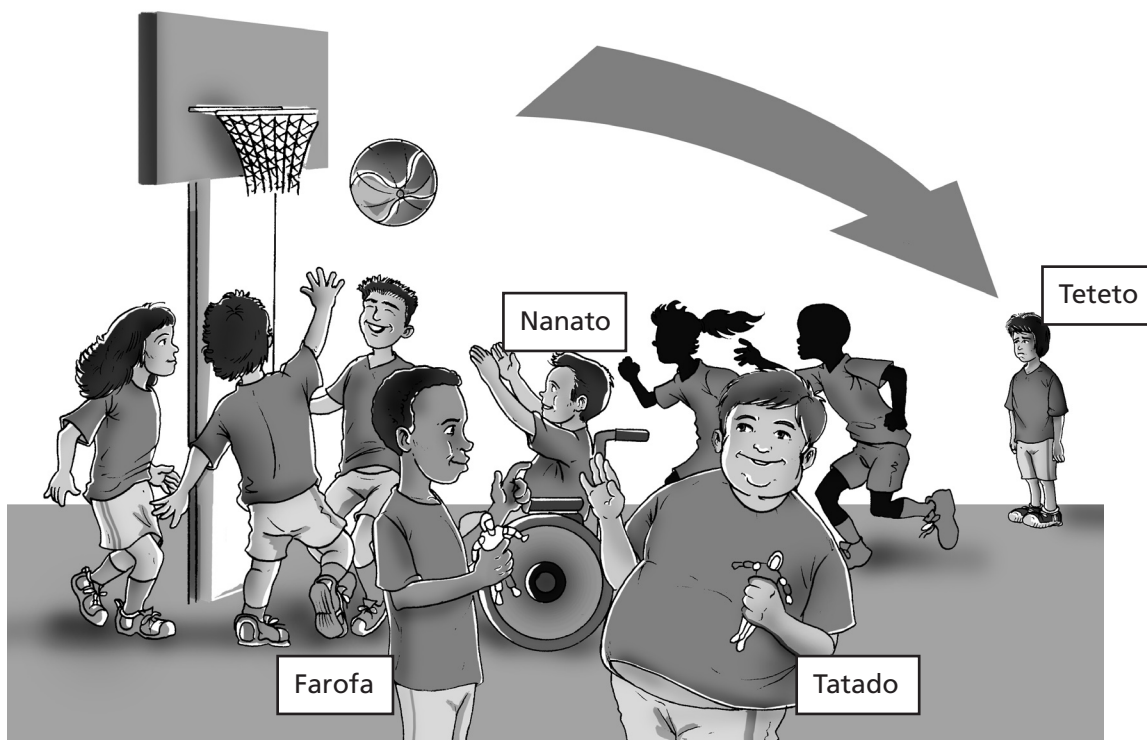
Analisando estudos relativos à história do corpo (e sua corporeidade), faremos um resumo das diferentes visões que as sociedades, no decorrer dos séculos, tinham a respeito do corpo humano. Também falaremos de como elas vivenciavam e experimentavam as emoções e atividades que o corpo pode oferecer. Chamaremos essa experimentação e maneira de lidar com as questões do seu próprio corpo de vivência corporal.

Por que é importante para um pedagogo conhecer como as sociedades vivenciavam o corpo no decorrer dos tempos? É importante atentarmos para as abordagens históricas, porque essas diferentes visões transformam o comportamento do ser humano e a sua maneira de lidar com as atividades físicas, a sua qualidade de vida, a sua própria saúde e, com o corpo das pessoas, na sua vida profissional.

Você, como profissional de Educação, estará na escola desenvolvendo experiências corporais com seus alunos, mesmo que não tenha uma visão clara disso. Meu objetivo é ajudá-lo a fazer sua escolha pedagógica. Querendo ou não, as experiências com o corpo ficarão marcadas na existência dos seus futuros alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental, e você será um dos responsáveis por isso.



Observe que a nossa disciplina trata do corpo e do movimento, diferentemente da disciplina História. Imagine, então, durante a leitura das aulas, o modo como os povos se movimentavam e viviam a experiência corporal.



SUMÉRIOS

Povo que se destacou na construção de um complexo sistema de controle da água dos rios. A armazenagem da água era de fundamental importância para a sobrevivência das comunidades. Uma grande contribuição dos sumérios foi o desenvolvimento da escrita cuneiforme, por volta de 4000 a.C., em placas de barro. Muito do que conhecemos sobre este período da História devemos às placas de argila, que continham registros cotidianos, administrativos, econômicos e políticos da época. Como construtores, desenvolveram os zigurates, construções em formato de pirâmide que serviam como locais de armazenagem de produtos agrícolas e, também, como templos religiosos.

Um dos períodos mais fascinantes da história humana é a Pré-História. Esse período não foi registrado por nenhum documento, pois corresponde exatamente à época anterior à escrita.

Se a Pré-História é um período anterior ao aparecimento da escrita, é, conseqüentemente, anterior a 4000 a.C, pois foi por volta desse ano que os **SUMÉRIOS** desenvolveram a escrita cuneiforme.

O que sabemos sobre os homens e mulheres que viveram nesse tempo resulta de pesquisas de antropólogos e historiadores e de estudos da moderna ciência arqueológica, que reconstituíram a cultura do homem.

Nessa fase importante, o homem conseguiu vencer as barreiras impostas pela Natureza e prosseguiu com o desenvolvimento da humanidade na Terra. Para isso, ele contou, e muito, com o seu corpo.

O corpo do homem pré-histórico era a sua armadura. Para conseguir alimentos, ele competia com seus predadores. Muitas vezes, saía para caçar e não conseguia retornar com o alimento, sucumbindo em combates com animais ou sendo devorado por seus predadores. Utilizava o corpo como instrumento de luta e de legítima defesa, pois, naturalmente, não possuía instrumentos de defesa e de caça.

Esses homens e mulheres tinham uma ótima condição física. Imaginemos como tinham de caminhar para chegar a outras terras, subir em árvores, saltar, arremessar, atirar coisas e pedras. Como eles se alimentavam de raízes e frutos além de carne animal, não podiam ficar em um só lugar, pois a alimentação na Terra ia rareando e não tinham ainda aprendido a arte do cultivo da terra.

Apesar de terem expectativa de vida muito baixa, eram robustos e possuíam excelente condição física. Com o decorrer do tempo, criaram soluções práticas para os problemas da vida cotidiana e inventaram objetos a partir das suas necessidades de defesa e de caça. Desenvolveram, certamente, uma cultura muito importante.

A Pré-História pode ser dividida em três períodos: Paleolítico, Mesolítico e Neolítico. Ao estudar cada um deles, vamos procurar estabelecer uma articulação entre seus aspectos socioculturais e as representações da vivência corporal.

PALEOLÍTICO OU IDADE DA PEDRA LASCADA

Nessa época, as pessoas habitavam cavernas, muitas vezes tendo de disputar esse tipo de habitação com animais selvagens. Quando acabavam os alimentos de onde habitavam, as famílias migravam para outra região.

Dessa forma, apresentavam uma vida **NÔMADE**. Capazes de andar longas distâncias, tornaram-se fisicamente ativos, vivendo, como sabemos, da pesca e da coleta de frutos e raízes e da caça de animais de pequeno, médio e grande porte.

NÔMADE

Expressão utilizada para designar os povos que não pertenciam a nenhum país e vagueavam sem residência fixa.

O período Paleolítico pode também ser dividido em Inferior e Superior. No Inferior, os instrumentos utilizados eram facas, machados, construídos com pedra bruta e pedra lascada, madeira e ossos. No Superior, machado, arco e flecha, lançador de dardos, anzol e linha evoluíram, passando a ser feitos de marfim, ossos, madeira e pedra, além do desenvolvimento da pintura e da escultura.





O período Paleolítico pode também ser dividido em Inferior e Superior. No Inferior, os instrumentos utilizados eram facas, machados, construídos com pedra bruta e pedra lascada, madeira e ossos. No Superior, machado, arco e flecha, lançador de dardos, anzol e linha evoluíram, passando a ser feitos de marfim, ossos, madeira e pedra, além do desenvolvimento da pintura e da escultura.

COORDENAÇÃO MOTORA FINA

Capacidade de organizar, com eficiência, um ou mais grupos musculares ou segmentos corporais.

PINTURAS RUPESTRES

Representações feitas pelo homem pré-histórico em rochedos e paredes de cavernas.

ARTE PALEOLÍTICA

O artista pintava um animal, por exemplo, de determinada perspectiva, reproduzindo a Natureza tal qual captava. Atualmente, a explicação mais aceita é a de que essa arte era realizada por caçadores, e que fazia parte do processo de magia no qual o pintor-caçador do Paleolítico supunha ter poder sobre o animal, desde que possuísse a sua imagem. Acreditava que poderia matar o animal verdadeiro, desde que o representasse num desenho ferido mortalmente.

Nesse período, os seres humanos se comunicavam com uma linguagem rudimentar, baseada em poucos sons, sem a elaboração de palavras. Utilizavam muito a comunicação gestual. Não aquela que conhecemos, porque não tinham o desenvolvimento que hoje experimentamos, mas uma comunicação com o corpo, especialmente a face, que expressava raiva, medo, tristeza, pavor.

Se eles pintavam, tinham já um pouco desenvolvida a **COORDENAÇÃO MOTORA FINA** para que pudessem desenhar a sua arte, você concorda? Com as **PINTURAS RUPESTRES**, que integravam a **ARTE PALEOLÍTICA**, demonstravam sentimentos e preocupações cotidianas. Era a forma de começarem a se comunicar, recorrendo a outra linguagem diferente da corporal.

PERÍODO MESOLÍTICO

Nesse período intermediário da Pré-História, o homem conseguiu dar grandes passos rumo ao desenvolvimento e à sobrevivência, de forma mais segura. O domínio do fogo foi o maior exemplo disso. Com ele, o ser humano pôde espantar os animais, cozinhar, iluminar sua habitação, além de conseguir calor nos momentos de frio intenso.

Outros dois grandes avanços foram a evolução da agricultura e a domesticação dos animais. Cultivando a terra e criando animais, o homem conseguiu reduzir sua dependência em relação à Natureza.

Com esses avanços, inclusive, foi possível a **SEDENTARIZAÇÃO** pois a habitação fixa tornou-se uma necessidade.

SEDENTARIZAÇÃO

Processo de tornar-se sedentário; expressão utilizada para o antônimo da condição de nômade. Ser sedentário é fixar-se em um lugar.

A sedentarização foi fundamental para o desenvolvimento da humanidade, mas repare que começamos um período já de algum nível de inatividade física. É interessante observarmos quando começou o processo do que chamamos hoje “sedentarismo”.

Utilizamos essa expressão para nos referirmos a pessoas que não são ativas fisicamente. É claro que existem níveis diferentes de sedentarismo, porém, ao longo da história, observamos que esse processo se inicia bem antes da Pré-História.

Nesse período, ocorreu também, a divisão do trabalho por gênero, nas comunidades. O homem tornou-se responsável pela proteção e sustento da família, enquanto a mulher ficou encarregada de criar os filhos e cuidar da habitação.

A fixação do homem (sedentarização) da Idade da Pedra Polida, garantida pelo cultivo da terra e pela manutenção de manadas, provocou o aumento rápido da população e o desenvolvimento das primeiras instituições, como a família e a divisão do trabalho.

Por que aumentou rapidamente a população nesse período? Os casais formavam-se mais facilmente, e a procriação foi facilitada. Também os hábitos e a vivência sexual foram se modificando.

Assim, o homem do Neolítico produziu o fogo por meio do atrito e deu início ao trabalho com metais, desenvolveu a técnica de tecer panos, de fabricar cerâmicas e construiu as primeiras moradias, tornando-se o primeiro arquiteto do mundo.

Todas essas conquistas técnicas, certamente, tiveram um forte reflexo na arte e na condição física dos seus corpos, pois com a chegada do conforto e a possibilidade de utilização dos dorsos dos animais domesticados para o seu transporte, o homem passou a caminhar pouco e a desenvolver menos força muscular.



Tornando-se um camponês, não precisava mais ter os sentidos apurados do caçador do período Paleolítico, e o seu poder de observação foi sendo substituído, gradativamente, pela abstração e racionalização. Como consequência, surgiu um estilo simplificador e geometrizarante nos desenhos dos sinais e figuras e na arte em geral. Esses desenhos passaram a sugerir a reprodução dos seres. Os próprios temas da arte mudaram, dando início às representações da vida coletiva.

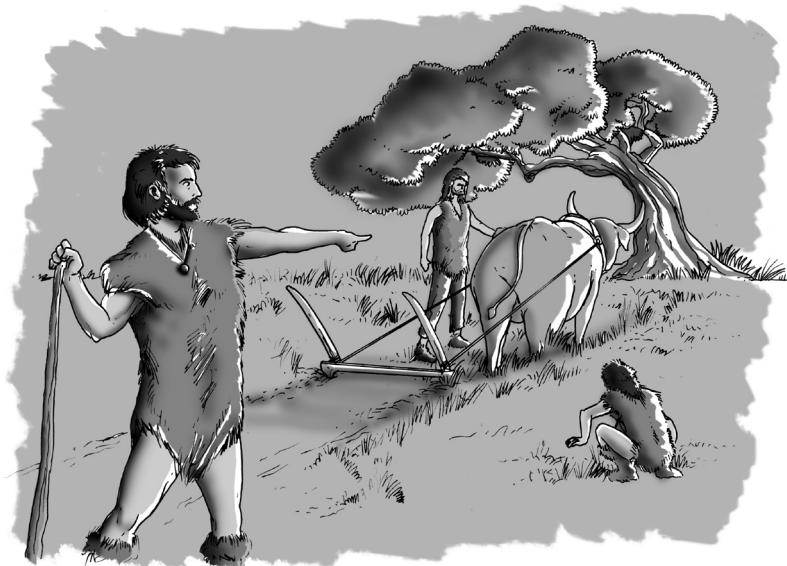
NEOLÍTICO OU IDADE DA PEDRA POLIDA

Nessa época, o homem atingiu um importante grau de estabilidade. Com a sedentarização, a criação de animais e a agricultura em pleno desenvolvimento, as comunidades puderam trilhar novos caminhos. O surgimento da metalurgia representou um avanço importante.

Criando objetos de metal, tais como lanças, ferramentas e machados, os homens puderam caçar melhor e produzir com mais qualidade e rapidez.

A produção de excedentes agrícolas e sua armazenagem, por sua vez, garantia o alimento necessário para os momentos de seca ou de inundação. Com mais alimentos, as comunidades foram crescendo, e logo surgiu a necessidade de trocas com outras comunidades.

A divisão de trabalho, nessas comunidades, aumentou ainda mais, dando origem ao trabalhador especializado. O corpo do homem, então, passou a ser utilizado para a produção, e não somente para a sobrevivência a seus predadores.



A GRÉCIA ANTIGA

A civilização grega surgiu entre os mares Egeu, Jônico e Mediterrâneo, por volta de 2000 a.C. Formou-se após a migração de tribos nômades de origem indo-européia, como, por exemplo, aqueus, jônios, eólios e dórios.

A história da civilização registra que a sociedade grega serviu de berço para a cultura, a educação e a civilização ocidentais. Os gregos tinham visão universal sobre o homem livre, apesar de manterem dezessete escravos para cada homem livre (GADOTTI, 1998).

Por volta do século VIII a.C., surgiram as *pólis*, cidades-Estado, formas que caracterizavam a vida política dos gregos.

Atenas e Esparta, suas mais importantes *pólis*, conhecidas pelos seus combates entre si, divergiam no entendimento do que seria uma formação de homem ideal. Para Esparta, o homem era o resultado do culto ao corpo. Desse modo, deveria ser forte para ter *status* e credibilidade social. Já em Atenas, o homem, para ser considerado bem-educado, deveria ser um ótimo orador, pois os seus pensadores valorizavam a **RETÓRICA**.

RETÓRICA

Tratado Grego do século V a.C. sobre a arte da persuasão pelo discurso. A arte do falar bem, da oratória.

Como você pôde ver, o grego, em geral, realizava a síntese entre educação e cultura. A educação do homem integral passava pelo corpo, na ginástica; pela mente, na Filosofia e na Ciência; pela moral e pelos sentimentos, nas Artes.



ATIVIDADE

1. Considerando sua experiência como aluno, você pode responder se sua escola valorizava, em seu currículo, a concepção grega de educação: educação integral pelo corpo, pela mente, pela moral e pela ética? Você acha que evoluímos ou retrocedemos?

COMENTÁRIO

Ao refletir se sua escola valorizava a educação do corpo, você considerou se as aulas de Educação Física e os valores morais e éticos tinham a mesma atenção e o mesmo prestígio, junto à direção e aos professores, do que as outras disciplinas e se os alunos valorizavam essas aulas para a formação educacional.

AVANÇANDO EM NOSSA LINHA DO TEMPO

De acordo com seu modo de vida e de organização social, os gregos precisavam dispor de um corpo forte, com musculatura apropriada ao combate.

Os corpos dos combatentes, considerados heróis e semideuses, eram muito respeitados, vivos ou mortos, e, a fim de conseguir esse modelo forte de corpo, muito esforço físico era realizado (SANTOS, 1997). Os jovens heróis gregos ganhavam dinheiro para o seu sustento, ou seja, para eles, o corpo era um instrumento e meio de vida. A luta,

por exemplo, não era mais com animais predadores. As guerras eram, nesse período, realizadas entre os homens, e os combates ocorriam por diferentes motivos.



A VIVÊNCIA CORPORAL E OS JOGOS OLÍMPICOS

Na Grécia Antiga, na cidade de Olímpia, surgiram os Jogos Olímpicos, em homenagem aos deuses gregos. Os gregos desenvolveram, como sabemos, uma rica mitologia. Até os dias de hoje, a mitologia grega é referência para estudos e livros.

A filosofia grega também atingiu um desenvolvimento surpreendente, principalmente em Atenas, no século V (período clássico da Grécia). **PLATÃO** e **SÓCRATES** eram os filósofos mais conhecidos deste período.

SÓCRATES

Nasceu em Atenas em 470 a.C. Foi o principal pensador da Grécia Antiga, fundando a filosofia ocidental. Seus primeiros pensamentos discorrem sobre a essência da natureza da alma humana. Era considerado por seus contemporâneos um dos homens mais sábios e inteligentes. Seu método de transmissão de conhecimentos e sabedoria era o diálogo. Seus pensamentos e idéias estão nas obras de dois de seus discípulos: Platão e Xenofontes. Sócrates não deixou por escrito seus pensamentos. Suas idéias não foram bem aceitas pela aristocracia grega. Afirmou que muitas tradições, crenças religiosas e costumes não ajudavam no desenvolvimento intelectual dos cidadãos gregos. Por ser orador e inteligente, era muito popular junto aos jovens atenienses. Temendo algum tipo de mudança na sociedade, a elite mais conservadora de Atenas considerou Sócrates inimigo público e agitador em potencial. Foi preso, acusado de pretender subverter a ordem, corromper a juventude e provocar mudanças na religião grega. Suicidou-se em sua cela, tomando cicuta, em 399 a.C.

PLATÃO

Filósofo grego nascido em Atenas, provavelmente em 427 a.C., morreu em 347 a.C. Considerado um dos principais pensadores gregos, influenciou profundamente a filosofia ocidental. Suas idéias baseavam-se na diferenciação do mundo entre as coisas sensíveis (mundo das idéias e da inteligência) e as coisas visíveis (seres vivos e matéria). Trabalhava em contato com outro importante pensador grego: Sócrates. Suas obras mais importantes são: *Apologia de Sócrates*, *O Banquete*, e *A República*.



Idéias de Platão para a Educação:

Platão valorizava os métodos de debate e conversação como formas de alcançar o conhecimento.

A educação, para o filósofo, deveria funcionar como forma de desenvolver o homem moral, assim como dedicar esforços para o desenvolvimento intelectual e físico dos alunos (observe aqui, também, a valorização da condição física do corpo). As aulas deveriam abordar temas associados à retórica, debates, educação musical, geometria, astronomia e educação militar. Para os alunos de classes menos favorecidas, Platão dizia que deveriam buscar trabalho a partir dos 13 anos de idade. Afirmava, também, que a educação da mulher deveria ser a mesma educação aplicada aos homens.

Palavras atribuídas a Sócrates: “A ociosidade é que envelhece, não o trabalho. O início da sabedoria é a admissão da própria. Todo o meu saber consiste em saber que nada sei.”

Por volta dos primeiros Jogos Olímpicos da era antiga (776 a.C.), essa figura mista de herói e semideus associada aos guerreiros foi desaparecendo, pois os homens que conseguiam ser considerados desportistas passavam a se dar ao luxo de não mais combater, e sim competir.

Para participar das competições, os gregos começaram a moldar seus corpos com intencionalidade, ou seja, passaram a planejar o condicionamento físico para alcançar a vitória nos jogos. A técnica, portanto, passou a ajudar na performance do corpo (SANTANA, 1994).

A partir desse momento, diferentemente do que acontecia nos combates, em que todos eram respeitados, ganhando ou perdendo suas vidas nas lutas, somente os vencedores eram consagrados e respeitados. Aos perdedores era oferecida a alcunha de fracassados, o que não acontecia com os heróis dos combates ao serem derrotados, na Era Homérica, no século VIII a.C.

**ATIVIDADE**

2. Comente a diferença entre a derrota dos combatentes da Grécia Antiga e a dos atletas perdedores dos primeiros Jogos Olímpicos. Avalie a relevância desse fato para a compreensão das diferentes visões do corpo na Grécia Antiga.

COMENTÁRIO

Avalie se existe incoerência entre o valor que se dava ao corpo perdedor dos combatentes e dos Jogos Olímpicos.

Era Homérica: do século VII a.C. ao século VIII a.C., período retratado na *Iliada* e na *Odisséia*, obras atribuídas ao poeta Homero; foi o período da Guerra de Tróia. Esse poeta grego escrevia sobre a história da Grécia e as guerras que ocorriam entre as *pólis* Atenas, Esparta e, principalmente, Tróia. Todos nós lembramos o fato que tornou popular o cavalo de Tróia, registrado por Homero para contar como esta cidade perdeu a guerra, quando aceitou como presente – em sinal de paz – um enorme cavalo de madeira. Os troianos não sabiam que, ao anoitecer, os inimigos – escondidos dentro do cavalo – saíam do artefato, sorrateiramente, e aniquilariam a cidade de Tróia.

LUZES, CÂMERA, AÇÃO!

Verifique com o seu tutor se na videoteca do seu pólo tem o filme *Tróia*. Assista-o, observando dois fatos: o respeito que os combatentes tinham pelo corpo do perdedor, depois de uma batalha a dois, e o fato que originou o cavalo de Tróia, na Guerra de Tróia.

A INSTRUMENTALIZAÇÃO DO CORPO

O corpo como instrumento da alma era a doutrina dos grandes filósofos medievais e antigos como Platão (V-IV a.C.), Aristóteles (IV a.C.), Santo Tomás de Aquino (XIII), Hobbes (XVIII) e outros.

Descartes, na Idade Moderna (XVII), com o seu pensamento – penso, logo, existo –, passou a considerar o corpo e a alma como substâncias diferentes e independentes, confirmando, assim, a idéia de um dualismo. A revolução científica ocorrida por volta dos séculos XVI e XVII (1500 e 1600) e conduzida por cientistas e pensadores como Copérnico (1473-1543), Galileu (1564-1642) e Francis Bacon (1561-1627), dentre outros, sedimentou essa visão dualista cartesiana com a criação do método científico que divide o todo em partes, para explicá-lo.

A divisão cartesiana entre matéria e mente provocou um efeito profundo no pensamento ocidental. Esse pensamento resultou em uma divisão entre o trabalho intelectual e o manual, conseqüência da divisão social. Passamos a nos ver como seres isolados dentro de corpos e a atribuir ao trabalho mental um valor superior ao trabalho manual. Essa era a teoria do passado moderno.



Estas são as duas personagens que irão ilustrar a disciplina no decorrer das aulas. Elas foram denominadas: Borunga e Lambiscaia.

ATIVIDADE

3. Estamos criando duas personagens para a nossa disciplina: LAMBISCAIA E BORUNGA. Invente um breve diálogo entre essas meninas, procurando fazer uma reflexão a respeito dos fatos relacionados ao corpo ocorridos no século XVI.



**COMENTÁRIO**

Utilize as personagens para ilustrar um diálogo sobre o conhecimento popular ou experiência existencial que perdeu muito do seu crédito no século XVI.

Os gregos valorizavam a educação integral, harmonizando corpo, mente, moral e ética. No pensamento cartesiano essa integralidade é estratificada, e existe uma valorização da mente em detrimento do corpo, resultando em valorização do trabalho intelectual em detrimento do manual.

A divisão cartesiana entre matéria e mente representa mesmo um pensamento do passado moderno ou esse pensamento é atual? Na sua prática social ou profissional, você reforça esse pensamento porque concorda com ele ou tenta transformá-lo porque discorda? Reflita sobre as suas ações no sentido de confirmar ou não esse pensamento e discuta suas idéias com seu tutor e seus colegas no pólo.

Criou-se, a partir da Revolução Científica, um modelo mecanicista do universo, regido por leis naturais, isto é, com uma influência menor de deuses e de Deus.

Nessa nova ordem social, o homem dotado do saber intelectual era muito valorizado e, em decorrência, exercia o poder. Tudo ficou estabelecido a partir do método científico. Só existia verdade onde

houvesse comprovação científica. Qualquer outro saber passou a não merecer confiança. O saber dos sentidos, por exemplo, era considerado enganador. O conhecimento da experiência existencial ou, como diríamos hoje, o conhecimento popular, perdeu o crédito da cientificidade oficial.

No entanto, a ciência moderna vem denunciando que o universo não pode ser considerado como uma máquina formada por peças distintas a serem exploradas separadamente. O homem começa a perceber, então, que o paradigma de Descartes (cartesiano) está superado em seus fundamentos, e que mente e corpo funcionam em consonância e dependem entre si, coadunando-se com as reflexões de Edgard Morin sobre o pensamento complexo. Uma outra constatação é que a ciência não é neutra. Ela é sempre fomentada por valores sociais e culturais.

Assim sendo, muitos autores discordam do pensamento cartesiano dizendo que, muito antes do pensamento lógico-racional de Descartes e das ciências experimentais de Newton, na Física, o homem já fazia a experiência existencial do corpo, isto é, muito antes dos acontecimentos científicos sobre o corpo, cada indivíduo já construía para si uma imagem de corpo a partir de sua experiência pessoal. Por outro lado, a literatura comprova que a maioria das pessoas não tem uma compreensão científica do seu próprio corpo, ainda hoje. Contudo, têm uma compreensão do corpo elaborada pela maneira de vivenciá-lo. Esse pensamento lógico racional, segundo os críticos, não busca apenas a verdade, e fundamenta-se na crença de que a ordem social, a razão, a inteligência ou a mente são os valores supremos. Nessa ordem social, o homem dotado do saber intelectual torna-se aquele que exerce o poder.

O empirismo do século XVII, de Jonh Looke e David Hume, da Inglaterra, não se coadunava com o racionalismo de Descartes. Eles valorizavam o saber construído pelo corpo, os sentidos, a sensibilidade, o conhecimento da experiência existencial e o conhecimento popular, mesmo que esses não tivessem o crédito da cientificidade oficial.

Terminamos esta aula voltando ao princípio de pensamento complexo defendido por Edgard Morin, no qual os fenômenos humanos devem ser interpretados em diferentes dimensões.

Observe que eu poderia ter optado por outro programa, mas, como nossa disciplina está inserida num currículo de formação em docência para as primeiras séries do Ensino Fundamental, considere importante

apresentar como nosso principal objeto de estudo, nesta primeira aula, o corpo, o movimento e a vivência corporal em diferentes visões históricas, no decorrer dos tempos.

Fomos da Pré-História ao século XVI, resumidamente. Porém, a sua reflexão sobre o corpo do **HOMEM** (um dos eixos curriculares do nosso curso) em diferentes momentos históricos e a maneira como a experiência corporal era vivida (vivência corporal) pode resultar em uma **TRANSFORMAÇÃO** (outro eixo curricular do nosso Projeto Político-Pedagógico) das suas ações e atitudes no seu cotidiano profissional, ajudando a **SOCIEDADE**.

**HOMEM,
TRANSFORMAÇÃO E
SOCIEDADE**

São os três eixos curriculares do projeto político-pedagógico do curso de Pedagogia para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

ATIVIDADES FINAIS

1. Faça três tabelas (uma para o período da Pré-História, outra para o período da Grécia Antiga e outra para o século XVI). Intitule cada uma das três colunas, respectivamente, como: PERÍODO HISTÓRICO, FATO HISTÓRICO e OBSERVAÇÃO PESSOAL. Preencha essa tabela com, no mínimo, dois fatos relevantes comentados na aula a respeito das diferentes visões e aplicações da vivência corporal nesses períodos.

<i>PERÍODO HISTÓRICO</i>	<i>FATO HISTÓRICO</i>	<i>OBS. PESSOAL</i>

<i>PERÍODO HISTÓRICO</i>	<i>FATO HISTÓRICO</i>	<i>OBS. PESSOAL</i>

PERÍODO HISTÓRICO	FATO HISTÓRICO	OBS. PESSOAL

RESPOSTA COMENTADA

PERÍODO HISTÓRICO Pré-História	FATO HISTÓRICO	OBS. PESSOAL
Período Paleolítico	O corpo do homem pré-histórico era a sua armadura. Para conseguir alimentos, ele competia com os seus predadores.	Atualmente, com a violência urbana, o nosso corpo não nos serve como armadura para nos defendermos, pois não temos, como naquela época, treinamento para isso.

PERÍODO HISTÓRICO	FATO HISTÓRICO	OBS. PESSOAL
Grécia Antiga	Na cidade grega de Esparta, o ideal de educação para o homem era o resultado do culto ao corpo, que deveria ser forte para ter status e credibilidade social. Já na cidade grega de Atenas, os pensadores idealizavam uma educação que privilegiava a retórica.	A dicotomia que vivemos, entre a valorização da teoria, em detrimento da prática, pode ter tido sua origem na Grécia Antiga.

PERÍODO HISTÓRICO	FATO HISTÓRICO	OBS. PESSOAL
Século XVI	Visão dualista cartesiana entre matéria e mente.	Reforço às idéias dos pensadores de Atenas que supervalorizavam o trabalho mental em detrimento do manual.

Caro aluno, não se esqueça de que o espaço da observação serve para destacar qualquer tema ou assunto que, porventura, você pretenda utilizar na sua prática profissional, ou algo em que você pretenda aprofundar-se, posteriormente.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, discutiremos a vivência corporal do século XVIII ao XXI. Você conhecerá a vivência corporal das mulheres, especificamente das atletas. Ressaltaremos, também, a importância da condição física do corpo para a saúde social, mental e física dos indivíduos.

Vivência corporal do século XVIII ao século XXI

AULA 2

Meta da aula

Apresentar as diferentes visões, interpretações e aplicações do corpo e do movimento corporal entre os séculos XVIII e XXI.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- identificar as diferentes visões do corpo e do movimento corporal nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI;
- avaliar as diferentes interpretações do corpo e do movimento corporal nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI;
- comparar as diferentes aplicações do corpo e do movimento corporal nos séculos XVIII, XIX, XX e XXI.

Pré-requisito

Para que você compreenda esta aula, é importante que tenha assimilado conteúdos de História das aulas de Fundamentos da Educação.

INTRODUÇÃO

Desde a primeira aula, procuramos investigar, com você, as visões e interpretações do corpo e dos movimentos corporais em diferentes momentos da História, desde a Pré-História, passando pela Antiguidade Clássica, na Grécia Antiga, e pela Idade Média, com o Feudalismo, comentando a presença e a influência da maior instituição medieval – a Igreja.

Analisamos também a Idade Moderna, com o Antigo Regime e a sua queda. Em nossas reflexões sobre a Idade Contemporânea, tratamos especialmente de duas grandes revoluções: a Industrial e a Francesa.

Estamos trazendo, agora, nossas reflexões sobre o Século das Luzes e os séculos da Guerra Fria e dos movimentos de contracultura – o movimento *hippie* e o Tropicalismo brasileiro.

Quando se afirma que o século XX foi o “século do corpo” e que, certamente, o século XXI continuará a sê-lo, devemos perguntar de que corpo estamos falando? Um corpo transgressor, disciplinado, saudável? Pode o corpo ajudar a população do século XXI a encontrar o que vem buscando incessantemente: a qualidade de vida (ARAÚJO, 2004)?

Há, sem dúvida, nesses séculos, um enorme acervo de novas perspectivas e de contribuições teóricas acerca da temática do corpo. Podemos pensar, a título de exemplo, nas contribuições que nos trouxeram os estudos sobre a imagem e o esquema corporal, o papel central do corpo no desenvolvimento infantil, sobretudo para Le Boulch (1990) e Piaget (1976) e, ainda, a perspectiva filosófica fenomenológica que investiu o corpo de uma dignidade central no contexto do humano.

SÉCULO DAS LUZES

O século XVIII, conhecido como Século das Luzes, valorizava o método científico e trazia como novidade, em termos de poder sobre o corpo, a disciplina, os métodos, a preocupação com o espaço.

Segundo Foucault (1997), a disciplina a que o corpo foi imposta, nos séculos XVII e XVIII, aumentou a sua força econômica em termos utilitários, mas, ao mesmo tempo, diminuiu essa mesma força em termos políticos, pois o tornou um corpo disciplinado e obediente.

No século XVIII, procedimentos como a exigência de fileiras de alunos nas escolas, a ordenação dos alunos por idade ou a construção das escolas-edifícios evidenciavam a submissão do corpo a determinadas regras disciplinares. Se compararmos a liberdade da vivência corporal

na Pré-História, por exemplo, com a vivência corporal nas escolas, a partir do século XVIII, podemos observar a perda da liberdade e até certa imobilização corporal.

Além da imobilização, as punições corporais e mentais explícitas e toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e pequenas humilhações, causaram muito sofrimento mental e corporal, quase sempre retirando dos alunos o prazer de freqüentar a escola.

Podemos exemplificar essa questão dos castigos e das humilhações voltando à ilustração da Aula 1. Observe como, no pátio da escola, temos diferentes alunos, com diferentes condições: raciais, de necessidades especiais. Observe também que, demarcada com uma seta, temos a ilustração de um aluno “de castigo”, sem poder usufruir o convívio dos amigos e do jogo. Outro exemplo é o apelido, muito comum nas escolas, que sempre classifica alguém com uma característica que pode ser sentida como humilhação. Às vezes, são os professores que incentivam a colocação de apelidos, com base nas características corporais dos alunos. Os castigos e as humilhações diminuem o prazer do aluno em freqüentar a escola, causando, às vezes, danos irreparáveis na formação da sua personalidade.

Naturalmente, as atividades e os exercícios físicos refletiam a ordem do século. Daí ouvirmos que a educação física brasileira tem uma história de disciplina e rigidez militar.

ATIVIDADE



1. Explique, em poucas linhas, a afirmação de Foucault (1997):

As diferentes formas de disciplina se tornaram, nos séculos XVII e XVIII, fórmulas gerais de dominação, que aumentam as forças do corpo (em termos econômicos de utilidade) e diminuem essas mesmas forças (em termos políticos de obediência).



COMENTÁRIO

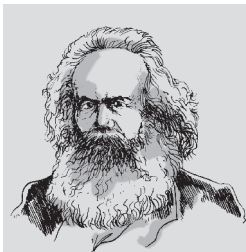
Observe que existe, na afirmação, um contraste em relação aos diferentes níveis de força do corpo, segundo Foucault. Ao mesmo tempo que, nesses séculos, aumentam as atenções sobre o corpo, porque ele é utilizado como força de trabalho e como um veículo de consumo para a economia, diminui o seu prestígio, porque o trabalho intelectual é mais valorizado do que o corporal.

CORPOS DISCIPLINADOS E SUBMISSOS

Entre os séculos XVIII e XIX, as relações sociais de trabalho sofreram profundas mudanças. O corpo individual, como unidade produtiva, passa a ser um instrumento a mais a ser meticulosamente controlado com o objetivo de se tornar útil ao capital.

Para a sociedade capitalista, passou a ser importante que os corpos dos trabalhadores fossem saudáveis, para produzir mais. Os aspectos biológicos e somáticos do corpo tornaram-se, portanto, valorizados.

Ao estudar as relações sociais do trabalho com o capital, o pensador **MARX** (1848) analisou o efeito do poder institucionalizado sobre o corpo, tentando resgatar o seu valor verdadeiramente humano, mesmo que circunscrito à situação de trabalho.



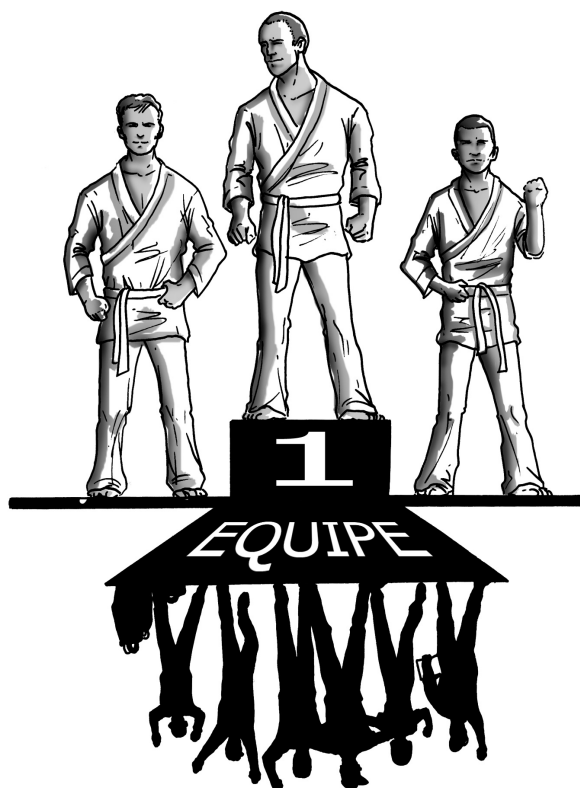
MARX

Economista, filósofo e socialista alemão, Karl Marx nasceu em Trier em 1818 e morreu em Londres em 1883. Enquanto na França estourava a Revolução, em 1848, Marx e Engels publicavam o folheto *O manifesto comunista*, primeiro esboço da teoria revolucionária que, mais tarde, foi chamada marxista. Depois da derrota de todos os movimentos revolucionários na Europa, Marx foi para Paris, de onde foi expulso, e seguiu para Londres. Em 1867, publicou o primeiro volume de sua obra mais importante, *O Capital*, livro predominantemente econômico, resultado dos estudos no British Museum, tratando da teoria do valor, da mais-valia, da acumulação de capital etc. Os volumes II e III de *O Capital* foram editados por Engels, em 1885 e em 1894.

Pesquisadores em História da Educação Física descrevem que essa área ajudou a fabricação de corpos disciplinados e submissos, voltados à produção. A formação de corpos fortes e atléticos, preparados para o trabalho e desfiles de marchas de guerra, comprova essa afirmação. Para esses pesquisadores, os profissionais da área de Educação Física ignoravam os sofrimentos impostos ao corpo do trabalhador proletário.

Em contrapartida, existem estudiosos que defendem, racionalmente, a eficiência da educação disciplinar imposta ao corpo, pois, por meio dela, o progresso econômico e os descobrimentos de novos mundos realmente avançaram. E você, concorda que a disciplina dos corpos, em particular, seja importante para o desenvolvimento das sociedades? A passagem do período Paleolítico para o Neolítico e o Mesolítico contou com a disciplina, ou seja, com a sistematização dos corpos? Que disciplina e por quê?

No campo do esporte, a valorização da disciplina e da vitória criou a necessidade de uma equipe subsidiando o atleta olímpico. Quando há um vencedor em uma Olimpíada, vencem, na verdade, o atleta, seu treinador e um grupo de pessoas envolvidas nas técnicas utilizadas na produção de instrumentos e de equipamentos.



As técnicas de preparação dos atletas, aperfeiçoadas com o decorrer do tempo, contribuíram para a construção das imagens atuais dos deuses olímpicos. O aerodinamismo pode ser um exemplo de técnica que tanto influenciou no ciclismo quanto no automobilismo, no sentido de proporcionar melhor postura ao atleta na bicicleta e nos modelos dos carros. No Brasil, incorporamos o aerodinamismo somente a partir de 1920; até os modelos das vestimentas foram influenciados. Os vestidos passaram a ser mais justos e longos, os chapéus tinham modelos aerodinâmicos e, no esporte, o modelo dos maiôs das atletas mudou para diminuir a resistência do ar na água. O olho humano foi, também, na técnica desportiva, substituído pelos cronômetros em algumas modalidades, desde o século XVIII, quando o inglês George Graham o fabricou.

Com a evolução, o corpo acaba tendo de se submeter à ação técnico-científica para uma busca de recordes e superação de limites. Essa obsessão pelos recordes leva a indústria farmacêutica a se dedicar a pesquisas de substâncias, como os anabolizantes, que aceleram e estimulam o rendimento, as performances dos atletas, como será visto em outra aula.

A importância que damos à força e à velocidade para a performance foi inspirada nos antigos gregos, que consideravam essas qualidades físicas como essenciais à performance. Esse pressuposto foi sendo, posteriormente, substituído pela importância de outras **QUALIDADES FÍSICAS**, além da força. A **FLEXIBILIDADE**, por exemplo, também denominada mobilidade articular, anteriormente associada somente à graça e à fragilidade femininas, foi incorporada ao trabalho físico dos homens em esportes aquáticos, como o surfe e o *windsurf*, nos desportos aéreos, como a asa-delta, e nos desportos terrestres, como a ginástica olímpica, principalmente na modalidade solo.

Hoje, mobilidade articular é também um dos sinais de avaliação da aptidão física voltada para a saúde e o refinamento, dentro e fora do esporte. Trataremos mais detalhadamente deste assunto em aulas futuras.

Outro fator que mudou no século XX foi a preocupação com a segurança do atleta (SANTOS, 1997). Para garantir os recordes, os riscos aumentaram e, com eles, o desenvolvimento de equipamentos de proteção, como capacetes, protetores de joelhos e de olhos.

QUALIDADES FÍSICAS

São qualidades e características do domínio psicomotor corporal que capacitam os movimentos: força, coordenação, equilíbrio, flexibilidade, a condição aeróbia e anaeróbia.



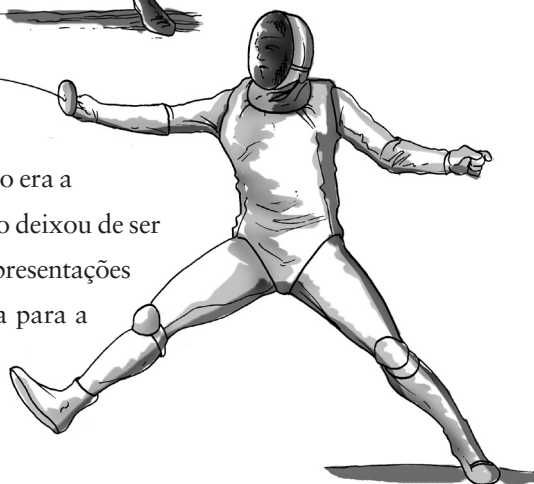
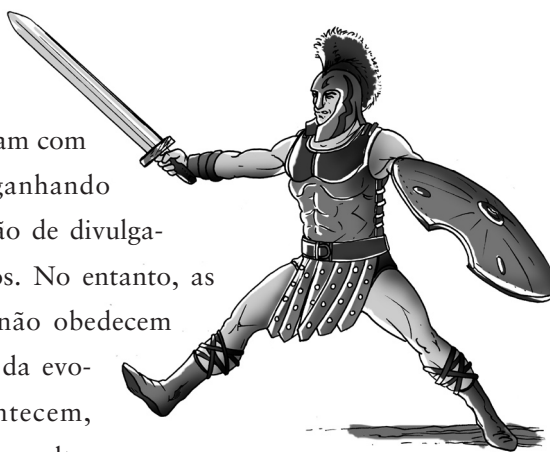
FLEXIBILIDADE

Conjugação de mobilidade articular e elasticidade muscular. Ela é específica para cada movimento corporal e muito importante para a saúde e a qualidade de vida das pessoas.

Muitas pessoas lucraram com a vitória de um atleta, ganhando dinheiro, poder e concessão de divulgação de produtos e serviços. No entanto, as modificações na cultura não obedecem tão cegamente a pressões da evolução tecnológica. Acontecem, também, reações de contracultura.

Os campeonatos alternativos, com regras menos rígidas, e as paraolimpíadas podem ser exemplos.

Nos primeiros Jogos Olímpicos, quando a guerra não era a forma ideal de se conseguir sustento, riqueza e bens, o corpo deixou de ser considerado mera necessidade de sobrevivência, e as suas representações foram se transformando. A musculatura, antes exercitada para a guerra, cedia lugar para o corpo com desenvolvimento físico voltado para o trabalho camponês. Se antes o corpo dos cavaleiros medievais precisava ser forte para sustentar as suas pesadas armaduras e apresentar destreza suficiente para manejar espadas e lanças pesadas e perigosas, o corpo do camponês, em contrapartida, era forte para enfrentar o trabalho pesado nas lavouras.



As guerras na Idade Média

A guerra, no tempo do Feudalismo, era uma das principais formas de se conquistar poder e terras; por isso, os senhores feudais envolviam-se em guerras. Os cavaleiros formavam a base dos exércitos medievais. Corajosos, leais e equipados com escudos, elmos e espadas, representavam o que havia de mais nobre no período medieval.

Com a transformação de uma sociedade guerreira em outra, voltada para o trabalho, o grego começava a conhecer a velhice, pois jovens que no outro regime poderiam ser mortos em combate ainda antes dos vinte anos agora viam a sua expectativa de vida aumentar, por estarem fora dos combates.

Poetas arcaicos

A palavra Arcadismo relaciona-se com o pastoreio e a vida bucólica, pois existia, na Grécia Antiga, uma região montanhosa chamada Arcádia, que os poetas antigos transformaram em "morada dos pastores". No século XVIII, quando se iniciou a reação contra os exageros do Barroco, os poetas resolveram chamar as agremiações que se reuniam para esse fim de Arcádia. Visavam à restauração da simplicidade e da sobriedade da poesia greco-latina e renascentista.

SOMATOTIPO

Expressão da cineantropometria (ciência que estuda as medidas antropológicas do corpo relacionadas com o movimento) para definir o formato do nosso corpo. É muito utilizada em seu lugar, erroneamente, a palavra “biotipo.”

Em relação à forma dos corpos, o **SOMATOTIPO** ressaltava a diferença entre os corpos do camponês e do aristocrata. Este último buscava nos jogos e na prática atlética o ideal de corpo que o diferenciaria do homem da classe camponesa, pois a ginástica era acessível apenas aos ricos.

No século XX, Charles Chaplin também ressaltou, em *Tempos modernos*, a diferença entre o corpo do trabalhador e o corpo do atleta (BETTO, 1994). Para ele, os trabalhadores agricultores realizavam trabalhos físicos, mas seus corpos eram contraídos, porque eram utilizados como ferramentas e máquinas de produção.

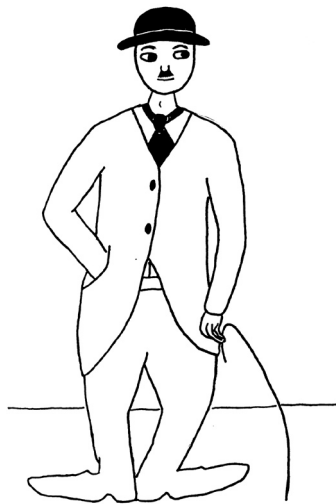


Ilustração confeccionada por uma aluna de 3ª série do Ensino Fundamental, depois de ter aula sobre o tema corpo e movimento e a posição de Charles Chaplin sobre o corpo em Tempos Modernos.



GIOVANNI BOCCACCIO (1313-1375)

Poeta italiano que escreveu, em prosa, sua obra mais importante, *Decâmeron*. Boccaccio trouxe para a Itália a obra de autores gregos e foi o primeiro biógrafo de Dante Alighieri.

Tanto na Idade Média quanto na Moderna, render-se aos prazeres do corpo e valorizá-los significava agir contra as regras da Igreja. Apesar disso, a beleza física era um constante atributo exaltado pelos artistas da época. A Igreja Católica dominava, então, o cenário religioso. Detentora do poder espiritual, ela influenciava o modo de pensar, a psicologia e as formas de comportamento e também tinha grande poder econômico, pois possuía terras em grande quantidade e até mesmo servos trabalhando.

GIOVANNI BOCCACCIO, autor do século XIV, exaltava em suas obras o vigor físico masculino e a suavidade da beleza feminina, muito embora o corpo, principalmente o da mulher, fosse considerado um meio para o pecado, e o seu valor, condenado pela Igreja. Um documento religioso cristão do século XV, *O martelo das feiticeiras*, serve de exemplo para esse fato.

Na sociedade feudal, as mulheres que desafiassem o Martelo das Feiticeiras eram consideradas bruxas e, devido a essa crença, seus corpos eram severamente castigados ou queimados na fogueira. Sua corporeidade era proibida de ser vivenciada com a mesma liberdade dos homens.



O matrimônio era um “pecado consentido” (CELLA,1997) por causa da reprodução da espécie. Felizmente, no ano 2000, a Igreja Católica, representada pelo Papa João Paulo II, pediu publicamente perdão aos fiéis pelas vidas e mentes que o poder eclesiástico anulou, matou, devido à discriminação racial e ao preconceito.

Assim como o dos homens, o modelo de corpo feminino feudal era forte. Elas tinham esse somatotipo por serem responsáveis por todo o trabalho da casa, enquanto os homens viajavam, caçavam e lutavam. Já no século XX, a mulher é representada pelo corpo frágil.

Na transição do Feudalismo para o Antigo Regime, a sociedade passou a se desregrar à medida que a ordem medieval não mais se estabelecia e a nova ordem não tinha ainda legitimidade institucional.

Os valores narcisistas e de consumo da cultura burguesa e a preocupação com a vida longa, a boa saúde e a higiene passaram a refletir um corpo não mais produtivo, e sim consumidor (o gênero feminino, à época sexo feminino, deixou de ser considerado tão inferior).

No século XVIII, as mulheres mostravam-se assexuadas, puras, “rainhas do lar”, tendo a **RAINHA VITÓRIA** como referência de corpo e de comportamento. O corpo deveria ser rechonchudo para procriar. Observe nos retratos da rainha Vitória que suas formas, quando jovem, eram arredondadas, e que seu corpo foi ficando ainda mais volumoso quando em idade mais avançada.



Figura 2.1: Retratos da rainha Vitória (http://www.sergiosakall.com.br/introducao/rainha_vitoria.html).

RAINHA VITÓRIA

Filha do duque de Kent e Victoria de Saxe-Coburg-Saalfeld, nasceu em 24 de maio de 1819, em Londres. Foi a última monarca a ter influência pessoal na política do Reino Unido. Realizou o mais longo reinado da história da Inglaterra. Intervinha pessoalmente em todos os assuntos de Estado, em especial no comércio exterior. Seu reinado ficou conhecido como a Era Vitoriana e marcou o apogeu do imperialismo britânico. Casou com o príncipe Alberto e teve quatro filhos e cinco filhas. Foi rainha da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte e imperatriz da Índia. Morreu com 81 anos de idade, de hemorragia cerebral.

As mulheres, nessa época, não gozavam de prestígio social, e o seu corpo, por ser diferente do corpo masculino, assustava a sociedade. Aristóteles acreditava que as mulheres eram homens defeituosos ou monstruosos porque as suas genitálias, contidas internamente, não tiveram a força e o calor suficientes para se desenvolver.



O homem pré-histórico e também os filósofos gregos, como Platão e Sócrates, não entendiam a diferença entre o corpo da mulher e o do homem. Aristóteles foi mais veemente em sua afirmação de que o corpo da mulher era deficiente.

Para o filósofo, as mulheres eram frias, fracas e equipadas corporalmente para gerar filhos. Por isso, ele as considerava seres de natureza privada, enquanto os homens eram considerados de natureza pública.

Essa teoria foi anulada por volta do século XVIII pelos fisiologistas, que afirmaram que os órgãos sexuais femininos eram distintos dos órgãos masculinos quando descobriram os ovários e a natureza do ciclo menstrual.

Você considera que a Ciência ajudou a diminuir o preconceito contra as mulheres? A ignorância leva ao preconceito? A Ciência, por exemplo, descobriu que é o espermatozóide que determina o gênero (sexo) dos bebês na fecundação, e sabemos que muitas rainhas foram traídas no passado, e até mortas, por, teoricamente, não conseguirem gerar um herdeiro homem para suceder ao trono. Infelizmente, apesar de a Ciência já conhecer esse fato em pleno século XX, mulheres ainda são criticadas ou abandonadas pelos seus maridos por não poder lhes conceber um filho homem, acreditando que essa é uma responsabilidade delas.

Assim como nos séculos anteriores, eram os filósofos que interpretavam as questões corporais. No século XIX e princípio do século XX, com Freud, passamos a interpretar a corporeidade e a sexualidade à luz da Psicanálise. A Psicologia passou a possuir essa prerrogativa.

O CORPO BRASILEIRO NO SÉCULO XIX

Apesar da diferente forma de interpretação das questões do corpo, no Brasil a aristocracia resistia às atividades físicas por estas não se identificarem como atividades da elite social. O trabalho intelectual ainda era mais valorizado.

Para a aristocracia, uma pele bronzeada pelo sol, ao ar livre, não era de bom alvitre, pois lembrava a classe trabalhadora. As adolescentes deveriam ter a pele alva e o corpo arredondado para se diferenciarem da pele e da forma da classe trabalhadora.

Para termos uma idéia mais precisa, quando a educação física começou a ser praticada no Brasil, em 1874, foi muito mal recebida pelos pais, que ameaçavam tirar suas filhas da escola para evitar que vestissem roupas apropriadas às atividades físicas e mudassem o seu somatotipo (ARAÚJO, 2001).

Os corpos dos escravos africanos que trabalhavam nos engenhos e os dos imigrantes asiáticos e europeus que eram trabalhadores na agricultura e nas primeiras fábricas contrastavam com os corpos dos ricos latifundiários das fazendas e da classe intelectual urbana do século XIX.

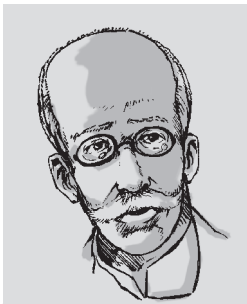
Esse contraste é objeto de diferentes pesquisas históricas na Educação Física. Os estudos denunciam que a abolição da escravatura e a transição não foram questões isoladas ou independentes; ambas compuseram uma estratégia política mais globalizante, que incluía a formação do mercado de trabalho.

Com o fim do tráfico negreiro e a expansão da lavoura cafeeira, começava a crise de mão-de-obra no Brasil. Para debelá-la, recorreu-se, então, à imigração europeia: uma troca de corpos. Onde não houve importação de estrangeiros, utilizou-se mão-de-obra nacional, que ficava em segundo plano.

RUI BARBOSA se insere nesse contexto, pregando que a educação escolar deveria moldar a grande massa constituída pelo povo (ANZAI, 1989) e a Educação Física poderia ajudar neste intento, fabricando a imagem do indivíduo forte, robusto, saudável e disciplinado, de que tanto carecia a nova sociedade brasileira em formação.

Nesse período econômico e social, ele viveu e compôs a sua obra pedagógica, como representante da intelectualidade da classe média. Assim, por volta de 1880, Rui Barbosa, na época deputado, divulgava os benefícios das atividades físicas, instituindo a ginástica nas escolas para ambos os sexos.

Infelizmente, ainda hoje, 131 anos depois que a Educação Física se iniciou regularmente no Brasil, e em pleno século XXI, presenciamos cenas de familiares educando suas filhas para discriminarem certas atividades consideradas inadequadas ao gênero feminino ou matricularem os seus filhos em certas modalidades desportivas por estas serem mais prestigiadas pela elite econômica e social e contarem com o apoio da escola.



RUI BARBOSA

Advogado, jornalista, jurista, político, diplomata, ensaísta e orador, nasceu em Salvador, em 5 de novembro de 1849, e faleceu em Petrópolis, RJ, em 10 de março de 1923. Foi membro-fundador da Academia Brasileira de Letras. Destacaram-se os seus trabalhos na redação do Código Civil. Em 1913, fundou o Partido Liberal e foi indicado para a presidência da República, candidatura de que desistiu. No ano seguinte, combateu o estado de sítio, numa série de discursos no Senado. Em 1922, proferiu o último discurso no Senado, concedendo o estado de sítio ao governo para dominar o movimento revolucionário.

SÉCULO XX E XXI

No século XX, depois das guerras, surgiram os movimentos feministas (1960 -1970), pregando a emancipação do gênero e da vida sexual.

Um dos mais famosos movimentos de contracultura de que se tem notícias sai da submissão do corpo feminino pela subversão puritana e platônica da “suspeição” do corpo, por meio do **MOVIMENTO HIPPIE**, nas décadas de 1960 e 1970. Nele, a corporeidade era vivida com liberdade irrestrita, por homens e mulheres.

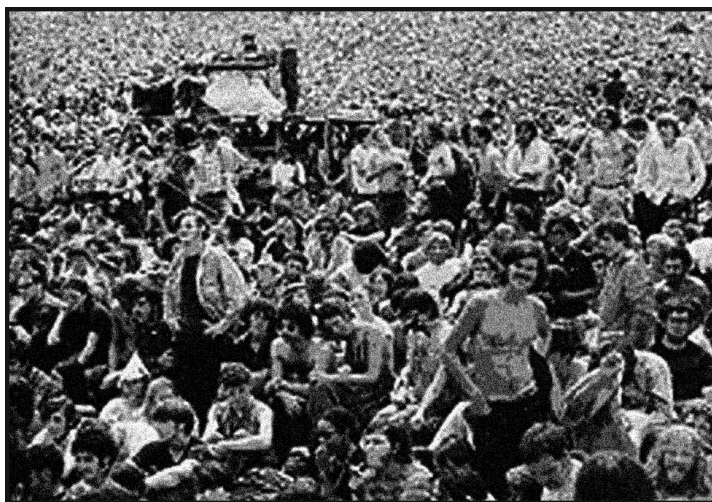


Figura 2.2: Foto do maior evento do movimento *hippie* americano: o festival de música denominado Woodstock em 1968 (<http://www.unificado.com.br/calendario/08/woodstock.htm>).

MOVIMENTO HIPPIE

Movimento de *contracultura* dos jovens norte-americanos, na década de 1960. Suas manifestações eram executadas de maneira pacífica, contrariando qualquer tipo de guerra; daí a frase “Faça amor, não faça a guerra”. Seus principais protestos eram contra a Guerra do Vietnã e o capitalismo. Os *hippies* foram muito discriminados, principalmente por pessoas conservadoras e ricas, devido ao uso abusivo de drogas, em especial o LSD, e também pela oposição ao capitalismo. Eles acreditavam em astrologia, tarô e magia; por isso, religiões como budismo e Hare Krishna tinham muitos adeptos dentre eles. Nesse contexto, a música foi muito importante, pois simbolizava os ideais do movimento. No Brasil, a maioria dos verdadeiros *hippies*, com intenções políticas contrárias ao regime político vigente, foi fortemente reprimida e migrou para as desertas praias baianas e para o interior de Goiás, onde alguns se encontram até hoje. Infelizmente, não foi só a ideologia de liberdade dos *hippies* que foi deixada para os brasileiros, pois outros legados, não positivos, foram o tráfico de drogas e o sexo despreocupado em relação às doenças e à gravidez. Atualmente, são poucos os jovens que seguem os ideais *hippies*, mas há, cada vez mais, jovens que buscam o fim da guerra, a liberdade, a igualdade entre os povos. O Fórum Social Mundial é um exemplo de movimento em que a maioria dos participantes são jovens vindos de todas as partes do mundo, podendo ser os novos *hippies* ou não, embora tenham o mesmo ideal: “Soluções para um mundo melhor.”



Figura 2.3: Fotos de compositores e grupos musicais brasileiros dos anos 1960 e 1970: Os Mutantes, Nara Leão, Caetano Veloso, Gilberto Gil (<http://www.unificado.com.br/calendario/08/woodstock.htm>).



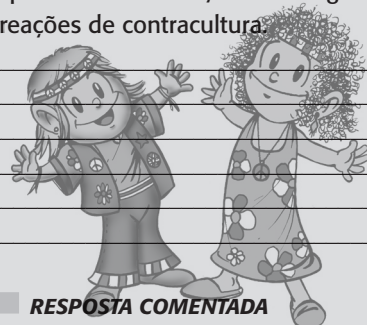
No movimento *hippie*, os corpos dos homens e das mulheres eram esqueléticos, descuidados e com pouca higiene, dando vazão a um corpo anárquico, desenvolvido para enfrentar o processo de civilização de controle. Eles acreditavam que pela liberdade na utilização de seus corpos estariam contrariando as normas burguesas americanas de consumismo.

No Brasil, vivíamos uma ditadura nessa época, e era impossível haver manifestações. O movimento cultural mais próximo ao *hippie*, no Brasil, foi o chamado Tropicalismo, na década de 1960, que, recorrendo ao deboche, à irreverência e à improvisação, revolucionou a música popular brasileira, que antes se restringia basicamente à bossa-nova. Os tropicalistas criticavam a forma ditatorial de governo e buscavam a liberdade de expressão do brasileiro, a liberdade de obter informações e de estar ligado ao mundo. Além disso, eles transformaram os gostos da época, não só em relação à música e à política, mas também ao comportamento (como, por exemplo, os mais variados movimentos estudantis), à moral, ao sexo e ao modo de se vestir. Infelizmente, a maioria dos praticantes do Tropicalismo foi perseguida, e alguns artistas, como Gilberto Gil e Caetano Veloso, foram exilados por apresentarem, em suas músicas, críticas contrárias ao regime de governo.

ATIVIDADE



2. Explique, a partir do parágrafo a seguir, a expressão *contracultura*, fazendo um paralelo com o movimento *hippie* dos anos 1960: Cada vez que um atleta vence, muitas pessoas ganham dinheiro, poder, divulgam seus produtos e serviços. No entanto, as modificações na cultura não seguem tão cegamente as pressões da evolução tecnológica. Acontecem também descompassos e reações de contracultura:



RESPOSTA COMENTADA

A expressão *contracultura* significa um movimento de resistência aos valores da cultura dominante. Os hippies são um exemplo de movimento de contracultura. Apesar do desenvolvimento tecnológico

de ponta e dos interesses econômicos que hoje permeiam os esportes, existem projetos esportivos que valorizam, por exemplo, a inclusão de portadores de necessidades especiais, a confraternização entre os jovens, afastando-os da ociosidade, os esportes ligados à valorização da cultura local dos municípios, contrariando os valores do esporte como competição e com tecnologia de ponta. Na escola, existe espaço para se desenvolverem movimentos de contracultura no esporte.

DISMORFIA

Transtorno psicológico que resulta na alteração da auto-imagem corporal, acompanhada de desenvolvimento muscular exagerado, predominantemente localizado nos membros superiores.

No final do século XX e início do século XXI, o corpo do homem volta a ser forte e musculoso. Surge o conceito clínico da **DISMORFIA** muscular, representada por uma alteração da auto-imagem da morfologia corporal (ARAÚJO, 2001), na qual os indivíduos desenvolvem uma preocupação patológica com sua conformação muscular, que afeta principalmente os fisiculturistas e aqueles que usam esteróides anabólicos, objetivando um ganho rápido e expressivo na sua massa muscular (OLIVARDIA, 2000).

Os indivíduos portadores desse quadro apresentam dificuldades de relacionamento social e/ou profissional e um alto grau de insatisfação com o seu próprio corpo. A forma feminina varia entre o corpo magro das modelos européias e norte-americanas e o corpo forte e musculoso da mulher que pratica exercícios físicos de fortalecimento muscular.



Em um estudo interessante, pesquisadores americanos do Hospital Johns Hopkins levantaram a relação entre peso e altura das vencedoras dos concursos de misses nos Estados Unidos, de 1922 a 1999 (RUBINSTEIN, 2000). Eles encontraram níveis progressivamente mais baixos de índice de massa corporal (IMC), chegando até a $16,9\text{kg/m}^2$, muito abaixo do critério de subnutrição clínica defendido pela ONU, decorrentes, primariamente, de uma redução superior a 10% no peso corporal das vencedoras ao longo dos anos.

Por outro lado, as revistas especializadas em *fitness* apresentavam e estimulavam um modelo de corpo feminino por meio de fotografias de mulheres que praticavam exercícios de fortalecimento muscular em alta escala e que alcançavam padrões de desenvolvimento muscular (hipertrofia muscular) nunca antes esperados. Paradoxalmente, os corpos da mulher e do homem nunca foram tão semelhantes!

Nos esportes, ainda que a prática desportiva não fosse uma novidade, as mulheres começaram a ampliar as suas participações em diferentes modalidades, mesmo que ainda fossem em número ainda menor que o de homens. Ciclismo, remo, natação, arco-e-flecha e saltos ornamentais foram as primeiras modalidades a serem disputadas por mulheres.

Essa participação gerou desconforto em determinados setores da sociedade brasileira, principalmente pelos conservadores, por causa da desmitificação do ideário do que é ser feminina.

Entendida como consumo cultural, a prática do “culto ao corpo” impõe-se, hoje, como preocupação geral, que atravessa todos os setores, classes sociais e faixas etárias, apoiando-se em um discurso que ora lança mão da questão estética, ora da preocupação com a saúde.

Como preocupação geral, o culto ao corpo está presente em todos os segmentos sociais; por isso, a maneira como ele se realiza em cada grupo é diversificada. Assim, a linguagem corporal, a vestimenta e o consumo alimentar são marcados socialmente pelo poder aquisitivo.

É possível entendermos a preocupação com o culto ao corpo como traço característico das sociedades contemporâneas. No fim da década de 1920, as indústrias de cosméticos, de moda e de publicidade de Hollywood passam a vender, como produto, o corpo esbelto, esguio. A combinação dessas quatro indústrias foi fundamental para a vitória do corpo magro sobre o gordo, no decorrer do século XX.

É possível identificarmos, ainda nesse século, três marcos importantes para o estudo do corpo: os anos 1950, 1960 e 1980. Nos primeiros, em virtude da expansão do tempo de lazer e da explosão publicitária no pós-guerra. Férias remuneradas, o abono de um terço de férias, a explosão dos *campings* e das praias contribuíram para a exposição do corpo. Nesse sentido, a explosão publicitária no pós-guerra foi a grande responsável pela difusão de hábitos relativos aos cuidados com o corpo, higiene, beleza e atividades esportivas. A imprensa revestia os atletas com um caráter mitológico, com os corpos que venderiam os seus produtos.

Se, no período anterior, os cuidados com o corpo visavam à exposição durante o verão, a partir da década de 1980 as práticas físicas passam a ser mais regulares e cotidianas, com a proliferação das academias de ginástica por todos os centros urbanos.

Surge a “geração saúde”, em oposição ao padrão de comportamento da geração anterior, e levantam-se bandeiras antidrogas, antitabagismo e antialcoolismo, ao lado da defesa da ecologia, do naturalismo e do chamado “sexo seguro”, fenômeno fortemente relacionado ao advento da AIDS.

As vestimentas, no século XX, foram marcadas pelo desnudamento e, por isso, cuidar do corpo era prepará-lo para ser mostrado. Muitos conflitos e escândalos surgiram e causaram polêmicas: a bermuda dos escoteiros dos anos 1920 causou espanto; os biquínis, nos anos 1950, geraram muitos conflitos entre pais e filhas; a minissaia dos anos 60 escandalizou. Somente o monoquíni dos anos 1970 ainda é tabu; contudo, bermuda como traje de passeio e camisa aberta, ou o tronco nu, eram indumentárias permitidas aos homens.

A mídia, como importante agente neste processo de culto ao corpo, lança, revistas como *Boa Forma* (1984) e *Corpo a Corpo* (1987). A percepção do corpo na sociedade contemporânea, então, é dominada pela existência de um vasto arsenal de imagens.

O cinema de Hollywood ajudou a criar novos padrões de aparência, e o mesmo pode ser pensado com relação ao texto televisivo que transmite imagens de corpos perfeitos e formas para alcançá-lo.

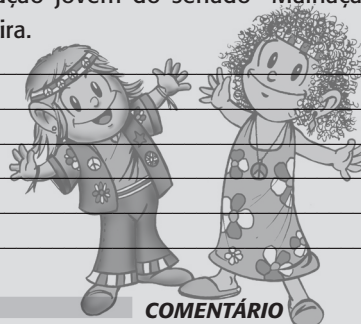
Nesse contexto, o programa televisivo denominado “Malhação”, muito estudado por pesquisadores da linguagem televisiva, é um exemplo de formação de opinião para milhares de jovens e muitas mães. Em

sua primeira versão, corpos “malhados”, expostos em um cenário de academia de ginástica, com personagens de classe média faziam-se integrantes da vida cotidiana contemporânea.



ATIVIDADE

3. Explique por que a representação de corpo da geração de jovens do movimento *hippie* e do movimento do Tropicalismo brasileiro é diferente da representação de corpo da geração jovem do seriado “Malhação”, atualmente veiculado na tevê brasileira.



COMENTÁRIO

A comparação deve ser feita em relação aos diferentes comportamentos dessas gerações no que se refere à concordância ou discordância dos valores sociais e políticos das épocas dos fatos. Você deve ter observado questões políticas de resistência ou de aceitação dos valores sociais vigentes. Nesse caso, seguiu o caminho certo para responder à questão, cumprindo o terceiro objetivo.

Em relação à mulher no esporte e nas atividades físicas, atualmente o cenário que encontramos é diferente. Mulheres participam de todas as modalidades nos Jogos Olímpicos e, mais recentemente, de equipes de póloaquático, lutas e times de futebol. A seleção brasileira feminina de futebol tem grandes patrocinadores.

Por outro lado, ainda existem preconceitos e discriminações em relação à condição sexual e à condição de beleza das jogadoras, além do preconceito de patrocinadores, resultando em uma magnitude financeira menor no patrocínio de mulheres, se comparado ao dos homens, para a mesma modalidade.

A mulher comum, nesta época, ou opta pelo corpo esguio das modelos ou pela forma hipertrofiada das fisiculturistas e ginastas; de qualquer maneira, a gordura corporal não é contemplada em nenhum desses dois modelos.

No formato de corpo das modelos, a beleza ectomorfa (formato de corpo linear predominante) é o objetivo, enquanto no modelo da mulher desportiva, hipertrofiada e mesomorfa (formato de corpo com hipertrofia muscular predominando), o paradigma exercício e saúde é o que parece estar sendo buscado, construindo um outro modelo de corpo e de beleza.

Concluimos, esperando que tenhamos alcançado a nossa meta de apresentar a você visões, interpretações do corpo e do movimento corporal entre os séculos XVIII e XX, esperando que consiga desenvolver um pensamento e uma visão histórica, com esta e com a aula passada, para aperfeiçoar a sua prática cotidiana.

ATIVIDADE FINAL

Faça tabelas (uma para cada período histórico) com três colunas cada uma. Nessa tabelas, denomine cada uma das três colunas, respectivamente, PERÍODO HISTÓRICO, FATO HISTÓRICO e OBSERVAÇÃO PESSOAL. Leia o texto da aula e vá preenchendo essas tabelas com, pelo menos, três fatos, ou de acordo com a sua percepção a respeito do que é relevante fixar para a sua vida cotidiana e profissional.

COMENTÁRIO

Essas tabelas poderão ser utilizadas, depois, para os seus estudos para as ADs e APs da disciplina. Nelas, você deverá fazer, cronologicamente, um resumo de fatos e observações importantes de cada período.

RESUMO

O século XVIII traz como novidade o poder que a disciplina, os métodos e a preocupação com o espaço têm sobre o corpo. Naturalmente, as atividades e os exercícios físicos estavam também refletindo a ordem do século. Daí ouvirmos que a Educação Física brasileira tem uma história de disciplina e rigidez militar. No século XIX, as relações sociais de trabalho sofreram profundas mudanças, como na Europa, onde o corpo individual, como unidade produtiva, passou a ser um instrumento útil ao capital.

No século XX, surgiram os movimentos feministas e os movimentos de contracultura. No movimento *hippie*, a corporeidade era vivida com liberdade irrestrita. No século XXI, o corpo do homem volta a ser forte e musculoso. Surge a indagação: A que corpo, afinal, é o referencial do século XXI: o musculoso dos dismórficos? O macérrimo das modelos? A busca do modelo de corpo bem condicionado fisicamente da “geração saúde” afirma-se como uma tendência atual de busca de comportamentos.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, vamos tratar dos aspectos socioantropológicos e culturais do corpo. Falaremos do papel do corpo e das atividades físicas na cultura das sociedades.

Aspectos sociais, antropológicos e culturais do estudo do corpo e das atividades físicas

AULA

3

Meta da aula

Apresentar os principais aspectos sociais, antropológicos e culturais que influenciam a visão de corpo e as atividades físicas de uma sociedade.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- avaliar a influência do pensamento racionalista na educação corporal;
- descrever como as Ciências Naturais, por meio do pensamento racionalista, encaram a realização das atividades físicas, e como as Ciências Sociais têm contribuído com este pensamento;
- listar os fatores que influenciam a sociedade na aceitação ou não das diferenças entre os corpos;
- definir o ideal de corpo de homens e de mulheres, segundo as demandas socioculturais do século XX.

Pré-requisitos

Para que você encontre maior facilidade na compreensão desta aula, é importante que tenha fixado alguns conhecimentos de História e Sociologia da Educação, contidos nas disciplinas Fundamentos da Educação.

INTRODUÇÃO

Nas aulas anteriores, verificamos que os estudos do corpo passaram por diferentes abordagens. Para os filósofos da Antigüidade, como Platão e Aristóteles, e medievais, como São Tomás de Aquino e Hobbes, o corpo era um instrumento da alma guiado pelos sentimentos e pelos deuses. Na Idade Moderna, século XVII, surgiu Descartes, alterando essa abordagem. Afirmava que o corpo e a alma eram substâncias diferentes e independentes, e que a mente, e não a alma, guiava o corpo. Daí surgiu o pensamento dualista cartesiano, separando o corpo da mente. A Revolução Científica, ocorrida entre os séculos XVI e XVII, sedimentou essa visão cartesiana, criando o método científico, que estuda os fenômenos, dividindo-os em partes, para a sua compreensão pelo método experimental, racional. Assim sendo, as ciências racionais da Natureza passaram a reger o Universo e seus fenômenos, anulando a influência dos deuses e da alma. No entanto, o filósofo Emmanuel Kant, no século XVIII, com o seu método de estudo, o criticismo kantiano, fez três importantes críticas sobre a Ciência e a Metafísica: a Crítica da Razão Pura, a Crítica da Razão Prática e a Crítica do Juízo. Nelas, ele aborda os limites do conhecimento, explicando que até a razão humana pode ser imperfeita e impotente para conhecer tudo sobre um determinado fenômeno, e advoga que o ideal seria a união do mundo das ciências da Natureza com o mundo moral do conhecimento sensível (que abrange as instituições sensíveis) e o mundo do conhecimento inteligível (que trata das idéias metafísicas) (WELSCH, 1988).

Esses estudos de Kant, com base na tradição racionalista ocidental, tornaram possível a realização de uma educação integral que inclui, hoje, a intelectual (cognitiva), a física (corporal) e a moral. No entanto, apesar de Kant defender a união entre os diferentes tipos de conhecimento, sem que um se sobreponha a outro, na tradição ocidental, a educação mental ou intelectual goza, ainda, de superioridade perante a educação corporal.

Até mesmo as teorias positivistas são mentalistas. Somente a psicanálise valoriza o corpo, não racionalizado, como elemento importante para o entendimento das ações humanas (BRACHT, 1999). Interessante é que até as teorias da construção do conhecimento e as da aprendizagem, com raras exceções, não considerem o corpo na aprendizagem.

Para estas teorias, é o intelecto que aprende, e, inclusive, as teorias sobre aprendizagem motora são, em parte, cognitivistas. O papel da corporeidade na aprendizagem foi historicamente subestimado, negligenciado (ASSMANN, 1996).

Os estudiosos da Educação Física, mais radicais em suas críticas, consideram que o crescimento do prestígio dos estudos do corpo, atualmente, se dá pelas necessidades produtivas (corpo produtivo), sanitárias (corpo “saudável”), morais (corpo deserotizado) e, ainda, pelas necessidades de adaptação e controle social (corpo dócil) (FOCAULT, 1994).

Nessa perspectiva, o corpo precisaria ser alvo de educação. Fica aqui uma reflexão. Você concorda que o prestígio dos estudos do corpo se deva somente a esses motivos acima? Como acontece na sua prática de vida e/ou profissional?

A EDUCAÇÃO CORPORAL É DE RESPONSABILIDADE DE TODOS NA ESCOLA

Ao começarmos esta aula, devemos esclarecer que a educação corporal (ou movimento corporal) não é atribuição exclusiva da Educação Física. Sem dúvida, à Educação Física é atribuída uma tarefa que envolve as atividades de movimento corporal. No entanto, a educação do comportamento corporal acontece, também, em outras instâncias e em outras disciplinas escolares. O currículo escolar, apresentado de forma hierarquizada e disciplinar, em vez de uma forma interdisciplinar, transfere essa responsabilidade apenas à Educação Física.

No século XX, saímos, gradativamente, de práticas com enfoque biológico, por meio da racionalização, para um controle de caráter psicológico, por meio da estimulação e do enaltecimento do prazer corporal.

Muitos estudos citam a década de 1960 (COURTINE, 1996; LE BRETON, 1995) como o momento mais importante dessa mudança. O esporte, assim como a ginástica, é considerado um fenômeno polissêmico, ou seja, apresenta vários sentidos, significados e ligações sociais.

A entrada mais decisiva das Ciências Sociais e Humanas na área da Educação Física permitiu uma análise crítica do paradigma da aptidão física. Esse viés encontra-se num movimento mais amplo denominado Movimento Renovador.

O movimento humano não é somente biológico, mecânico; também não se configura apenas na dimensão psicológica. O movimento humano é um fenômeno histórico-cultural, mesmo que a leitura do corpo e das atividades físicas, dos movimentos corporais humanos, esteja permeada pelas Ciências Sociais e Humanas.

Vivemos um momento de transição na cultura ocidental, caminhando para uma cultura pós-moderna, que não admite as simplificações dos fenômenos, como pregava o pensamento racional. Por isso mesmo, esse momento apresenta-se como um desafio. Devemos evitar simplificações em qualquer âmbito, seja cultural, biológico ou psicológico. Negar qualquer uma dessas ciências que estudam e interpretam o corpo e as atividades físicas é uma postura simplista, e não de entendimento complexo. Não é essa a postura que pretendemos ter aqui. Por isso, reiteramos a importância do conceito de complexidade de Edgard Morin (1995), que abordamos na primeira aula. Você lembra?

O quadro teórico das propostas pedagógicas em Educação apresenta-se, hoje, bastante diversificado. Contudo, a prática pedagógica das escolas brasileiras, em todas as áreas, ainda resiste a mudanças. A Educação Física, em geral, valoriza muito, na escola, o paradigma da aptidão física e esportiva, embora, nas últimas duas décadas, várias tendências tenham sido manifestadas: a desenvolvimentista, a crítico-superadora, a crítico-emancipatória – influenciadas por Paulo Freire (KUNZ, 1991) –, a dialógica, a de aulas abertas e outras, como veremos na Aula 7.

ASPECTOS SOCIOCULTURAIS DO CORPO E DAS ATIVIDADES FÍSICAS

Nesta aula, trataremos dos aspectos socioculturais das atividades físicas e do corpo, assim como dos aspectos biológicos do mesmo, em outras aulas. Tentamos ser coerentes com o princípio de Morin (1995), ao valorizar os aspectos biológicos dos fenômenos sem dar uma visão sectária a seu respeito.

Não podemos ignorar a visão biológica do corpo, porque o tempo de vida do ser humano tem aumentado significativamente. Viver até 60 anos, hoje em dia, já não é uma grande vitória, pois a média atual de expectativa de vida nos países desenvolvidos gira em torno de 80.

As pesquisas nas áreas médicas fornecem dados que permitem inferir sobre o potencial genético do homem para viver até os 100 anos (ASTRAND, 1994). Ao reconhecermos que a prática de atividades físicas está ajudando nesse contexto, no que diz respeito aos **PROCEDIMENTOS PRIMÁRIOS** (nas escolas, nas academias, nos esportes, nas ruas, nas praças) e aos **PROCEDIMENTOS SECUNDÁRIOS** (utilizando o exercício físico para o

PROCEDIMENTOS PRIMÁRIOS E SECUNDÁRIOS

Termos utilizados nas ciências biológicas para significar “prevenção de doenças”, no caso dos primários, e “tratamento de doenças”, no caso dos secundários. Aqui, significa dizer que atividades e exercícios físicos ajudam a prevenção e o tratamento de doenças hipocinéticas, respectivamente, que surgem por causa de vários fatores de risco, dentre eles o sedentarismo.

diagnóstico e tratamento de doenças causadas por HIPOCINESIA), não podemos ignorar a área biológica.

Contudo, para se viver bastante, níveis dignos de sobrevivência e de direitos humanos devem ser respeitados, e o cidadão deve ter acesso aos avanços científicos e tecnológicos das diferentes áreas direcionadas à saúde (ARAÚJO, 2002).

Programas de incentivo à prática de atividade física precisam ser desenvolvidos por políticas públicas (JOHNSON, 1996; PATE, 1995). Não adianta, entretanto, estimularmos as pessoas a se exercitarem se, principalmente nas grandes cidades brasileiras, cada vez que um jovem sai de casa, corre mais risco de morte do que se estivesse em países com conflitos sérios de religião, terrorismo etc. A situação da segurança pública é fundamental para o cidadão sentir-se estimulado a sair para caminhar à noite ou no fim de semana pelos arredores de sua residência, sem temer. Exercermos o direito de ir e vir; e existir, naturalmente, deve ser condição primária para que a prática de exercícios seja possível.

O resgate e a incorporação do hábito de nos movimentarmos devem estar inseridos no planejamento da família e na educação infantil. Essa necessidade ocorre por dois fatores: social, quando se proporciona ao homem o direito de estar ativo fisicamente em grupo, e econômico, quando se constata que os custos com a saúde individual e coletiva diminuem em populações fisicamente ativas.

O ato de exercitar-se precisa estar incorporado não somente ao cotidiano de algumas pessoas, como, também, à cultura popular. Infelizmente, as crianças e os jovens brasileiros estão muito mais envolvidos com as culturas de outros países do que com a brasileira. Isso acontece nas músicas, nas danças, no vestuário e na alimentação.

Desde o Império, por exemplo, as classes privilegiadas importavam modelos e tendências de roupas européias, e nós as incorporamos em nosso cotidiano. As vestimentas da moda européia não eram compatíveis com o nosso clima, porém, como eram utilizadas pela família imperial, o povo deveria usá-las também (ARAÚJO, 2004). O colete íntimo feminino denominado espartilho, o jeito de vestir roupas pesadas e muito rodadas, as cores escuras, o exagero do uso de tecidos grossos e impróprios ao clima tropical são exemplos. Observe, na ilustração, como os escravos estão vestidos de acordo com o clima e como a elite se vestia com muita roupa, significando prestígio social.

HIPOCINESIA

Termo que significa “pouco movimento”. As atividades hipocinéticas apresentam pouco ou quase nenhum movimento.



Já nas danças, temos forte influência ameríndia, africana e europeia, que fizeram a história da cultura do nosso país. Esse processo de interação de cultura não é resultado apenas da globalização. Afinal, desde as Grandes Navegações, o homem passou a conhecer outros povos e a sofrer com choques socioculturais. Com os descobrimentos, a cultura do colonizado misturava-se com a do colonizador. Na colonização do Brasil, muitos portugueses ficavam perplexos com os nossos costumes. Por ocasião das celebrações de Pentecostes, por exemplo, o canto dos africanos lhes soava monótono e pobre, acompanhado por instrumentos desconhecidos. A dança, no entanto, parecia-lhes de grande sensualidade. Observavam que, nos rituais de dança, as mulheres permaneciam de um lado do terreiro, acomodadas no chão, enquanto os homens se localizavam do outro lado, sentados em bancos de madeira. Aos poucos, os pares se formavam e se dirigiam ao centro do terreiro, e faziam movimentos cadenciados de choques com o baixo-ventre contra o baixo-ventre do parceiro, o que, no país colonizador, era considerado muito indecente. O que para os europeus parecia bizarro, para os negros era apenas a dança popular *umbigada*, um dos passos da *coreografia do lundu*, muito apreciada e praticada no Brasil, tanto pelas classes mais baixas quanto pelas elites.

A EXPECTATIVA SOCIAL PARA A APARÊNCIA DO NOSSO CORPO

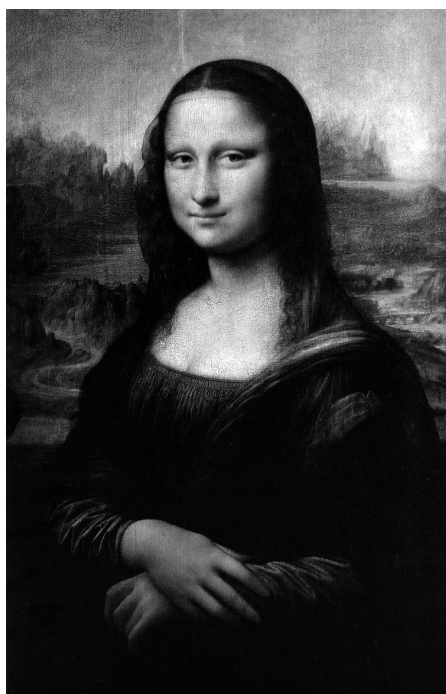
O corpo humano apresenta extrema diversidade, tanto nos homens como nas mulheres. Isso se revela nos encontros de culturas, que ocorrem há muitos séculos. Nesse contexto, a cultura popular, segundo Marilena Chauí (1988), representa um caminho para a libertação da dominação

cultural. Isto não significa que a cultura popular negue ou se contraponha à cultura dominante, mas que a interiorize e a reproduza ao aceitá-la, criando, também, formas de negá-la e de recusá-la, organizando a realidade segundo os olhos da maioria dos brasileiros.

Diferenças étnicas, resultantes de características específicas de vários genes, levam a aparências bastante distintas de corpos entre os seres humanos.

Para cada grupo étnico, em contextos socioculturais próprios (e específicos para uma determinada época), haverá um determinado padrão corporal mais valorizado e, em alguns casos, considerado perfeito.

Exemplos claros dessa situação são as “musas” retratadas no passado – rainha Vitória, Monalisa etc. –, que, em função de sua gordura corporal, seriam, certamente, consideradas não atraentes e, até mesmo, obesas nos tempos atuais.



Uma explicação interessante e provável para a valorização da gordura pode ser exemplificada com um fato ocorrido há cerca de 20 anos, durante uma reunião da Organização Mundial da Saúde, em Genebra, para discutir políticas de prevenção e controle da hipertensão

arterial no mundo. Um médico brasileiro que representava nosso país nessa reunião, Dr. Cláudio Gil Araújo, em uma de suas conferências pelo Brasil, relatou que uma das conclusões da reunião foi que, para cada país, haveria abordagens diferentes para o controle da hipertensão arterial.

Os ugandenses, por exemplo, afirmaram, nessa reunião, que seria impossível estimular a população de Uganda a perder peso para prevenir ou controlar a pressão arterial. Para essa população, ser gordo significava, em locais e momentos de carência e pobreza, um sinal de riqueza ou opulência, portanto, bastante valorizado socialmente.

O lado masculino retratado nas pinturas e esculturas do Renascimento, contudo, nem sempre privilegiou a gordura. Leonardo da Vinci foi, talvez, o maior exemplo de artista com uma rigorosa noção (e até obsessão) de anatomia e de proporcionalidade.

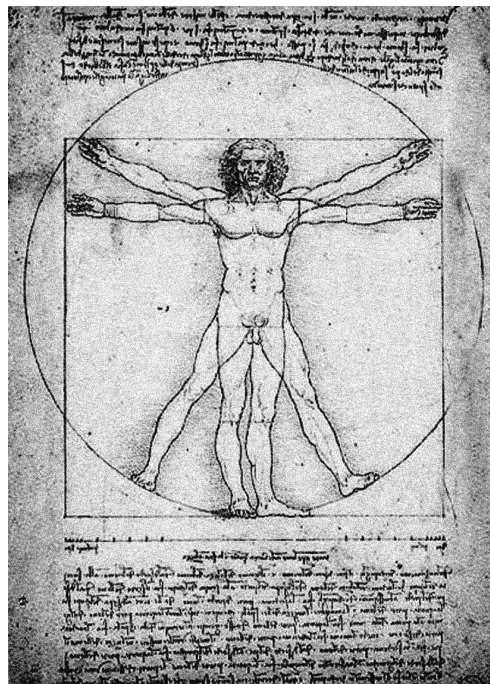
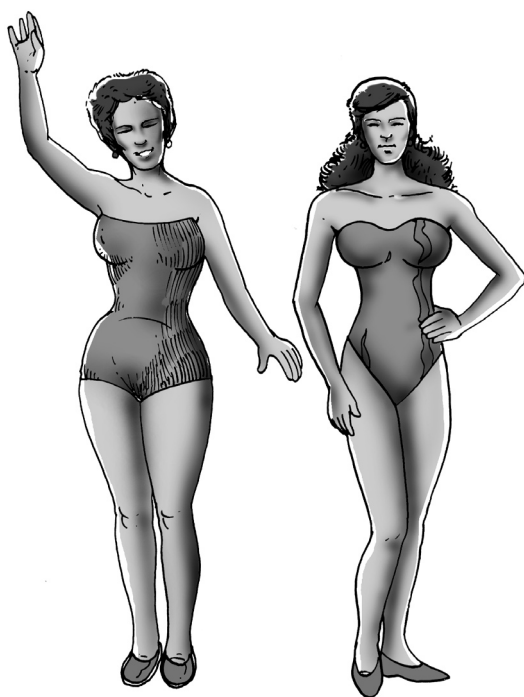


Figura de Leonardo Da Vinci, demonstrando a proporcionalidade corporal.

Talvez essa outra visão do corpo, com maior ênfase em proporcionalidade corporal, músculos mais desenvolvidos e menor quantidade de gordura, tenha relação com a figura do homem guerreiro ou atleta, tal como se observa nas figuras que retratam os Jogos Olímpicos da Era Antiga.

No caso das mulheres, atualmente, a preferência recai sobre um corpo esbelto e esguio com grande **LINEARIDADE RELATIVA** (que é artificialmente aumentada pelo uso de sapatos altos). O objetivo consiste em transformar as suas aparências na passarela em um “cabide de roupa”. Assim, o modelo da roupa se destaca mais do que o corpo da modelo.

A preferência pela linearidade pode ser nitidamente observada nos dados publicados num artigo do *Jornal da Associação Médica Americana*, no ano de 2000. Nesse artigo, a partir dos dados da relação entre altura e peso corporal das vencedoras dos concursos de *Miss America*, desde o início do século, constatou-se que houve um aumento progressivo da linearidade das vencedoras ao longo dos anos.



Tal atitude, provavelmente, reflete-se também no fascínio das meninas, há mais de 40 anos, pela boneca Barbie. Essa boneca, desde a sua primeira edição, em 1957, sempre apresentou um modelo de corpo extremamente linear (exposto sempre na ponta dos pés).

Comparando a atitude masculina e a feminina de vaidade para com o corpo, ao longo do tempo, verificamos que os padrões de referência estética têm mudado, tanto para os homens como para as mulheres.

LINEARIDADE RELATIVA

Conceito antropométrico de formato de corpo.

A linearidade ocorre quando não existe proporção entre a largura e o comprimento de algo. Um alfinete possui enorme linearidade, porque sua largura é desproporcional ao seu comprimento.

Já a bola é o objeto de menor linearidade possível, porque seus raios são idênticos, resultando em um formato proporcional sendo então, não-linear.



As mulheres, historicamente, prestam mais atenção ao seu próprio corpo do que os homens aos deles; contudo, isso vem mudando, e os homens, especialmente os mais jovens, já se preocupam bastante com a sua aparência corporal.

As mulheres continuam privilegiando a mínima gordura corporal e a extrema linearidade; todavia, começa a haver uma receptividade maior à presença de músculos bem “definidos”, qualquer que seja o significado real dessa expressão, do ponto de vista médico.

Já os homens definitivamente passaram a valorizar, cada vez mais, a posse de músculos aparentes e proeminentes. O padrão *washboard* (“tanque de lavar roupas”) para a aparência do abdome é o sonho de muitos adolescentes.



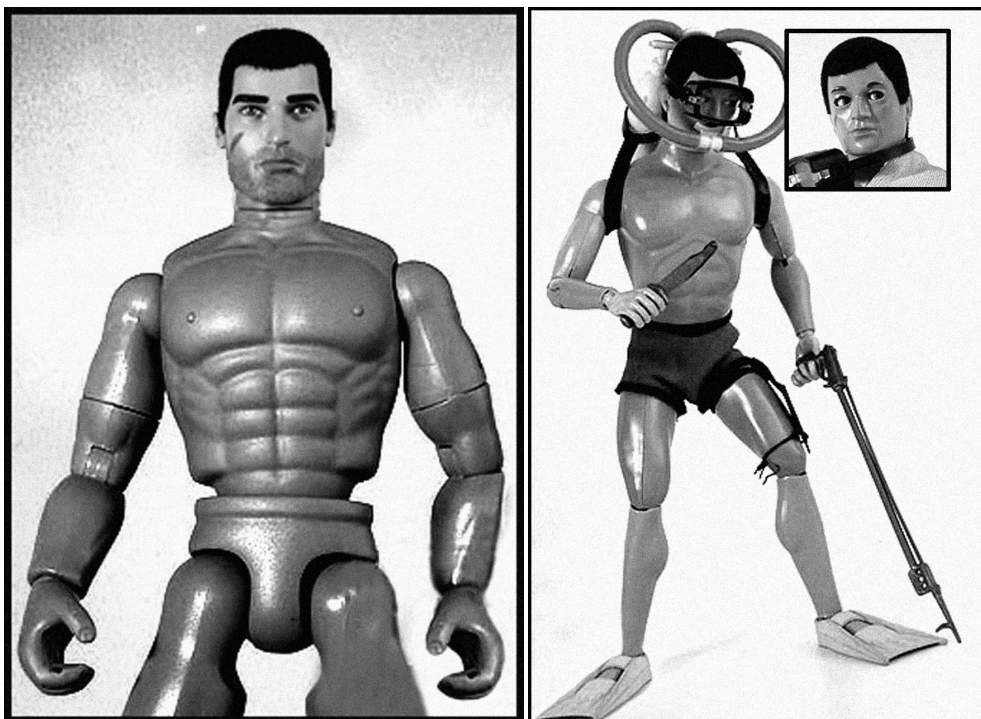
Como os braços aparecem mais do que as pernas (não estamos falando das coxas, mas sim da parte que fica abaixo dos joelhos), verifica-se uma tendência à desproporção entre os membros do corpo: os braços são mais fortes (com maiores perímetros) do que as pernas.



O corpo humano apresenta proporções entre as suas diversas partes. O estudo das medidas antropométricas, das proporções, do tipo físico (somatotipo) e da composição corporal é abordado pelo ramo do conhecimento denominado cineantropometria (HILL, 1988).

As mulheres mudaram muito o seu ideal de formato de corpo desde a Grécia Antiga, valorizando padrões antagônicos. Hoje, querem ser mais parecidas com a boneca Barbie do que com a rainha Vitória, como já comentamos, exibindo, geralmente, um corpo de “ninfeta” ou forte como o dos homens, chegando a ser comum a realização de concursos de hipertrofia da massa muscular feminina.

Assim como o somatotipo da boneca Barbie influenciou o ideal do corpo feminino, as mudanças nas medidas dos bonecos para meninos espelham uma mudança do padrão estético masculino desde a década de 1970 até hoje. Há alguns anos, uma matéria jornalística comparou o boneco *Falcon*, de 1974, com o modelo do boneco *Action Man*, de 2001; vimos que o *Falcon* era forte, com músculos característicos de exercícios de hipertrofia muscular, enquanto o *Action Man* apresentava uma musculatura não somente hipertrofiada, mas muito provavelmente anabolizada.



Action Man

Falcon

O que a educação infantil está fazendo para a conscientização das crianças, no sentido de se contrapartir a estes fatos? Quando a procura do corpo perfeito se transforma em uma obsessão, esta obsessão afeta a saúde?

Após dissertarmos, nesta aula, sobre os aspectos sociais, antropológicos e culturais do corpo e das atividades físicas, trataremos do impacto que estas atividades físicas têm na nossa saúde.

Saúde não se caracteriza apenas como um estado de ausência de doenças nos indivíduos, mas como um estado geral de equilíbrio, nos diferentes aspectos e sistemas que caracterizam o homem: social, emocional, mental, intelectual e biológico, psicológico, respectivamente, resultando em sensação de bem-estar.

Ao ouvimos a expressão *qualidade de vida*, podemos ter uma idéia conceitual sobre ela, mas defini-la não tem sido tarefa das mais fáceis. Para o senso comum, a palavra qualidade significa uma coisa boa. Todavia, se observarmos a definição expressa no *Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, encontraremos a palavra qualidade como uma “propriedade, um atributo ou uma condição das coisas ou das pessoas, capaz de distingui-las umas das outras e de lhes determinar a natureza”. Observaremos, contudo, que esse atributo ou condição pode ser positivo ou negativo.

Ao falarmos na relação entre a atividade física e a qualidade de vida, precisamos estar conscientes de que essa relação pode ser negativa, seja pela ausência de resultados positivos para a saúde, seja pela ausência de atividade física ou também por efeitos deletérios (causados por acidentes, e por supertreinamento, por exemplo) que a atividade física pode causar à saúde e, conseqüentemente, à qualidade de vida do cidadão.

Quando ampliamos os efeitos de uma vida fisicamente ativa para além da saúde e situamos os efeitos do exercício adequadamente realizado, como fator indispensável para a melhoria da aptidão física e responsável pela melhoria da qualidade de vida de um dado indivíduo, estamos partindo da premissa de que uma pessoa inativa e sedentária não tem boa qualidade de vida.

Contudo, a classificação de uma qualidade de vida boa ou ruim está diretamente relacionada à maneira de o indivíduo entender o sentido da vida. Talvez um homem de 30 anos, intelectual, artista plástico,

fumante moderado, com nível normal de estresse inerente à profissão e sedentário seja um candidato, em potencial, a contrair doenças crônico-degenerativas. Entretanto, se indagado sobre o seu nível de qualidade de vida, talvez responda que o considera bom e que esteja satisfeito.

Todas estas diferenças de opinião surgem de um atributo cultural que denominamos *valor*. Daí vem a importância de valorizarmos os efeitos culturais e sociais nas visões e interpretações dos fenômenos.

Como afirmou Claude Riviére em sua obra *Os Ritos Profanos* (1997), o homem, quando está com um nível regular de saúde, em geral, não observa o seu corpo, mantendo-se inconsciente da condição real em que ele se encontra, pois lhe falta percepção corporal adequada. O sentimento de encarnação é relegado. Somente quando é acometido de alguma doença, volta a sua atenção para as necessidades do corpo. Neste sentido, a questão da qualidade de vida passa até mesmo pelas expectativas (baixas ou altas) das pessoas em relação à sua vida e à sua saúde.

Todavia, o termo *qualidade de vida* diz respeito a um nível de qualidade, respeitando as expectativas do indivíduo, mas, principalmente, considerando os padrões esperados para o seu gênero, idade, condição socioeconômica e valores éticos e culturais da sociedade brasileira.

A qualidade de vida pode existir em termos individuais, em grupos ou em grandes populações. Os domínios de qualidade de vida mais frequentemente descritos na literatura dividem-se em quatro categorias:

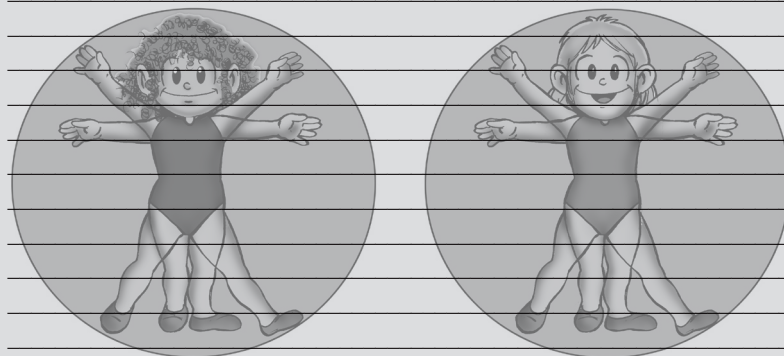
- condição física e habilidades funcionais;
- condição psicológica e sensação de bem-estar;
- interação social;
- fatores e condições econômicas.

Embora esses quatro fatores devam ser considerados quando avaliamos a qualidade de vida de um indivíduo ou de um grupo de pessoas, em países em desenvolvimento, como o Brasil, devemos, provavelmente, considerar um outro fator: os direitos humanos (isto é, direito à educação, à moradia, ao trabalho, ao emprego, à segurança pública) (ARAÚJO, 2004). Sem esses direitos básicos e primários garantidos, não podemos sequer iniciar uma avaliação sobre os níveis de qualidade de vida das pessoas.



ATIVIDADES

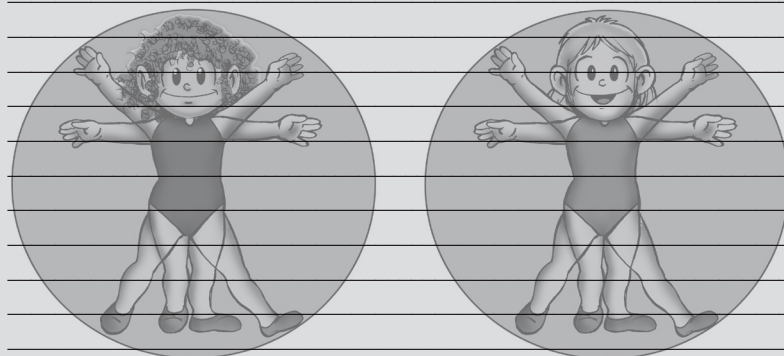
1 Crie um diálogo entre as nossas personagens, Lambiscaia e Burunga, e uma professora, D. Dalva, com base no entendimento dos cinco objetivos específicos desta aula.



COMENTÁRIO

Nesse diálogo, o mais indicado é que você destaque pontos que considerou importantes durante a aula e que podem servir para direcionar a sua prática como professor, no sentido da valorização das atividades corporais na escola, da cultura brasileira, das atividades físicas para a otimização da saúde e da respeitabilidade individual de cada formato de corpo.

2 Faça um pequeno texto sobre três aspectos que influenciam a visão de corpo e das atividades físicas de uma sociedade.



COMENTÁRIO

Você deve desenvolver essa resposta incluindo os aspectos culturais, antropológicos e sociais, podendo dar exemplos citados no texto ou citando exemplos de seu cotidiano. Seria importante, ao apresentar essa atividade e, depois de discuti-la com seu tutor, acrescentar outros exemplos surgidos da sua conversa.

RESUMO

Apesar da diversidade étnica e cultural, o corpo humano sempre foi retratado, na cultura ocidental, como um corpo forte, com baixo percentual de gordura. Algumas culturas, no entanto, consideram que a gordura representa opulência e poder.

A figura do corpo, com maior ênfase em proporcionalidade corporal, músculos mais desenvolvidos e menor quantidade de gordura, talvez esteja relacionada com a figura do homem guerreiro ou atleta, tal como se observa nas figuras que retratam os Jogos Olímpicos da Era Antiga.

Por outro lado, as mulheres buscam, cada vez mais, a linearidade como modelo de corpo.

A classificação de uma qualidade de vida boa ou ruim está diretamente relacionada com a maneira de o indivíduo entender o sentido da vida. Todas estas diferenças de opinião surgem de um atributo cultural que denominamos valor. Daí vem a importância de valorizarmos os efeitos culturais e sociais nas visões e interpretações dos fenômenos.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula tratará dos aspectos políticos do corpo e do direito que o cidadão tem de movimentar-se. Essa aula dará subsídios para muitos debates que podem ser feitos no seu pólo e na sua escola.

Aspectos políticos do esporte e do corpo

AULA

4

Meta da aula

Mostrar como os aspectos políticos influenciam a vivência do corpo e do esporte e vice-versa.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- citar três situações em que o esporte foi utilizado para fins políticos;
- avaliar a utilização do corpo para fins ideológicos e políticos;
- descrever como o corpo humano ajuda na construção de um mito ou de um mártir.

Pré-requisitos

As disciplinas Fundamentos da Educação 1, 2, 3 e 4 retratam os aspectos filosóficos, psicológicos, históricos, antropológicos, sociais e políticos da Educação. Esses conhecimentos ajudarão você a articulá-los com o conteúdo desta aula.

INTRODUÇÃO

Utilizamos a palavra política para demonstrar uma atividade específica realizada por um certo tipo de profissional ou para significar uma ação coletiva com um objetivo comum. A política, como profissão, é uma ação com a qual o profissional se relaciona com o poder, para obter um bem comum.

Podemos utilizar a palavra política com outros sentidos – política sindical, política de empresa, política universitária. Nessas expressões, não nos referimos à profissão. Esses termos invocam como as instituições definem a sua direção e o modo de participação na sociedade.

Para a professora de Filosofia Marilena Chauí (1996), a palavra política pode ter três significados: o de governo, entendido como direção e administração do poder público, sob a forma de Estado; o de atividade, realizada por especialistas pertencentes a um certo tipo de organização sociopolítica, como os partidos, que disputam o direito de governar, ocupando cargos e postos no Estado; o de uma conduta duvidosa (derivado do segundo sentido), não muito confiável, com interesses particulares obtidos por meios ilícitos, utilizando essa palavra com um sentido pejorativo.

A palavra política tem origem grega - *ta politika* - originada de pólis (cidade), e designava os negócios públicos dirigidos pelos cidadãos.

POLÍTICA E ESPORTE

Definimos o que entendemos por política para apresentar como o esporte e o corpo podem ser utilizados para fins políticos. O esporte e a educação física tiveram, em diversos momentos da História, uma função ligada aos interesses políticos e estratégicos das instituições sociais e dos Estados.

Na Antigüidade, a prática do esporte não tinha uma finalidade política, apresentando como objetivo apenas o jogo em si mesmo. Já na Grécia Antiga, além de possuir valores morais e pedagógicos, o esporte era utilizado, na época escolar, como preparação militar para os jovens. Os espartanos eram guerreiros. Para eles, a ginástica e os jogos, juntamente com a educação moral religiosa, deveriam estar submetidos ao Estado. Os atenienses também valorizavam o esporte e os jogos, mas priorizavam o exercício da política. Os jogos gregos tinham caráter predominantemente político e religioso, sendo homenageados, neles, os deuses do Olimpo. Os Jogos Olímpicos proporcionavam o intercâmbio cultural entre as cidades-estado gregas e eram realizados para celebrar a paz entre os povos gregos (GODOY, 1996).

OS JOGOS ROMANOS E A POLÍTICA DO PÃO E CIRCO

Os Jogos Públicos surgiram em Roma, configurados em grandes espetáculos realizados nos circos e anfiteatros, onde ocorriam lutas entre gladiadores, corridas de bigas, combates com feras e as tristes e famosas execuções.

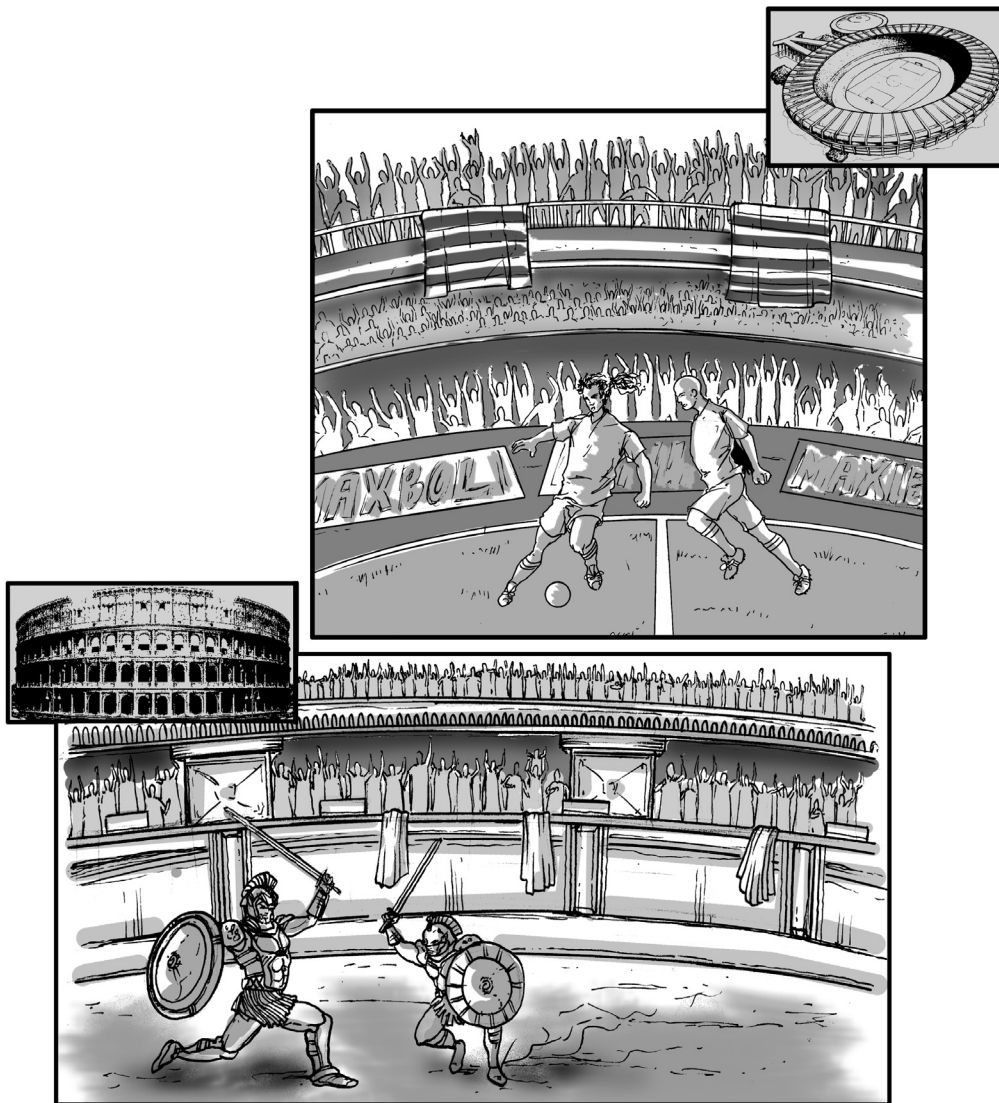
Na época do Império Romano, os Jogos foram utilizados como estratégia da *Política do Pão e Circo* para alienar a população diante das ações antipopulares do Imperador (GRIFI, 1989).

Empregou-se o termo “política do pão e circo”, na cultura romana, para os jogos religiosos realizados em grandes circos e anfiteatros, nos dias de festas sagradas e feriados. Esses jogos eram oferecidos pelos governantes romanos ao povo e serviam para aliviar as tensões sociais.

A função alienadora e a utilização política dos Jogos Romanos, que já era aplicada durante a República grega, simbolizavam a pacificação entre os patrícios (aristocratas) e os plebeus (povo). No entanto, somente durante o Império Romano, os jogos alcançaram o seu apogeu, tornando-se grandes espetáculos e reunindo milhares de pessoas (RAMOS, 1982).

Os Jogos tiveram papel importante durante o Império Romano. Numa época de grandes conquistas territoriais e expansão externa, as políticas sociais internas, muitas vezes, eram sonegadas, causando a ira da população. Para evitar rebeliões e manifestações populares, os imperadores adotaram a Política do Pão e Circo (*panis et circences*). Nessa política, o calendário de jogos foi expandido, chegando ao incrível número de 175 dias festivos, quando eram realizados os jogos e oferecidas cotas de pão à população.

O uso do espetáculo dos Jogos Públicos, como ferramenta política dos governantes romanos, é análogo à instrumentalização sofrida pelo esporte na era contemporânea, quando a mídia bombardeia os espectadores com notícias esportivas, causando um desvio de atenção das pessoas dos assuntos importantes relacionados à política e ao cotidiano. Alguns cientistas políticos afirmam que a Copa do Mundo de Futebol de Campo, de 1970, foi utilizada, no Brasil, para distrair a atenção do povo das torturas que aconteciam nos porões da ditadura militar sob a qual vivíamos.



No século XIX, uma série de eventos reafirmou a instrumentalização política do esporte e da ginástica. Inspirados pelas idéias iluministas, vários filósofos e pedagogos desenvolveram métodos de treinamento físico que culminaram com o surgimento das escolas ginásticas européias.

As escolas ginásticas incitavam o nacionalismo e foram amplamente utilizadas na preparação militar, servindo, assim, de instrumentos militares nas guerras napoleônicas e nas de unificação da Alemanha (MARINHO, 1980). Na Inglaterra, o movimento de regulamentação dos jogos populares, ocorrido nas escolas aristocráticas, culminou com o surgimento do Esporte Moderno, que foi institucionalizado no final do século XIX.

O esporte também foi utilizado, nessa época, como instrumento de disciplina e fortalecimento do trabalhador, visando a evitar faltas e a aumentar a produção nas fábricas.

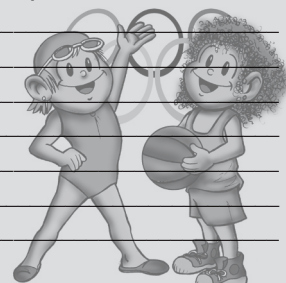
A Inglaterra foi o berço da Revolução Industrial, tornando-se uma grande potência econômica. O poderio econômico aliado à sua imbatível esquadra transformou a Inglaterra na potência imperial do século XIX, com colônias e áreas dependentes em todas as partes do globo.

Juntamente com as fábricas têxteis e a ferrovias, a Inglaterra exportou o esporte para todo o mundo, caracterizando uma grande difusão cultural. Outro evento esportivo importante do século XIX, que se tornou ferramenta política dos Estados, foi o *olimpismo*, fenômeno utilizado pelas grandes potências para demonstrar poder, como veremos posteriormente.

ATIVIDADE



1. Compare a utilização do esporte para fins políticos na Grécia Antiga, no Império Romano e na Inglaterra durante a Revolução Industrial.



COMENTÁRIO

Seu texto pode ser formulado a partir de afirmativas da aula e contar, ainda, com informações obtidas em jornais, revistas ou na internet. Você deve ter concluído e registrado que nem sempre o esporte foi utilizado para fins políticos. Se quiser, pode concluir com uma opinião sobre o tema, para depois, no pólo, partilhar suas idéias com seus amigos.

OS JOGOS OLÍMPICOS DO BARÃO PIERRE DE COUBERTIN

Idealizados e desenvolvidos pelo barão Pierre de Coubertin, os Jogos Olímpicos Modernos foram responsáveis por uma grande propagação do esporte pelo mundo. Além disso, a participação nos jogos despertou o sentimento de representação nacional, e muitos países utilizaram este valor para angariar prestígio político internacional (HENRY, 1955). A idéia de nação poderosa, constituída de cidadãos fortes e saudáveis, levou os estados totalitários a utilizarem o esporte como veículo publicitário de seus regimes políticos.



O USO POLÍTICO DO ESPORTE NA OLIMPÍADA DE BERLIM, EM 1936

Um momento histórico bastante representativo, no que diz respeito ao uso político do esporte, foi a Olimpíada de Berlim, em 1936. Naquele período, a Alemanha era governada pelo nazismo supremo e totalitário de Adolf Hitler.

As origens do nazismo remontam aos movimentos nacionalistas de extrema direita, que surgiram após a Primeira Guerra Mundial, como resposta à ascensão socialista provocada pelos ideais da revolução bolchevique, na Rússia, em 1917. A ascensão do nazismo, na Alemanha, foi favorecida pelas humilhações sofridas pelo povo em função das imposições do **TRATADO DE VERSALHES**, após a Primeira Guerra Mundial, que responsabilizou a Alemanha pelo conflito, obrigando-a a pagar pesadas reparações. Essas penalidades e sanções geraram uma grave crise econômica em 1923.

Outro fator que colaborou para a ascensão do nazismo foi o temor de que a revolução comunista, ocorrida na Rússia, contaminasse a Alemanha. Uma vez no poder, Hitler iniciou uma campanha de perseguição aos opositores do governo, aos comunistas e aos judeus.

Em 25 de abril de 1931, o Dr. Theodor Lewald, secretário-geral do Comitê Olímpico alemão, apresentou as intenções da Alemanha em sediar os jogos de 1936 na cidade de Berlim. Como argumento, o Dr. Lewald apresentou os projetos, em andamento, para a construção de estádios e instalações esportivas. Também lembrou que a Alemanha havia sido escolhida para sediar os jogos de 1916, que acabaram não se realizando em função da Primeira Guerra Mundial. Assim, Berlim foi eleita.

Em 1931, a Alemanha era governada pela República de Weimar. A realização dos Jogos Olímpicos seria utilizada para exaltar a honra do povo alemão, abalada pelas imposições humilhantes do Tratado de Versalhes. No entanto, em 1936, os jogos acabaram representando os interesses de propaganda do governo totalitário nazista, tornando-se um marco de referência da utilização do esporte para fins políticos.

Hitler assumiu o cargo de chanceler alemão em 30 de janeiro de 1933. Com a morte do presidente Hindenburg, em agosto de 1933, Hitler assumiu, também, o cargo de presidente. Investido de plenos poderes, ele dissolveu os outros partidos e impôs uma caçada aos opositores do governo e aos judeus (JAGUARIBE, 2001).

O TRATADO DE PAZ DE VERSALHES

Objetivava a paz na Primeira Guerra Mundial e ficou pronto após meses de duras discussões. Foi apresentado à Alemanha em maio e assinado em junho de 1919. Existem controvérsias, até hoje, sobre esse tratado. Afirma-se que seus termos facilitaram a ascensão dos nazistas, nos anos 30, o que acabou gerando a Segunda Guerra Mundial.

Os judeus foram expulsos dos clubes esportivos e das equipes olímpicas alemãs. O Comitê Olímpico Internacional (COI) repreendeu o Comitê alemão, que, aparentemente, voltou atrás na decisão, repatriando alguns atletas judeus exilados. A ascensão de Hitler ao poder colaborou diretamente com o comitê de organização dos Jogos Olímpicos, que foi amparado financeiramente pelo Estado.

A Olimpíada de Berlim representou, para Hitler, uma grande oportunidade de divulgar internacionalmente a imagem poderosa da Alemanha nazista. O Ministério da Propaganda nazista, chefiado por Goebbels, foi acionado para veicular a publicidade dos Jogos Olímpicos. Hitler convocou o exército alemão para auxiliar nas obras dos conjuntos esportivos e da vila olímpica. Também promoveu frentes de trabalho, utilizando o grande contingente de desempregados na Alemanha daquela época.

A intensa participação do Estado nazista e do exército alemão na organização dos jogos fez surgir, nos Estados Unidos, França, Inglaterra e em outros países europeus, suspeitas quanto à intenção de utilização política dos jogos, por parte dos nazistas. Foram iniciadas diversas campanhas contra a participação na Olimpíada de Berlim, lideradas pelos grandes jornais, por associações judaicas e universidades, com representação nos governos desses países. Os comitês olímpicos dos EUA, da França e da Inglaterra chegaram a proibir a participação de suas delegações, alegando não estarem dispostos a colaborar com a política nazista.

Outro receio era a perseguição racial sofrida pelos judeus na Alemanha. Alguns países não se sentiam seguros em levar seus atletas de origem judaica e negra para os Jogos de Berlim. O boicote só foi revertido após uma série de medidas e compromissos firmados pelo governo alemão junto ao COI. Tais medidas camuflaram a perseguição aos judeus. No entanto, muitos países só confirmaram presença em Berlim após a realização dos Jogos Olímpicos de Inverno, realizados em Garmisch-Partenkirchen, na Alemanha, onde não foram presenciadas manifestações anti-semitas de qualquer espécie, prevalecendo uma calorosa receptividade forjada por determinação do Estado.

A máquina do Estado nazista organizou a melhor edição dos Jogos Olímpicos daquela época, uma vez que a população foi orientada a receber bem os participantes. Assim, os hotéis e restaurantes receberam

a determinação de atender todos bem, relevando os preceitos racistas. Os jornais e boletins oficiais de perseguição aos judeus foram recolhidos, os cartazes anti-semitas foram retirados dos locais públicos e o exército e a polícia nazista S.S. (Gestapo) ocuparam Berlim durante os jogos.

A cidade foi decorada com bandeiras e pinturas, ostentando os aros olímpicos e a suástica nazista. Durante os jogos, todas as ações exaltavam a ordem e a glória do governo nazista do III Reich. Contudo, as cerimônias, desfiles e uniformes deixavam a impressão militar e belicosa aparentes. Além de mostrar ao mundo a força do governo nazista e a organização implementada pelo mesmo, Hitler também tinha a intenção de comprovar a supremacia da raça ariana nas provas atléticas dos jogos. No entanto, a hegemonia alemã foi ameaçada pela equipe de atletismo dos Estados Unidos, composta, dentre outros, por dez atletas negros que conquistaram oito medalhas olímpicas de ouro. O atleta que mais se destacou nessas olimpíadas foi o negro Jesse Owens, ganhador de quatro dessas medalhas de ouro, nos 100 e 200 metros rasos, no revezamento 4x100m e no salto em distância, prova em que derrotou o campeão europeu, o alemão Luz Long. Após a vitória de Owens, Hitler abandonou o estádio, sem cumprimentá-lo, como havia feito até então com os demais campeões.



Hitler conseguiu mostrar ao mundo o poder totalitário do nazismo alemão e impressionou todos com a organização social promovida pelo mesmo, mas não teve sucesso em demonstrar a suposta supremacia racial dos alemães arianos, porque foram derrotados por atletas negros, asiáticos e judeus. Todavia, a anfitriã, com a maior delegação dos jogos, conquistou o maior número de medalhas olímpicas, 90 contra 56 dos Estados Unidos (CARDOSO, 2000).

O USO DO ESPORTE NA GUERRA FRIA

O conflito entre duas potências mundiais, denominado Guerra Fria, teve início após o término da Segunda Guerra Mundial. Este embate se estendeu pela segunda metade do século XX e foi protagonizado pelos Estados Unidos e pela União Soviética em uma grande disputa ideológica e armamentista. De um lado, os países socialistas aliados à URSS e, de outro, os países capitalistas liderados pelos EUA.

A Guerra Fria foi caracterizada por uma grande corrida armamentista, com os dois blocos medindo o poderio de destruição. Na verdade, nenhum dos países tinha a real intenção de usar esse tipo de armamento, porque asseguraria a destruição mútua. Por isso, a Guerra Fria foi um combate de tensões e ameaças apocalípticas que deixaram o mundo à sombra da guerra até o final da década de 1980, com a queda do muro de Berlim e o declínio e esfacelamento da União Soviética.

Nesse contexto, o esporte foi usado como instrumento ideológico e de propaganda, por ocasião de competições internacionais e Jogos Olímpicos. Foi uma arma simbólica dos blocos opostos, transformando piscinas, ginásios e estádios em campos de batalha. As vitórias esportivas foram usadas para reafirmar o prestígio político e a soberania de cada regime.

As pressões resultantes da Guerra Fria foram sentidas nas disputas esportivas, causando grande rivalidade entre os atletas. A mídia, por sua vez, difundiu esse confronto, inflamando os sentimentos nacionalistas das populações.

A União Soviética iniciou sua participação nos Jogos Olímpicos em Helsinque, em 1952, disposta a mostrar ao mundo as excelências do comunismo. Na edição anterior dos jogos, em Londres, em 1948, a nova potência mundial preferiu não comparecer e medir forças com a hegemonia esportiva dos EUA.

Em vez de participar, enviou técnicos e pesquisadores para analisar os atletas e os métodos de treinamento do mundo capitalista. Nos quatro anos seguintes, o governo soviético destinou grandes recursos a projetos esportivos, visando a formar atletas de alto nível que representassem a ideologia comunista nos jogos.

Em Helsinque, teve início uma disputa paralela à Olimpíada, o confronto ideológico entre os dois blocos antagonistas dentro dos recintos esportivos. Essa disputa ideológico-esportiva se estendeu pelas outras edições dos jogos, culminando com os boicotes dos Jogos de Moscou, em 1980, e de Los Angeles, em 1984. Em dezembro de 1979, a União Soviética impôs uma intervenção militar ao Afeganistão, após uma seqüência de golpes de estado e conflitos civis. O interesse soviético no Afeganistão vinha de seu posicionamento geográfico, que dava acesso ao oceano Índico.

O governo dos EUA, presidido por Jimmy Carter, exigiu a retirada das tropas soviéticas do Afeganistão, ameaçando comandar um boicote internacional aos Jogos Olímpicos de Moscou, em 1980. A exigência não foi atendida, e a ação política dos Estados Unidos promoveu um boicote envolvendo 61 países, prejudicando sensivelmente essa edição dos Jogos.

Em retaliação ao boicote americano, a União Soviética se negou a participar das Olimpíadas de Los Angeles, em 1984. O boicote soviético teve menor abrangência devido a uma grande campanha do COI, que conseguiu convencer muitos países a participarem dos jogos.

A REAÇÃO DO COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL

O Comitê Olímpico Internacional adotou uma postura decisiva para reduzir o nacionalismo exagerado nos Jogos Olímpicos. Em 1990, foi redigida uma carta olímpica condenando a influência política externa nos Jogos (LUCAS, 1992).

Os principais pontos da carta são:

- não haverá discriminação racial, religiosa ou política contra qualquer país ou pessoa participante dos jogos;

- não serão atribuídos pontos e não será determinada uma nação como vencedora dos Jogos Olímpicos;
- não será permitida qualquer propaganda ou manifestação de cunho político, religioso ou racial.

USO POLÍTICO DO ESPORTE NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

No mundo contemporâneo, o esporte passou a compor as estruturas neoliberais da economia de mercado, transformando-se em uma grande instituição financeira que representa os interesses das corporações transnacionais, as quais ditam as regras no mercado mundial. O Estado utiliza o esporte porque este é facilmente instrumentalizado politicamente pelo poder institucionalizado.

O esporte reúne as seguintes características, que o tornam suscetível à utilização política:

- é uma atividade com regras de fácil compreensão, sendo utilizado como elemento de comunicação de massa portador de uma linguagem simples.
- o Estado, por meio desta linguagem, utiliza o elemento de tensão emocional do esporte para veicular os seus objetivos e ideologias;
- oferece à população a possibilidade de identificação com o coletivo e com as aspirações patrióticas, dando sentido de união nacional;
- é um elemento alienador que permite ao espectador a compensação para as tensões e aflições da vida cotidiana;
- a apropriação do atleta como representante do sistema e os sucessos esportivos fornecem prestígio político;
- é reflexo da concepção de valores existentes na sociedade na qual está inserido. Isto lhe confere uma neutralidade interna, permitindo que o direcionamento político seja determinado de fora do seu contexto.

O ESPORTE E O MUNDO CONTEMPORÂNEO

O uso político do esporte esteve submetido às relações interestatais do sistema internacional, já que as ações visavam a manter o equilíbrio de poder, evitando a possibilidade constante de guerra. O esporte, nesse

sentido, foi usado em ações estratégicas e em propagandas políticas dos países e seus regimes de governo. Na década de 1980, o esporte foi inserido, definitivamente, no sistema econômico mundial e passou a ser um mecanismo financeiro sob influência das corporações transnacionais. A década de 1970 serviu como laboratório para a inclusão do esporte no mercado mundial. Naquela época, as grandes confederações esportivas internacionais, tais como a FIFA (Federação Internacional de Futebol) e o COI, perceberam o crescente valor do esporte para a mídia e passaram a negociar cifras cada vez maiores sobre os direitos de transmissão televisiva dos campeonatos internacionais e dos Jogos Olímpicos.

DO INTERESSE POLÍTICO AO ECONÔMICO A PARTIR DOS JOGOS DE LOS ANGELES

Os Jogos Olímpicos de Los Angeles marcaram a entrada do esporte na economia mundial. O Comitê Olímpico Internacional vendeu o evento, pela primeira vez, à iniciativa privada por meio de contratos de patrocínio. No entanto, o grande fluxo de capital recebido pelo esporte só foi possível graças à crescente valorização esportiva na mídia.

Devido ao grande poder de audiência do esporte, os patrocinadores surgiram em grande número e a mercantilização gerou um lucro inédito aos organizadores dos Jogos Olímpicos. Desde então, os eventos esportivos passaram a ter a parceria de grandes empresas. Esta relação com o mercado mundial evoluiu para as instituições esportivas, e as confederações, federações, ligas e clubes passaram a negociar o esporte como um produto de consumo.

Esse alinhamento do esporte aos interesses econômicos seguiu a ótica das políticas neoliberais consolidadas na década de 1980. Os Estados nacionais passaram a ter menos influência política e as corporações transnacionais, mais influência econômica.

O ESPORTE E O CAPITALISMO

A desestatização do esporte e a inclusão do mesmo no mercado mundial caracterizaram as mudanças impostas pela globalização. Isso ocorreu porque o processo de mercantilização do esporte transformou as federações internacionais e o COI em grandes corporações financeiras transnacionais, que teceram uma rede de filiais por todo o mundo através

dos Comitês Olímpicos nacionais e das confederações nacionais. Essas corporações esportivas mantêm relacionamentos comerciais com grandes empresas patrocinadoras, tais como a Coca-Cola, a Nike e a Adidas.

O volume de capital envolvido nas transações de patrocínio de eventos, de equipes e de venda de direitos de transmissão gera interesses que ultrapassam as necessidades da prática esportiva. São interesses voltados ao mercado-alvo, horários de transmissão, sedes dos eventos e oportunidades comerciais. Esses interesses econômicos provenientes das relações entre as instituições esportivas, empresas patrocinadoras e corporações de mídia acabam por influenciar diretamente a realização esportiva, proporcionando mudanças nas regras dos jogos, horários de partidas desfavoráveis à prática esportiva – mas ideais para a audiência televisiva –, valorização excessiva do espetáculo e do *show*, em detrimento das características da modalidade esportiva.

Apesar de todo esse cenário, das influências sofridas e da utilização para fins políticos e econômicos, o esporte mantém, em sua configuração primária, o embate esportivo e seus princípios fundamentais: a busca pelo ideal da vitória e o intuito de ser o melhor. Esses fatores, apoiados na regulamentação esportiva, sustentam a legitimidade do esporte.

O CORPO UTILIZADO PARA FINS POLÍTICOS

No decorrer da História, o corpo desempenhou um papel muito importante, assim como o esporte, na política. Podemos exemplificar essa afirmação lembrando do corpo de Jesus Cristo, crucificado pelos judeus e pelos romanos. Nesse contexto, ele desempenhou o papel de mártir, assim como Che Guevara, Tiradentes, Joana d'Arc e outros vultos históricos que entregaram o seu corpo em nome de suas causas políticas e ideológicas. Os camisas são, também, exemplo de utilização da perda do corpo por uma causa política. Os japoneses, na Segunda Guerra Mundial, utilizavam pilotos de aeronaves para explodir bombas potentes no campo do inimigo, destruindo e incendiando o seu próprio avião, causando voluntariamente a sua morte em nome do patriotismo japonês.

Nos Jogos Olímpicos de 1972, terroristas árabes seqüestraram atletas judeus, culminando na morte de quase todos os atletas e dos próprios terroristas. Interrogados posteriormente, outros terroristas da mesma causa disseram que, após o seqüestro de 72, com a perda dos corpos dos atletas olímpicos, o mundo passou a conhecer mais de perto



o confronto entre judeus e palestinos. Podemos perceber com isso que as causas políticas têm no corpo um grande aliado, por sua característica de possibilidade de manipulação, de domesticação – o corpo disciplinado pela mente.

Outro exemplo de utilização política do corpo são os ataques terroristas, pior flagelo da Humanidade neste século, realizados por *homens-bomba* que explodem os seus corpos com explosivos muito potentes, matando pessoas nos chamados atentados das *guerras santas* (islamismo *versus* judaísmo). O maior desses ataques, o atentado conhecido como *11 de setembro*, retrata bem o que queremos denominar como corpo político. Aviões do grupo terrorista Al Qaeda se chocaram propositalmente com os edifícios americanos do World Trade Center, matando milhares de pessoas, para confrontar forças com os americanos. Todos os terroristas do atentado deram a vida em nome da causa palestina.

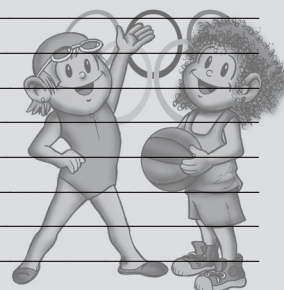
Nem sempre o corpo e o movimento são utilizados para fins políticos partidários. Eles também podem ser alvo de políticas públicas de saúde, educacionais ou contra a violência.





ATIVIDADE

2. Descreva, sucintamente, os fatos que comprovam a utilização do esporte como instrumento político nos Jogos Olímpicos modernos – contrariando os ideais olímpicos do barão Pierre de Coubertin nas Olimpíadas de Berlim, em 1936; nos Jogos de Londres, em 1948; nos Jogos Olímpicos de Helsinque, em 1952; nos Jogos Olímpicos, em 1972, em Munique; nos Jogos de Moscou, em 1980 e em Los Angeles, em 1984.



COMENTÁRIO

Volte à aula e destaque os fatos que ocorreram nas ocasiões pedidas. Todos os fatos foram políticos, mas seria interessante que você os comparasse entre si. Os ideais olímpicos do barão Pierre de Coubertin para as Olimpíadas não foram alcançados nos jogos modernos. Os jogos foram utilizados como instrumento político para demonstrar poder, pelos EUA e pela URSS, e foram utilizados para seqüestro de atletas judeus.

POLÍTICA PÚBLICA PARA OS EXERCÍCIOS FÍSICOS

Quando imaginamos uma sociedade ativa fisicamente, sonhamos com crianças, jovens, adultos e idosos de diferentes gêneros e de necessidades especiais, classes sociais, etnias, condições sexuais, opções religiosas e outras opções, que mantenham e possam realizar o hábito de exercitar-se.

Apesar de vivermos em uma sociedade industrializada, idealizamos que ela priorize uma escola com práticas sociais ativas fisicamente, acesso ao conhecimento dos benefícios de fazermos exercícios regulares e acesso a programas públicos de atividade física.

Para isso, é necessário que os planejamentos público e privado da sociedade incorporem condições tais como segurança pública, parques e jardins e centros comunitários que proporcionem diferentes atividades físicas. Um outro motivo que leva à demanda de políticas públicas

consistentes em favor das atividades físicas para a população é a tentativa de se alcançar uma queda dos níveis de violência que são crescentes no mundo e no Brasil, na faixa etária de jovens e adolescentes. É alarmante, quando tomamos ciência de que estes números, antes dedicados às classes desprivilegiadas socialmente, vulgarmente chamadas de “carentes”, inclua agora jovens da classe média, desmitificando a razão estritamente econômica para este cenário.

Neste cenário, jovens de classes diferentes fazem a opção pela marginalidade, que inclui furtos, assassinatos, consumo e tráfico de drogas. Existe, contudo, um fator comum nesses jovens: a ociosidade. Programas de exercício e de esportes regulares ocupam os jovens intelectual e fisicamente, ajudando na empreitada contra a violência urbana.

Finalmente, acreditamos que políticas e programas que orientem os cidadãos para a realização de atividades físicas também seriam muito bem-vindos, pois o cidadão, quando sai da escola, carrega consigo mitos e tabus sobre o exercício físico, o que atrapalha o desenvolvimento de seus próprios programas individuais de treinamento.

ATIVIDADE FINAL

Redija um pequeno texto, avaliando os fins ideológicos e políticos a que os esportes são submetidos, descrevendo, também, como o corpo humano pode ajudar na construção de mitos e mártires políticos.

COMENTÁRIO

No texto, precisa estar presente o uso dos Jogos Olímpicos, para fins políticos, pelo nazismo e nas guerras, além da utilização dos corpos dos terroristas para a causa islâmica em diferentes situações.

RESUMO

Desde a Antigüidade até os dias atuais, os esportes demonstram ter uma excelente aceitação por parte das sociedades e dos Estados. Infelizmente, o seu uso tem sido voltado, em demasia, para movimentos políticos e para fins ideológicos. Um exemplo disso é a utilização do esporte pela Inglaterra, por ocasião da Revolução Industrial; pela Alemanha, no nazismo; pelos muçumanos, nas Olimpíadas de Munique etc. Os homens-bomba provam como o corpo humano também pode ser utilizado para esses fins.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula tratará dos aspectos biológicos do corpo e de seu funcionamento, a fisiologia do exercício. Esses conhecimentos servirão para você entender a aplicabilidade dos esportes e dos exercícios físicos na escola.

Aspectos biológicos do corpo e do movimento

AULA 5

Meta da aula

Mostrar como os aspectos biológicos do corpo e do movimento humanos interferem no cotidiano da educação escolar.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- citar quais são os três sistemas de ressíntese de ATP;
- identificar o mecanismo fisiológico da sede e sua importância para a hidratação antes, durante e depois do exercício;
- identificar qual é a melhor maneira de se respirar durante um exercício físico;
- descrever o mecanismo da sudorese e a sua função no exercício físico;
- descrever a função do sistema cardiovascular durante o exercício físico;
- identificar como acontece o mecanismo de contração no músculo esquelético.

Pré-requisitos

Em Ciências na Educação 1 e 2, você encontrará subsídios para o entendimento desta aula. Conteúdos do Ensino Médio também são importantes para o seu entendimento.

INTRODUÇÃO

A Anatomia é a ciência que estuda a estrutura, a localização e a forma do organismo e dos sistemas do corpo humano, enquanto a Fisiologia é a ciência que estuda o funcionamento dos órgãos e sistemas do corpo. Escolhemos apresentar a você a anatomia e a fisiologia dos sistemas muscular e cardiorrespiratório, por serem importantes para os movimentos corporais, que dependem, e muito, da respiração para o seu bom funcionamento. Assim, ficará mais fácil compreender como certos fenômenos acontecem quando o corpo está se movimentando, realizando exercícios físicos, seja no cotidiano, seja em situações específicas de prática de esporte ou de educação física escolar.

ANATOMIA DO SISTEMA MUSCULAR

Em nosso corpo, existe uma enorme variedade de músculos dos mais diferentes tamanhos e formatos. Temos, aproximadamente, 200 músculos, distribuídos, na mesma proporção, entre a região frontal e a dorsal. O sistema muscular é capaz de efetuar uma imensa variedade de movimentos por meio de contrações controladas e coordenadas pelo cérebro.

Os músculos são dotados da capacidade de contrair-se e de relaxar-se, e, em conseqüência, transmitem os seus movimentos aos ossos, que formam o sistema passivo do aparelho locomotor. Observe, no desenho a seguir, o conjunto de músculos ilustrados na personagem Lambiscaia.

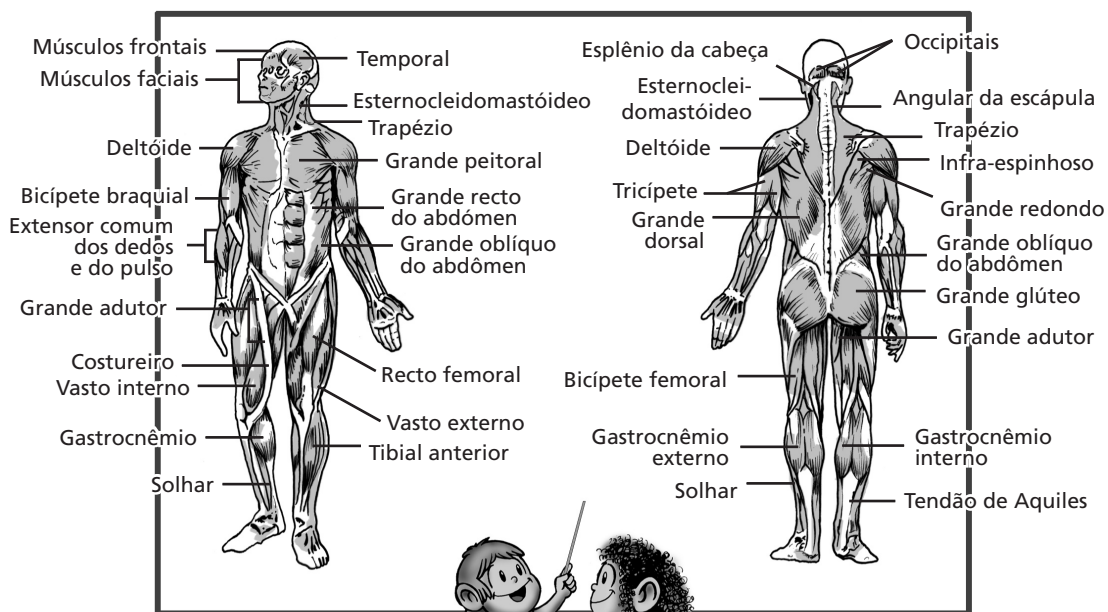


Figura 5.1

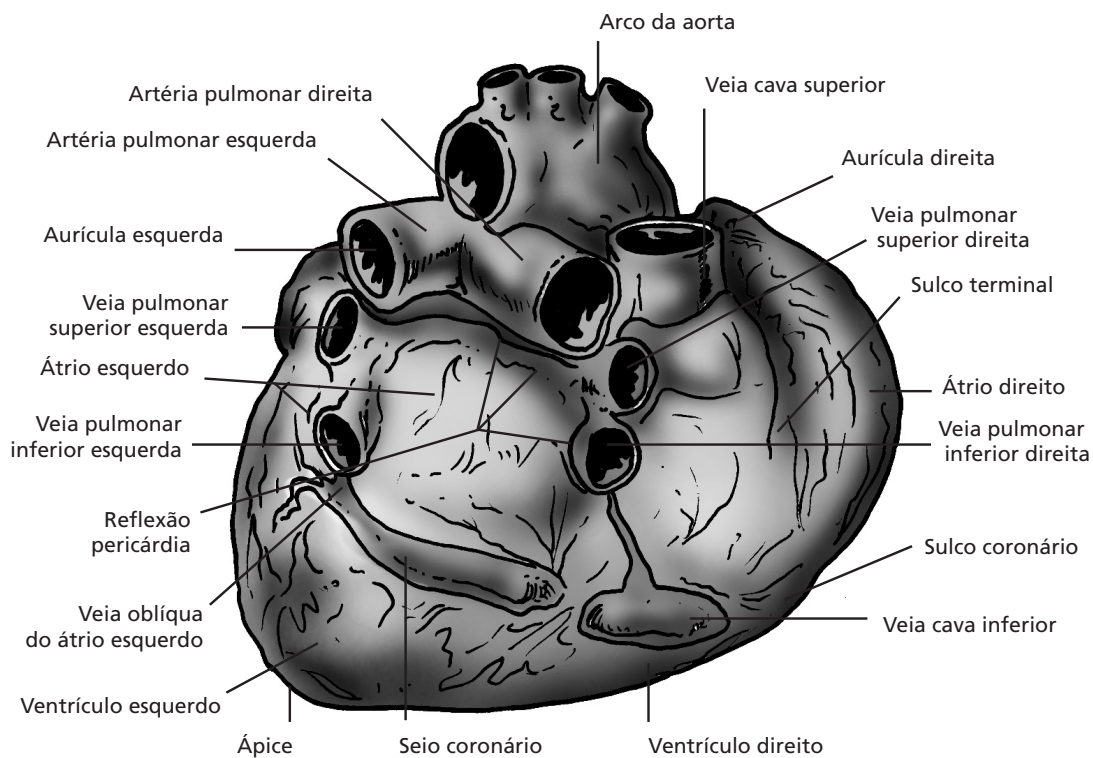


Figura 5.2.a: Coração – vista posterior.

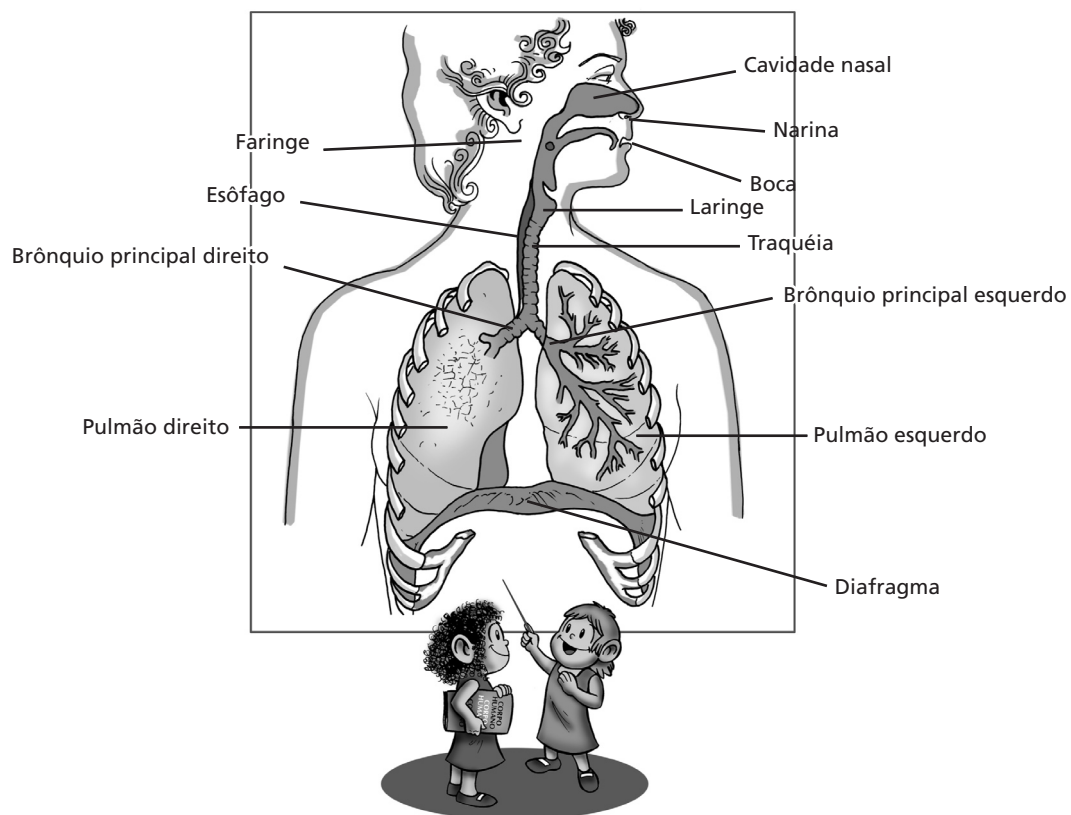


Figura 5.2.b: Anatomia do sistema cardiorrespiratório.

A FISILOGIA DOS MÚSCULOS E DO SISTEMA CARDIORRESPIRATÓRIO

Etapas da respiração – inspiração e expiração

Os músculos consomem mais oxigênio durante os exercícios físicos do que em repouso. Isso só é possível devido ao funcionamento dos sistemas respiratório e cardiovascular, conjuntamente. A primeira etapa dessa cadeia de processos ocorre nos pulmões, onde o ar chega pela inspiração. Com a contração da musculatura inspiratória, o tórax se distende, aumentando de volume e fazendo a sua pressão interna ficar menor do que a pressão atmosférica (externa), resultando, assim, na sucção do ar para dentro dos pulmões. O principal músculo da inspiração é o diafragma, músculo grande que separa a cavidade torácica da abdominal. Quando o diafragma se contrai, abaixa-se e, conseqüentemente, aumenta o tamanho do tórax no sentido longitudinal. Outros músculos importantes para a respiração são os intercostais, que ficam entre as costelas. Durante a inspiração profunda, alguns músculos do pescoço também ajudam.

Em condição de repouso, somente a fase de inspiração é ativa. Para expirarmos, basta relaxarmos a musculatura para que o fenômeno aconteça. Na expiração forçada, quando soprarmos ou espirramos, por exemplo, os músculos expiratórios, como os da parede abdominal, contraem-se. Assim, o ar inspirado traz oxigênio em grandes quantidades, e o ar expirado retira o gás carbônico produzido pelo nosso metabolismo.

ATIVIDADE

1. Fique de pé e, com os olhos fechados, inspire lenta e profundamente. Depois, relaxe a musculatura abdominal para a expiração. Perceba a intencionalidade da inspiração e a passividade da expiração.

COMENTÁRIO

Na atividade, pedimos para você inspirar lenta e profundamente. Poderíamos pedir para você respirar rápido ou lento. Isto demonstra que o movimento é voluntário. A expiração só é forçada quando soprarmos uma bola de aniversário, por exemplo, ou quando apagamos uma vela. Torna-se um sopro.



ETAPA DA RESPIRAÇÃO – AS TROCAS GASOSAS NOS PULMÕES

O corpo humano possui dois pulmões, sendo o esquerdo um pouco menor do que o direito, já que divide espaço com o coração. O ar que entra pelas narinas ou pela boca passa pela faringe, em seguida, pela laringe e finalmente chega à traquéia. Na entrada dos pulmões, a traquéia se subdivide em dois brônquios, os quais vão se subdividindo, sucessivamente, em brônquios de diâmetros cada vez menores, até atingirem os alvéolos, onde ocorrem as trocas gasosas. Existem milhões desses alvéolos, que se organizam na forma de pequenos sacos. O mais interessante é que esses sacos parecem cachos de uva, o que faz aumentar a sua superfície total.

Os alvéolos são cobertos por uma malha ou rede de vasos sanguíneos bem finos, os capilares. Apenas uma membrana muito fina separa o ar dentro dos alvéolos do sangue no interior dos capilares pulmonares. Essa organização resulta em uma enorme área de contato com as trocas gasosas. Ao contrário do ar inspirado, o sangue que chega aos capilares pulmonares, provenientes das diferentes regiões do corpo, é pobre em oxigênio. A diferença de concentração permite que as moléculas de oxigênio passem dos alvéolos para os capilares pulmonares. No sangue, quase a totalidade do oxigênio é transportada pela hemoglobina, proteína que se encontra nas hemácias (glóbulos vermelhos).

Os glóbulos vermelhos, por terem vida muito curta – cerca de 90 a 120 dias –, necessitam ser sempre produzidos pelo organismo. Qualquer deficiência em sua produção ou um aumento em sua destruição pode levar à anemia, que consiste na diminuição do número de hemácias, que, por sua vez, prejudica o transporte de oxigênio. Essas hemácias são produzidas pela medula óssea, ou seja, por células especializadas que se encontram no interior de alguns ossos do organismo, principalmente os mais longos.

A FUNÇÃO DO SISTEMA CARDIOVASCULAR

O sistema circulatório se assemelha a um sistema de tubos formado por artérias e veias, cujo centro é o coração. Este sistema gera a energia mecânica necessária para a movimentação do sangue. Sua função é facilitar a condução de oxigênio e nutrientes e, também, a remoção de substâncias indesejadas nas células.

Ao contrário das bombas hidráulicas caseiras, que bombeiam continuamente, o funcionamento do coração é intermitente, com duas fases bem distintas: *sístole*, que corresponde à contração do músculo cardíaco, e *diástole*, responsável pelo relaxamento do coração. Poderíamos, então, dizer que o coração se enche de sangue na diástole e se esvazia na sístole. A quantidade de sangue ejetada pelo coração vai depender de dois fatores: o número de vezes que ele se contrai e o volume de sangue ejetado a cada batimento.

Frequência cardíaca é o número de contrações do coração, por minuto. Em um adulto, gira em torno de 70 a 80 batimentos por minuto.

Débito cardíaco é a quantidade de sangue ejetado pelo coração, a cada minuto.

O coração é uma bomba inteligente que ajusta a sua vazão (o ritmo de recebimento de sangue) à demanda do organismo, se está em repouso ou em exercício, por exemplo. Ele consegue ajustar essa vazão pela variação da frequência cardíaca e, também, alterando a sua força de contração e, assim, aumentando a quantidade de sangue ejetada em cada sístole. Essa vazão é o que denominamos volume sistólico. Durante o exercício físico, o coração bate mais rápido e mais forte; portanto, com uma frequência cardíaca maior. O resultado é, então, um maior volume sistólico.

A PRESSÃO ARTERIAL

Ela depende do débito cardíaco e da resistência vascular total do escoamento de sangue para os órgãos, chamada resistência vascular periférica total. Poderíamos comparar a pressão arterial com a pressão dentro de uma mangueira de água, que pode ser aumentada quando abrimos mais a torneira ou apertamos a extremidade de saída da água. Uma diferença importante é que o coração é uma bomba intermitente; por isso, a pressão arterial aumenta durante a sístole até atingir um valor máximo chamado pressão sistólica e diminui durante a diástole

até chegar à pressão mínima ou diastólica. Durante o exercício físico, a pressão sistólica aumenta, enquanto a pressão diastólica não se altera.

CIRCULAÇÃO PULMONAR E SISTÊMICA

Esses dois sistemas circulatórios, o pulmonar e o sistêmico, estão ligados entre si pelo coração. A partir dos ventrículos, o sangue é bombeado por uma artéria de grande calibre, a aorta, que vai-se dividindo e diminuindo de calibre. Quando chega aos órgãos, o vaso sanguíneo é chamado de arteríola. No interior dos órgãos, os vasos capilares microscópios permitem a realização de trocas gasosas e de nutrientes entre a circulação e os tecidos. Como já descrevemos, é também nos capilares, presentes em todos os tecidos do corpo, que acontece a passagem do oxigênio dos alvéolos para o sangue. Depois de passar pelos capilares, o sangue é direcionado para vasos cada vez maiores e, em seguida, para as veias. É importante sabermos, entretanto, que o sistema circulatório não serve apenas para conduzir passivamente o sangue. Através do diâmetro das arteríolas, o organismo distribui o sangue, e, portanto, o oxigênio pelos diferentes órgãos. Explicando melhor: cada tecido ou órgão do corpo deve receber a quantidade de nutrientes necessária para manter a sua função, nem mais, nem menos. O controle do diâmetro das arteríolas é um mecanismo muito eficiente de regular o fluxo sanguíneo. Observe este exemplo: durante o exercício físico, as arteríolas dos músculos que estão trabalhando se abrem, aumentando, assim, o fluxo sanguíneo para eles e, ao mesmo tempo, diminuindo o calibre de outras arteríolas, reduzindo a perfusão ou irrigação dos locais com menos atividade. Podemos afirmar que as arteríolas funcionam como um sistema de comportas, abrindo e fechando conforme a necessidade. Isto não quer dizer, por exemplo, que, quando estamos andando, menos sangue segue para o nosso cérebro. Parece lógico, mas isso não acontece. Durante o exercício físico, ocorre uma redistribuição do débito cardíaco, com aumento do fluxo sanguíneo para a musculatura em atividade e redução para os rins, estômago, intestino e músculos que não estão sendo contraídos. No entanto, o fluxo sanguíneo para o cérebro é mantido constante, até mesmo durante o sono, para o perfeito funcionamento do organismo.

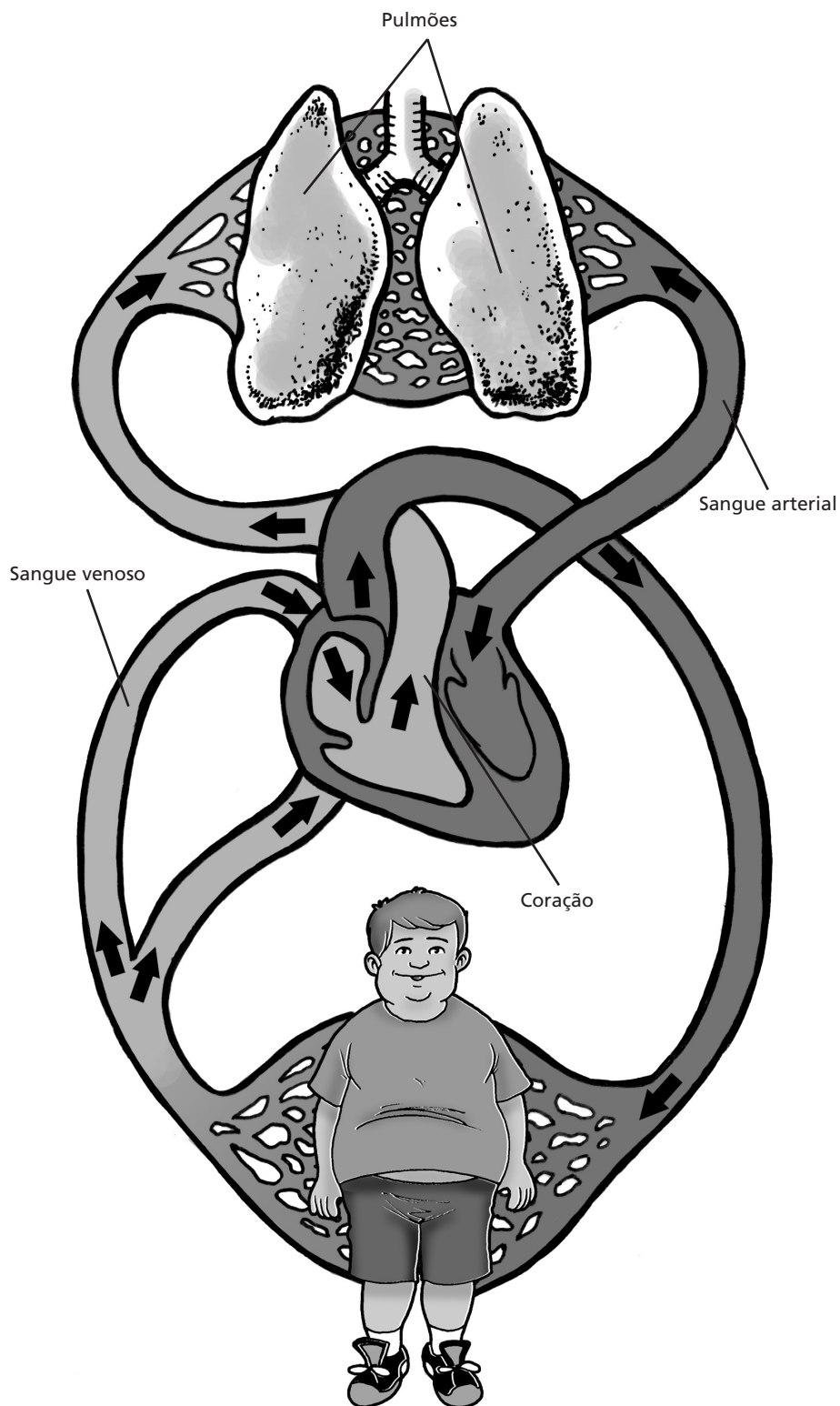


Figura 5.3: A aorta leva o sangue arterial para o corpo, e esse volta pelas veias (sangue venoso) para o lado direito do coração, que leva esse sangue venoso para os pulmões e, daí retornando como sangue arterial para o lado esquerdo do coração.



ATIVIDADE

2. Aprendemos com os nossos pais e professores que não devemos realizar exercícios físicos logo após as refeições. Você poderia explicar o mecanismo fisiológico que justifica essa afirmação, baseado no que aprendeu sobre circulação?



RESPOSTA COMENTADA

O fluxo sanguíneo é diminuído no estômago quando realizamos exercícios físicos, e isso dificulta a digestão. Isso acontece por que há um aumento do fluxo sanguíneo para a musculatura que está em atividade e uma redução desse fluxo para os rins, estômago, intestino e músculos que não estão sendo contraídos. Esta é a razão pela qual devemos esperar duas ou mais horas para realizar exercícios pesados após uma alimentação volumosa. O ideal é que a última refeição antes de um exercício forte seja baseada em alimentos leves, pouco gordurosos, como frutas e legumes.

A SUDORESE

Com a diminuição do fluxo sanguíneo, ocorre a diminuição da produção de urina, principalmente se o exercício é de longa duração e grande intensidade, como uma meia maratona ou uma maratona. Esta menor perfusão e a diminuição de produção de urina servem para reter líquido no organismo, na tentativa de contrabalançar a perda de suor. Um atleta pode perder mais de um litro de suor em uma competição ou até mais do que isso. Dependerá de fatores tais como umidade e temperatura do meio ambiente e da intensidade e duração do exercício.

A sudorese é um mecanismo importante para o corpo controlar a sua temperatura. Comparando com um carro, o corpo humano também gasta energia e produz calor durante o exercício físico, mas, diferentemente de uma máquina, não possui refrigeração a ar ou a água. É necessário, dessa forma, desviar o sangue aquecido para os tecidos subcutâneos, a fim de levar o calor a essa região, o que provoca a produção de suor pelas glândulas sudoríparas. O suor é uma solução de água e alguns sais minerais que, ao evaporar, retira calor do corpo. É justamente a presença de sais minerais que faz com que o suor tenha um gosto salgado. Quando o sangue é desviado para a pele, para dissipar o calor produzido pelo exercício, o fluxo sanguíneo aumentado na pele dá um aspecto que conhecemos como vermelhidão. Podemos concluir que, se perdemos líquido no suor, o volume de sangue diminui durante o exercício físico.

O sangue é composto por uma parte líquida, o plasma, e uma parte sólida, com vários constituintes, como as células, proteínas, glicose, gorduras e hormônios. As células incluem os glóbulos vermelhos ou hemácias, que possuem, como principal função, o transporte de oxigênio, dos glóbulos brancos ou leucócitos, que defendem o organismo de infecções, e as plaquetas, que participam da coagulação do sangue após um corte ou ferimento. Quando suamos, esta parte líquida diminui.

A VOLEMIA

O sangue é um líquido dinâmico, não somente na circulação, mas, também, na sua composição. O volume total de sangue, denominado volemia, varia com uma série de situações, entre elas o exercício físico. Após alguns minutos de exercícios físicos, a volemia começa a diminuir,

devido a dois fatores: a sudorese, que já comentamos, e um aumento da passagem de líquidos do capilar para os tecidos vizinhos, levando ao acúmulo no espaço intersticial e provocando o que conhecemos por edema. Esse processo faz os pés incharem após um longo período parado em pé ou após uma série de exercícios físicos com peso, quando percebemos que a musculatura ficou inchada. Essas duas situações são distintas, mas o mecanismo fisiológico é o mesmo.

A SEDE

A sudorese é muito importante para evitar um superaquecimento do organismo e, na tentativa de reduzir a perda líquida, a produção de urina é diminuída. Por isso, é importante nos hidratarmos durante os exercícios e deixarmos as crianças beberem muita água quando estiverem na aula de Educação Física, se assim necessitarem. Costumamos sentir sede somente quando já existe algum grau de perda líquida e diminuição da volemia. Por isso, precisamos ingerir bastante líquido durante os exercícios, mesmo que não sintamos sede. O melhor é bebermos pequenas quantidades com bastante frequência, pois tomar um volume muito grande de uma só vez, você sabe, pode provocar desconforto no estômago e náuseas.

ETAPA DA RESPIRAÇÃO – A PASSAGEM DO OXIGÊNIO DO AR PARA OS TECIDOS

Vimos que o sangue oxigenado é levado aos tecidos com pouco oxigênio e, desse modo, repete-se o mesmo mecanismo do capilar pulmonar e do alvéolo, só que no sentido oposto. O oxigênio passa do interior do capilar para o tecido, onde estão as células. Quanto maior a atividade metabólica de um órgão ou tecido, mais oxigênio é consumido e maior é o fluxo sanguíneo. Isso acontece porque a relativa falta de oxigênio provoca um aumento do diâmetro da arteríola daquele local, tornando-a **VASODILATADA**.

Por isso, é natural que, durante o exercício, aumente o fluxo sanguíneo para os músculos que estão sendo contraídos. Um vaso sanguíneo varia o seu diâmetro, porque existe uma camada de músculos nas arteríolas que, ao se relaxar, aumenta o diâmetro do vaso e, ao se contrair, diminui o diâmetro, provocando vasoconstrição.

VASODILATAÇÃO

Estado de dilatação de um vaso sanguíneo.

Além do músculo liso, existe o músculo estriado cardíaco, que ao microscópio tem uma aparência com listras e também possui inervação autônoma. O músculo esquelético também tem aparência estriada ao microscópio, mas sua inervação é feita por uma parte do sistema nervoso chamado sistema somático. Os músculos cardíaco e liso são involuntários e os esqueléticos são voluntários, embora respondam também de modo involuntário. Podemos tomar como exemplo o diafragma, principal músculo da respiração. Durante a maior parte do dia e à noite, quando estamos dormindo, inspiramos várias vezes por minuto sem fazer esforço voluntário e nem mesmo perceber que ele está se contraindo. Apesar disso, nós todos temos controle voluntário do diafragma, que nos permite modificar nossa respiração ou até mesmo interrompê-la por algum tempo.

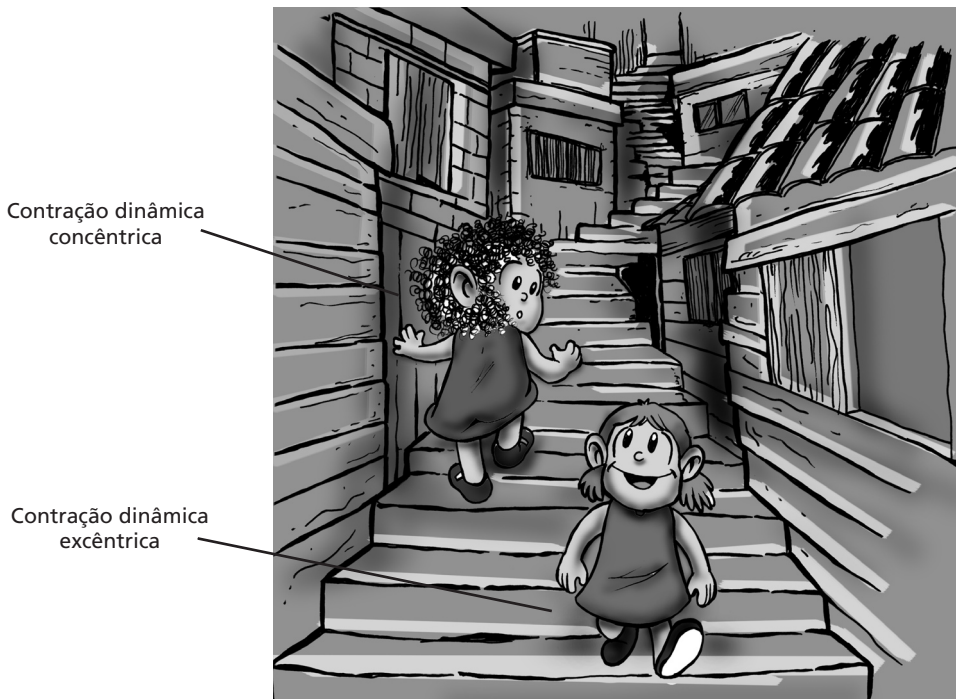
Os músculos esqueléticos também podem se contrair involuntariamente. Quando andamos, não precisamos comandar cada passo, pois as contrações ocorrem involuntariamente. Um outro exemplo são os reflexos. Quando o médico, durante um exame, bate com um martelinho no joelho do paciente e a perna dá um chute sem que se precise comandar o movimento, ele está, na verdade, provocando um reflexo que contrai a musculatura da coxa. O músculo esquelético, neste caso, contraiu-se involuntariamente.

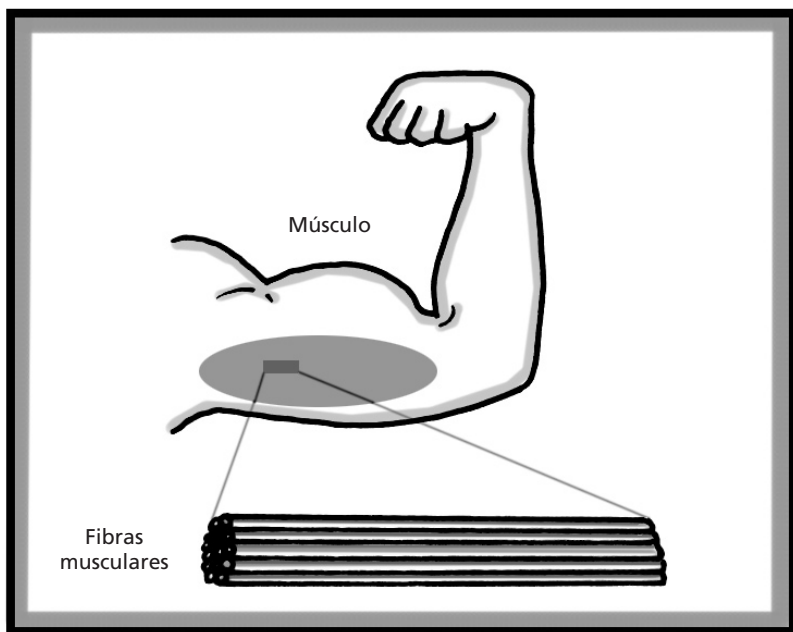
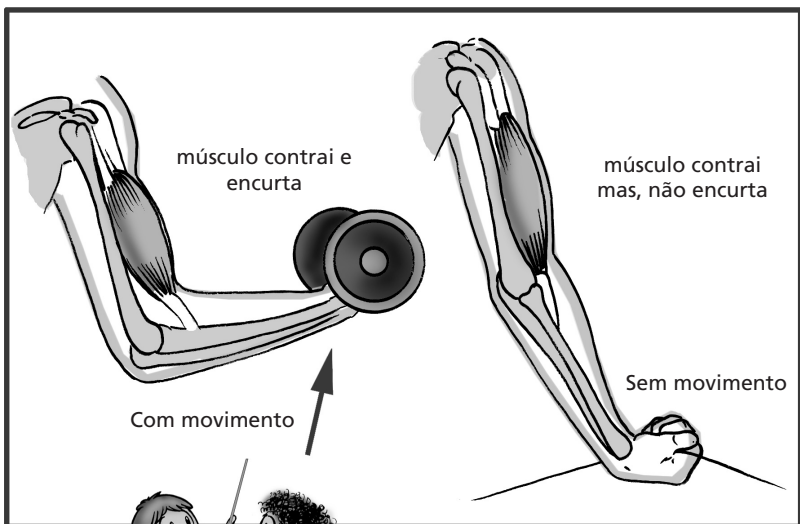
AS CONTRAÇÕES MUSCULARES – A ORIGEM DOS MOVIMENTOS

A contração do músculo esquelético é fundamental para a realização dos movimentos e produção de trabalho. Talvez a forma mais simples de contração muscular seja a estática. Na contração estática, você não produz movimento, apenas provoca gasto energético. Empurrar uma parede sem deslocá-la seria um exemplo. Para nos mantermos na posição em pé, é necessário que vários músculos estejam contraindo-se estaticamente.



Outra forma de contração é a dinâmica, na qual há movimento com produção de trabalho. As contrações dinâmicas podem ser divididas em duas formas: a concêntrica, na qual o músculo é encurtado, diminuindo de tamanho; a excêntrica, na qual o músculo é alongado, aumentando de comprimento. Podemos imaginar que o músculo esteja se contraindo ao inverso. Embora possa parecer estranho, a princípio, ocorre em várias situações do nosso cotidiano. Por exemplo, quando você tem um objeto nas mãos, tal como um prato de comida, e quer colocá-lo sobre uma mesa, você o faz numa velocidade muito menor do que se o tivesse soltado. Para depositar o prato sobre a mesa, você faz uma contração excêntrica, isto é, uma contração insuficiente para manter o prato em uma posição fixa ou estática, mas suficiente para diminuir a ação da gravidade sobre o prato, fazendo com que ele desça vagarosamente sobre a mesa. Neste caso, o músculo se contraiu, mas o resultado final foi o seu alongamento, e não um encurtamento. Outras situações servem de exemplo para ilustrar o mecanismo de contrações musculares: quando você está abaixando em uma flexão de braços, quando está retornando à posição deitada em um exercício abdominal ou quando está descendo de um exercício na barra, além de situações ainda mais cotidianas, tais como descer escadas, sentar-se no chão e muitas outras. Você consegue pensar em outros exemplos?





AS RESERVAS E A PRODUÇÃO DE ATP NO ORGANISMO

Como o músculo esquelético consegue energia para executar as contrações? Falamos sobre como os sistemas cardiovascular e respiratório trabalham em conjunto para levar oxigênio até a musculatura e como consomem mais oxigênio durante o exercício. O oxigênio é utilizado pelos músculos para gerar a energia necessária para as contrações, sejam elas estáticas ou dinâmicas. A energia para o processo de contração é obtida pela decomposição de uma substância de alto teor energético cuja sigla é ATP (adenosina trifosfato).

A fibra ou célula muscular tem uma reserva muito pequena de ATP e precisa constantemente fabricar mais para poder manter a contração muscular. O primeiro mecanismo da célula, para ressintetizar ATP, é utilizar a energia liberada a partir de uma outra molécula energética, a creatina-fosfato (CP). A energia da CP é utilizada para ressintetizar o ATP. As moléculas de ATP ressintetizadas a partir da CP são, então, decompostas com a conseqüente liberação de energia. Explicando de outra maneira, é como se o ATP fosse a moeda corrente energética no organismo. Qualquer outra forma de energia deve ser utilizada, primeiramente, para ressintetizar ATP. Somente em seguida pode estar disponível para uso das células. Por esta razão é que chamamos os processos que geram energia durante o exercício de processos de ressíntese de ATP. As reservas de CP também não são muito grandes. A solução seria simples se, apenas com a decomposição de moléculas de CP, o músculo fosse capaz de ressintetizar todo o ATP necessário para um determinado exercício. Mas, como disse, a fibra muscular também tem pouco CP, talvez em quantidade apenas três vezes superior à de ATP.

OUTRA MANEIRA DE PRODUZIR MAIS ATP

Existem, ao menos, dois outros processos importantes. Em um deles, a célula muscular usa a glicose, que é o principal açúcar do organismo, e consegue obter energia para a produção de ATP. O músculo usa a glicose do sangue e do seu próprio reservatório, que armazena glicose na forma de glicogênio. O desdobramento da glicose gera uma molécula, o ácido pirúvico. Esta substância não teria maior importância se não representasse um ponto de decisão para a célula. Ao chegar a este ponto, o ácido pirúvico pode ser transformado em ácido láctico ou seguir

uma via com uma série de reações que, no final, usam o oxigênio. Durante esta cadeia mais longa de reações, também ocorre liberação de energia para a ressíntese de ATP, além de haver formação de moléculas de CO_2 ou gás carbônico. Se a fibra muscular decide ir na direção da via mais longa que utiliza oxigênio, nós teremos uma via aeróbia de ressíntese de ATP. Ao contrário de ela optar por transformar o ácido pirúvico em ácido lático, teremos a ressíntese de ATP pela via anaeróbia.



Os termos aeróbio e anaeróbio significam apenas que a ressíntese de ATP ocorreu pelas vias metabólicas que utilizam oxigênio (aeróbio) ou que não o utilizam (anaeróbio).

A via anaeróbia pode ser de dois tipos: anaeróbia láctica, com decomposição de glicose e formação de ácido lático, e anaeróbia aláctica, usando a CP. O que determina qual dos dois caminhos o ácido pirúvico deve seguir e, ainda, determina a via metabólica com maior participação na formação de ATP durante um determinado exercício é a sua intensidade e duração. Em realidade, as três vias ocorrem simultaneamente em todos os exercícios. O que varia é apenas a proporção relativa de contribuição de cada via para a ressíntese do ATP utilizado durante as contrações. Mas, para simplificar, considera-se apenas a via predominante para caracterizar um exercício.

CARACTERIZAÇÃO DAS VIAS METABÓLICAS DE RESSÍNTESE DE ATP

A via anaeróbia aláctica é utilizada no início de qualquer exercício e em contrações de alta intensidade, mas de curta duração, pois não existe uma reserva muito grande de CP. Dar um pique, chutar uma bola, dar um salto, lançar um peso são exemplos no esporte, assim como subir um lance de escada, levantar da cadeira, correr para atravessar uma rua, transportar um engradado de bebidas por alguns metros são exemplos de situações cotidianas em que temos uma demanda súbita de ATP.

Os exercícios de grande intensidade feitos por um período relativamente curto de tempo, digamos, entre dez segundos e dois minutos, correspondem à via anaeróbia láctica. Se a duração do exercício não chegar a mais ou menos dez segundos, o ATP é ressintetizado, principalmente,

pela via anaeróbia alática. As competições de corrida de 200 e 400 metros rasos ou de natação em 100 metros são outros exemplos. No cotidiano, é difícil achar um bom exemplo porque, em situações rotineiras, o homem comum dificilmente produz ácido láctico. Não é sempre que alguém corre três ou quatro quarteirões para alcançar um ônibus; é mais fácil esperar o próximo do que correr e se cansar. Em suma, é muito difícil fazer um exercício de grande intensidade por mais do que quinze segundos na sua vida normal, embora, de forma geral, não haja problema de se produzir ácido láctico, porque esse é um mecanismo fisiológico, e não patológico.

A formação de ácido láctico é o resultado do funcionamento da via metabólica mais importante de ressíntese de energia para os exercícios muito intensos e mantidos por um ou dois minutos. O problema é o desconforto que acompanha essa produção. Aparece uma dor como uma queimação nos músculos que estão realizando o exercício e, depois, pode ocorrer náusea e até vômito, devido à acidose, isto é, a presença de substâncias ácidas no sangue. Se você insistir em realizar 60 exercícios abdominais rapidamente sem parar, poderá sentir dor intensa nestes músculos e quase não conseguir completar os exercícios: isso acontece por causa do ácido láctico.

No cotidiano, não produzimos ácido láctico, ao contrário dos atletas de competição de algumas modalidades desportivas que dependem, basicamente, do metabolismo anaeróbio láctico, como os exemplos dados. Esses atletas devem, inclusive, treinar esse sistema para melhorar a sua performance. Como já falamos, de modo geral, pode-se considerar que houve produção importante de ácido láctico quando o esforço competitivo durou entre dez segundos e dois minutos.

Os desportos coletivos do tipo futebol, basquetebol e voleibol são esforços intermitentes, e raramente se tem mais do que uns poucos segundos de grande intensidade. É por isto que se pode praticar mais de uma hora essas modalidades sem se chegar à exaustão, pois não ocorre grande produção de ácido láctico. Podemos guardar a idéia de que o indivíduo produz ácido láctico quando diminui a sua performance. Na escola, uma idéia, durante uma atividade desse tipo, é observar se um determinado exercício poderia ser mantido na mesma intensidade por vários minutos. Quando o aluno perde o ritmo do exercício ou começa a errar muito na técnica do jogo, isso pode significar acúmulo de ácido láctico no sangue e nos músculos.

Uma vez produzido ácido lático em quantidades apreciáveis, é melhor diminuir o ritmo, sem parar subitamente o exercício, pois a remoção do ácido lático é mais eficiente quando estamos em movimento. É preciso mais de uma hora para normalizar a acidez do sangue e do músculo.

As dores musculares têm muitas origens. As dores durante o exercício ou imediatamente após são efeito da acidez láctica. As dores que aparecem geralmente no dia seguinte ao esforço podem durar vários dias e não se devem ao ácido lático, pois este é totalmente eliminado poucas horas após o exercício. Na verdade, elas correspondem a microlesões do tecido que circunda as células musculares ou, até mesmo, das próprias fibras. Isto costuma acontecer quando realizamos um esforço para o qual o organismo não estava treinado. O melhor a fazer, quando a dor já está instalada, é repetir o mesmo tipo de exercício, mas com intensidade muito pequena, com o intuito de ativar a circulação local e ajudar a acelerar a recuperação.

A via aeróbia é responsável, para a ressíntese de ATP, pelos exercícios de longa duração, os aeróbios. Quando o músculo necessita que a ressíntese de ATP seja mantida durante um longo período de tempo, ele lança mão da via oxidativa ou aeróbia, metabolizando completamente a glicose, com conseqüente liberação de CO₂, consumo de oxigênio e liberação de grandes quantidades de energia. Este processo é muito eficiente e predomina sempre que o exercício é de baixa ou média intensidade. Na verdade, o exercício aeróbio é o mais comum. A maioria das profissões envolve esforços aeróbios, como datilógrafo e outros serviços de escritório, carteiro, mecânico de máquinas leves, ascensorista etc. No exercício aeróbio, a maior necessidade de ATP é suprida pela aceleração da via aeróbia com aumento do consumo de oxigênio.

As gorduras – e só muito raramente as proteínas – também podem ser levadas até a via aeróbia para produzir ATP. Desta forma, quando estamos sentados, por exemplo, toda a ressíntese de ATP é feita pela via aeróbica, usando, principalmente, gorduras e glicose que estão circulando no sangue. Podemos usar esta mesma pergunta e olhar um outro lado. Se o exercício em questão pode ser mantido na mesma intensidade por vários minutos, é predominantemente aeróbio. Caminhar, correr, nadar, pedalar ou remar por vários minutos são exemplos de exercícios aeróbios.

Se os lipídios ou gorduras são utilizados apenas nos exercícios aeróbios, uma pessoa que deseja perder peso deve praticar exercícios do tipo aeróbio, como, por exemplo, corridas e/ou caminhadas longas.

Uma pessoa não precisa de sessões formais de exercício para perder peso. Ela pode passar a exercitar-se mais no seu cotidiano, subindo e descendo lances de escada em vez de usar o elevador; andando alguns quarteirões para pegar o ônibus em vez de esperar no ponto mais próximo, brincar com crianças ao ar livre, caminhar com o cachorro de estimação e muitas outras situações.

Quando um piloto dirige um carro de corrida, ele está realizando um exercício aeróbio, porque a duração do exercício é longa e contínua.

O CO₂

É produzido pelo metabolismo aeróbio e é o mesmo que exalamos na respiração. O CO₂ é um produto do metabolismo que deve ser eliminado do organismo. Isso também ocorre através da ação conjunta dos sistemas circulatório e respiratório, mas no sentido inverso do oxigênio, isto é, dos músculos até os pulmões. O CO₂ é um gás que passa das fibras musculares para o sangue, onde se encontra em menor quantidade. A partir daí, o CO₂ é transportado no sangue sob algumas formas, em pequena parte ligado à hemoglobina. Após passar pelo coração, chega aos pulmões, onde atravessa em direção aos alvéolos, já que o ar que inspiramos não contém quase nenhum CO₂.

No ar que expiramos também há oxigênio. Na realidade, mais oxigênio do que gás carbônico. Isto é extremamente útil, ao fazermos uma expiração boca a boca para salvar um afogado, pois, em caso contrário, só estaríamos dando CO₂ para ele. Existe, no entanto, menos oxigênio no ar expirado do que no ar inspirado ou atmosférico, já que o organismo usa oxigênio e produz gás carbônico.

Todas as informações contidas nesta aula servirão para você entender certos mecanismos corriqueiros do corpo humano, como a sudorese, as trocas gasosas, as contrações musculares, a ressíntese de ATP, a função do sistema cardiovascular em repouso e, principalmente, quando realizamos exercício físico. Esses conhecimentos ajudarão no entendimento da importância das atividades físicas para a saúde, como estudaremos mais adiante.

ATIVIDADE FINAL

Complete a tabela abaixo, marcando um X na opção V (verdadeiro) ou na opção F (falso), de acordo com a afirmação oferecida, justificando a sua opção.

AFIRMAÇÃO	V	F	JUSTIFICATIVA
Durante a expiração não-forçada, ocorre o levantamento do diafragma.			
Durante o exercício físico dinâmico, ocorre diminuição da pressão sistólica.			Ela depende do débito cardíaco e da resistência vascular total do escoamento de sangue para os órgãos, chamada resistência vascular periférica total. Poderíamos comparar a pressão arterial com a pressão dentro de uma mangueira de água, que pode ser aumentada quando abrimos mais a torneira ou apertamos a extremidade de saída da água. Uma diferença importante é que o coração é uma bomba intermitente e, por isso, a pressão arterial aumenta durante a sístole até atingir um valor máximo chamado pressão sistólica e diminui durante a diástole até chegar à pressão mínima ou diastólica. Durante o exercício físico, a pressão sistólica aumenta, enquanto a pressão diastólica não se altera.
Os atletas diminuem a produção de urina durante exercícios de média e longa duração e intensidade. Isso ocorre devido ao aumento da pressão arterial.			
Em um desporto coletivo, como o voleibol, a energia para a contração muscular provém, predominantemente, da via metabólica anaeróbia alática.			

RESPOSTA COMENTADA

F - Ocorre um abaixamento do diafragma na expiração não-forçada porque ela é um ato involuntário, e o músculo relaxa.

F - Porque, durante o exercício dinâmico (como correr), há aumento de pressão sistólica e manutenção da pressão diastólica, enquanto no exercício estático (empurrar uma parede que não sai do lugar) há aumento das duas pressões.

F - Ocorre devido à diminuição do fluxo sanguíneo para os rins, porque o sangue se concentra nos músculos que estão se movimentando.

F- A via que predomina é a aeróbia, embora a ressíntese de ATP passe por todas as outras vias. Isso acontece por causa da intensidade e duração longa do exercício.

RESUMO

Anatomia é a ciência que estuda as formas e as estruturas do corpo humano em repouso, enquanto a fisiologia do exercício estuda o funcionamento do corpo em movimento. Existem diferentes tipos de músculo, e cada um tem uma função específica no corpo. Os movimentos corporais acontecem com as contrações dinâmica e estática do músculo esquelético. A molécula de ATP, com a sua quebra na contração, libera energia. São três os mecanismos de ressíntese de ATP: o aeróbio e os anaeróbios láctico e alático. A respiração, a sudorese, a sede e a pressão arterial são mecanismos fisiológicos que ajudam e sofrem alterações durante os exercícios físicos.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Trataremos, na próxima aula, da abordagem do corpo virtual e da tecnologia. Esse assunto será muito importante para a sua prática profissional, uma vez que, atualmente, os alunos gastam muito do seu tempo no mundo virtual e, como educador, você precisará conhecer as implicações desse fato.

Corpo, internet e vivência corporal

AULA 6

Meta da aula

Mostrar como a internet se tornou um espaço virtual para a vivência corporal.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- identificar a rede *web* como um ambiente virtual onde acontecem diferentes vivências corporais;
- avaliar o papel do educador nas escolas, na preparação do jovem para o uso da rede *web*;
- identificar as diferenças e semelhanças entre o amor virtual e o amor real.

Pré-requisitos

Esta aula tem um pré-requisito importante: o planejamento, matéria que você vivenciou na disciplina Didática. Volte a ela para a formulação da resposta da Atividade Final. O entendimento desta aula pode ser enriquecido com os conteúdos das aulas da disciplina Informática na Educação.

INTRODUÇÃO

Para escolhermos um caminho a seguir, temos de saber, primeiro, para onde queremos ir, evitando estarmos no mesmo impasse da personagem Alice, em *Alice no País das Maravilhas*, que, encontrando um outro personagem, o gato Cheshire, perguntou: “Estou perdida; qual é o caminho para eu sair daqui?”. E o gato respondeu: “Para onde você quer ir?”. “Não me importa muito. Na verdade, não sei”; disse Alice. “Se você não sabe para onde quer ir, não importa por que caminho irá”; respondeu o gato.



A INTERNET

A internet está sempre presente em nossas vidas, seja na prestação de serviços de atendimento bancário — como transferências de dinheiro, pedidos de saldo, extratos ou pagamento de contas — em nossas residências, seja em nossas relações profissionais, amorosas e de amizade.

A arte apropria-se de *softwares* e *hardwares* para expressar o corpo. Gestos traçados no espaço real constroem tempos e ambientes virtuais. As ferramentas tecnológicas se aliam à arte, oferecendo muitas possibilidades. Os sentimentos e as percepções artísticas podem demandar estruturas cerebrais diferentes, que podem ser boas, intensas, profundas.

Assim como é possível utilizar a internet para serviços cotidianos, como fazer compras de supermercado, existem outros sendo testados no mundo virtual. No campo das imagens científicas, dispositivos como microcâmeras usadas em videolaparoscopia passeiam pelo interior de

nosso corpo; sondas traduzem sinais sonoros em **ECOGRAFIAS**; **TOMOGRAFIAS** são como fatias mínimas de um corpo esquadrinhado, dentre outros processos de geração de imagens que descrevem o nosso corpo e o que está acontecendo com ele fisiologicamente.

A vivência corporal pode ocorrer pessoalmente, como conhecemos, e, atualmente, pode também acontecer a distância, com grande intensidade, por meio da tecnologia – mais especificamente, pela internet.

Para esclarecer nossas dúvidas sobre a utilização das novas tecnologias de ponta, vêm surgindo novas idéias e estudos que ajudam no desenvolvimento da sociedade e das relações que nela se constituem.

Por isso, esse fenômeno tem ajudado a confirmar a necessidade de incorporarmos, hoje, o princípio de *educação continuada*. Não nos bastam, portanto, os conhecimentos e habilidades que aprendemos na escola durante o processo de instrução nos diferentes níveis de ensino; temos de continuar nos instruindo, estudando e nos aperfeiçoando, para acompanhar os recursos tecnológicos da atualidade. Por exemplo, adianta pouco, atualmente, um relojoeiro ser exímio conhecedor de relógios de corda, já que todos os relógios são digitais. Sendo assim, se esse relojoeiro não se atualizar tecnologicamente, ficará sem trabalho.

A ERA DA INTERNET

As ferramentas tecnológicas invadem nosso dia-a-dia de tal forma que precisamos estar sempre informados a respeito das novas modalidades de comunicação, informação e construção de conhecimento, oferecidas pela chamada **SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO**.

ECOGRAFIAS

Registro gráfico de sons dos órgãos e estruturas corporais.

TOMOGRAFIAS

Registro gráfico de imagens dos órgãos e estruturas corporais.

SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Expressão utilizada pelos estudiosos em comunicação para definir uma nova era, quando a informação se dissemina rapidamente, assumindo valores sociais e econômicos fundamentais.



Geralmente, as discussões em torno das novas tecnologias (MORAES, 2000) e sua influência na sociedade, em todos os setores e dimensões, apóiam-se em discursos que lhes atribuem, praticamente, o estatuto de novo paradigma, futuro regulador das interações sociais, culturais, éticas e profissionais, de uma sociedade movida, portanto, por novas demandas. Entretanto, qualquer que seja a ótica das discussões sobre o assunto, é inegável que precisamos aprofundá-la, pois suas repercussões sobre nossa sociedade ainda não foram suficientemente exploradas, principalmente nas escolas brasileiras, junto aos jovens.

Compete à Educação e aos educadores exercerem papel de formadores de cidadãos com habilidade de reflexão e capacidade de opinião sobre essas tecnologias, na chamada **SOCIEDADE TECNOLÓGICA**. Somente, ou principalmente, por meio da Educação, o indivíduo terá condição de compreender e atuar na sociedade contemporânea como sujeito que avalia, decide e participa, escolhendo o melhor caminho a seguir, diferentemente da personagem Alice, destacada na introdução desta aula.

Como exercício, você pode ler o livro *Alice no País das Maravilhas* com seus alunos ou colegas e discutir com eles a necessidade de sabermos aonde queremos chegar, para decidirmos, então, que caminho seguir, em diferentes momentos de nossas vidas, relacionando o livro com esta aula, no sentido da necessidade de estarmos atentos à vivência corporal pela internet.

SOCIEDADE TECNOLÓGICA

Expressão utilizada para a sociedade dos dias atuais, cujo cotidiano é demarcado por tecnologias de ponta, na era digital.

OS RECURSOS DA INTERNET

Para escolher que caminhos seguir, precisamos, antes, saber onde estamos e para onde queremos ir. Nesta parte da aula, descreveremos os principais recursos da internet que permitem, atualmente, que o corpo humano se torne virtual, isto é, que o corpo esteja presente via rede *web*, e não pessoalmente. É importante que você, como educador, domine essas ferramentas e as vivencie, para poder discutir com os seus alunos como lidar com elas tecnologicamente e eticamente. Para termos uma visão crítica sobre elas, devemos, primeiro, conhecê-las, para não agirmos com preconceitos.



O CORPO E A WEB

Como ocorre a vivência corporal nas opções de comunicação a distância pela *web*? Os sentimentos e as reações do corpo se anulam ou apenas existem diferentes códigos, signos de vivência corporal? Se considerarmos o corpo apenas como organização anatômica e fisiológica, essa vivência poderia, sim, estar sendo prejudicada, anulada. Mas se estivermos evocando o corpo percebido, isto é, o corpo com as suas sensações e abstrações, então essa vivência pode ser possível. O que você acha? É natural que algumas pessoas estranhem a comunicação via *web* e pensem que a vivência corporal fica prejudicada nesse meio; mas se nos lembrarmos da invenção do telégrafo, observaremos um exemplo de modificação de ambiente de comunicação.

A comunicação, que antes era apenas pessoal, passou a ocorrer por via elétrica, e as pessoas passaram a perceber o espaço e o tempo como variáveis mais elásticas, moduláveis. O corpo passou a experimentar vivências a distância. Quando uma pessoa recebia uma notícia muito triste, por telégrafo, ativava as suas emoções de tristeza e desespero como se estivesse recebendo a notícia pessoalmente. Atualmente, na *web*, acontecem vivências semelhantes, e a vivência corporal a distância pode ser vivida mais intensamente porque, além da comunicação escrita, como no telégrafo, ativamos os dois hemisférios do nosso cérebro, com estímulos de som e imagem em duas e três dimensões. Podemos dizer, então, que os lugares, as durações, têm sentido diferente nos dias de hoje.

Se antes a comunicação acontecia por meio de mensagens escritas – estas demoravam, às vezes, meses para chegarem ao seu destino – e o corpo reagia de uma forma determinada a uma notícia de óbito, com tristeza, por que o corpo reagiria de modo diferente, se a notícia chegasse pela *web*? A vivência corporal na *web* é diferente, mas pode continuar a ser intensa, verdadeira, perigosa, positiva ou negativa, como as vivências corporais face a face.

Reforçando a possibilidade de vivência corporal, pela *web*, exemplificamos com a possibilidade, nos dias de hoje, de se realizar psicoterapia *on-line*. Para Mrech (2005), iniciamos um novo século, e sociólogos, psicólogos e historiadores estão se acostumando a viver na *sociedade pós-moderna* que, para ela, iniciou-se na década de 1950. Ainda segundo a autora, na internet, lidamos mais com signos do que com realidade. Ela faz uma crítica afirmando que preferimos, às vezes, a cópia ao original, e que o “ambiente pós-moderno significa, basicamente, isso: entre nós e o mundo estão os meios tecnológicos de comunicação, ou seja, de simulação”.

Para os lacanianos, esse processo virtual não é novo na vida humana. Ao lidarmos com a realidade virtual, damos-nos conta de que jamais estivemos no que eles chamam de “realidade real”, porque a realidade vivida pelos sujeitos sempre foi virtual, embora não tivéssemos consciência, uma vez que a realidade entendida por nós como “real” também é uma construção da percepção de cada um.

Orkut é um *software* que abriga uma comunidade virtual, onde os participantes têm coisas em comum, por isso, você precisa ser convidado por um usuário para ser aceito na comunidade. O acesso, via *site*, é por intermédio de uma senha e um *login*.

Como o número de pessoas aumentou muito, fica fácil ter acesso, pois muitas pessoas ao nosso redor estão no Orkut, que tem, hoje, várias subcomunidades, acessadas por afinidades. Por exemplo, você pode criar a comunidade “sou aluna do curso a distância da UNIRIO” ou “sou aluna do CEDERJ”. As pessoas que tiverem isso em comum com você, entrarão na comunidade Orkut e clicarão nessa subcomunidade. Assim, você acaba encontrando amigos antigos, por estarem em uma comunidade onde as pessoas gostam de animais, por exemplo, ou que estudaram em determinada escola.

No mundo atual, filmes de ficção retratam que é possível prescindir do corpo e ficar no **CIBERESPAÇO**. Exemplificamos alertando para o fenômeno que ocorreu no filme *Matrix*, que discute a causa do esquecimento do corpo real: a vivência em um mundo de máquinas, uniforme; um mundo onde a máquina sonha os sonhos do sujeito; um mundo que inventou outros ambientes e cenários para o homem e seu corpo, propostos a partir de realidades virtuais.

CIBERESPAÇO

Denominação dada ao espaço da internet, que não é um espaço físico, mas virtual.

MOMENTO PIPOCA

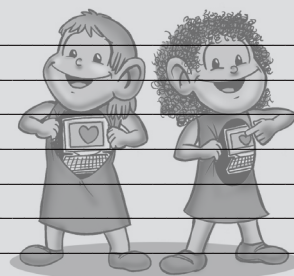


Assista ao filme *Matrix*, no seu pólo, e observe as possibilidades apresentadas e como seria viver em um mundo virtual, onde a máquina sobrepõe-se ao sujeito.

ATIVIDADE



1. Redija um pequeno texto apresentando a *web* como um ambiente virtual, onde acontecem diferentes vivências corporais no cotidiano das pessoas.



COMENTÁRIO

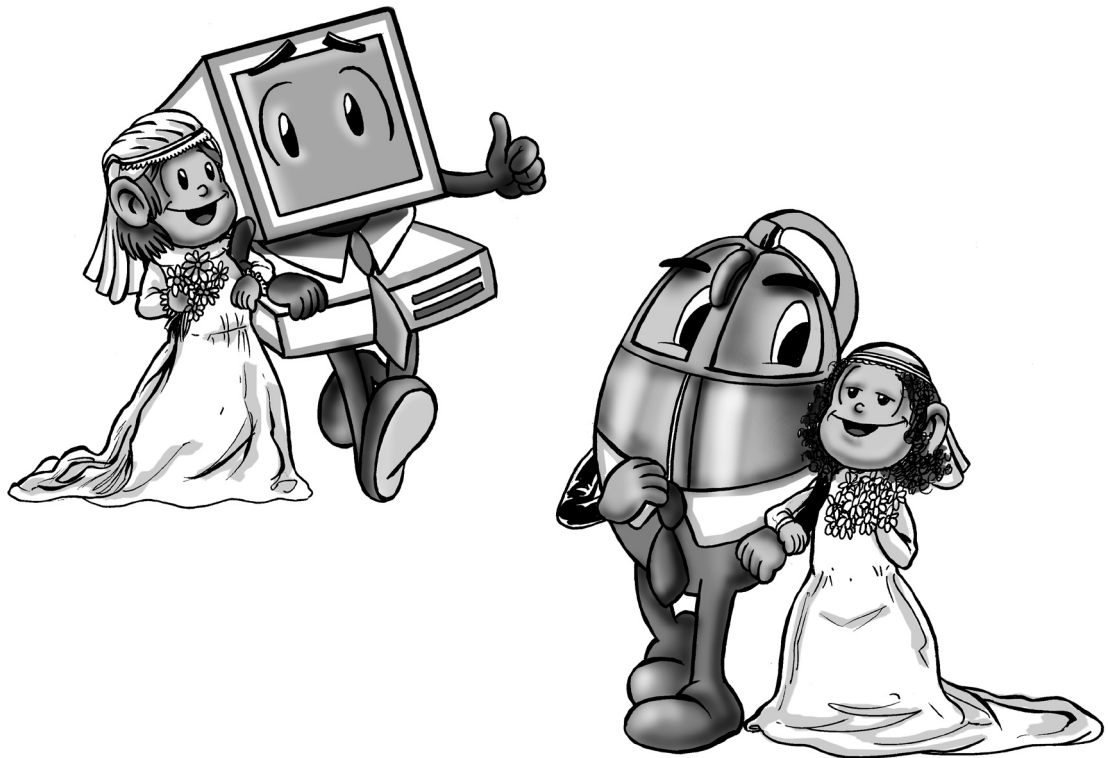
A questão deve ser respondida com base na sua rotina cotidiana e em atividades que você ou seus amigos, conhecidos ou vizinhos incorporaram na utilização da internet. Lembre-se de que, na área “comercial”, estão todas as áreas de compra e venda de produtos e oferecimento de serviços, como encontros amorosos e projetos de casamento.

O AMOR VIRTUAL

De tudo ao meu amor serei atento
 Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
 Que mesmo em face do maior encanto
 Dele se encante mais o meu pensamento (MORAES, 2005).

No tipo de amor descrito por Vinicius de Moraes, nesses versos, mais importante do que o parceiro é o próprio sentimento e a capacidade de amar. Observamos que se jura fidelidade ao amor, pois “mesmo em face do maior encanto”, dele (do amor) se encantará mais o pensamento. O corpo está situado, nesse amor, em segundo plano. A fidelidade não é ao corpo, mas ao sentimento. Isto demonstra que existem diferentes formas de as pessoas vivenciarem o amor. E aí entra a possibilidade de amor pela internet.

Um dos aspectos mais interessantes nas mudanças de comportamento e de vivências corporais trazidas pelas redes de comunicação, via computador, diz respeito às relações amorosas que não dependem do corpo. No espaço cibernético, surgiu uma forma de amor diferente – o amor virtual –, que dispensa a presença física de um parceiro. Isso é completamente diferente da atitude de procurar um parceiro pela internet, com a intenção de encontrá-lo posteriormente. Nesse caso, as pessoas jamais se encontram. Você acha que esses amores são incompletos, não-naturais?



Todas as ferramentas são elaboradas para facilitar o diálogo, direto ou não, que torna o ciberespaço um lugar para os relacionamentos amorosos.

Segundo Gonçalves (2000), a diferença ou oposição entre os relacionamentos reais e virtuais não permite que se julgue negativamente um ou outro. Ele afirma, sumariando, que as diferenças são pouco significativas e que, em contrapartida, as semelhanças entre esses dois tipos de relação são muito maiores do que se poderia supor. Os dois tipos de namoro podem ser longos ou rápidos, e o adultério acontece nas duas formas de relacionamento.

Todavia, o corpo está presente nesses relacionamentos de modo diferente do que ocorre nos reais. Para o amante virtual, o único corpo presente é o seu, de onde surge o prazer sexual, por exemplo. A imaginação é livre para criar o corpo do parceiro virtual. De acordo com esse autor, relatos informam que as sensações físicas e sentimentais nesse relacionamento são tão verdadeiras quanto as de um relacionamento real. Contudo, a identidade em um relacionamento virtual é sempre incerta. É possível apaixonar-se por alguém completamente diferente do que se esperava. Podemos estranhar essa forma de amor, mas a vivência amorosa nem sempre foi a que conhecemos hoje.

Na Grécia Antiga, por exemplo, o amor era vivido, sobretudo, em torno das relações homossexuais entre jovens e cidadãos mais velhos. Essa homossexualidade era considerada uma espécie de ritual social de iniciação, também vista como amorosa e pedagógica. O amor, diferentemente do casamento, não era algo que levasse à coabitação, embora fosse também possível que se amasse a esposa.

Já na Idade Média, a Igreja transformou o amor em algo espiritual, casto. O amor carnal foi lentamente aceito, mas sempre ligado à reprodução. Não se amava ardentemente, pois era pecado.

Se levarmos em consideração que, hoje, até para a fecundação e reprodução da espécie, não é preciso que os corpos se entrelacem, deveríamos ser mais cuidadosos ao recriminar o amor virtual.

Em uma reportagem do jornal *O Globo*, sobre internet, relata-se que, no amor virtual, o que seduz são as palavras, e não o corpo. Segundo o psicanalista Goldin (2005), o amor na internet é também uma entrada num mundo literário. Todos na internet são conhecidos, primeiro, por sua escrita. Segundo ele, de algum modo, os internautas se transformaram

em escritores. Talvez esta seja uma oportunidade de a escola brasileira se aproximar desse novo modo de escrever, de se comunicar. Conversar com os alunos sobre esses assuntos – amor e tecnologia ou amor virtual – os aproxima da escola, já que, dessa forma, eles poderão tratar de assuntos de seu interesse cotidiano.

ATIVIDADE



2. Liste algumas diferenças e semelhanças entre o amor virtual e o amor real.

A cartoon illustration of two children, a boy and a girl, standing side-by-side. They are both smiling and holding a heart-shaped object in their hands. The boy is on the left and the girl is on the right. They are wearing simple clothing.

RESPOSTA COMENTADA

O amor real, assim como o virtual, depende de duas pessoas. O amor real e o virtual dependem de conquista e admiração. As principais diferenças entre o amor virtual e o real é que, no real, você se apaixona, primeiro, por alguém, que, pretensamente, conheça por meio da linguagem corporal, da oral e das características morais. Já no virtual, apaixona-se por alguém que se comunica, primeiramente, pela linguagem escrita.

O adolescente e a vivência corporal no mundo da internet

Como vimos no princípio desta aula, como educadores, temos de ajudar os jovens a descobrirem aonde querem chegar e a refletirem sobre que caminho seguir na sua vivência com a tecnologia. Sabemos que a presença de adolescentes nas salas de bate-papo na internet, por exemplo, tem crescido assustadoramente. Nas salas de grandes provedores do país, 20% dos frequentadores são jovens de 12 a 17 anos e 12% de 18 a 20 anos (Gráfico 6.1). Normalmente, eles não se limitam a permanecer nas salas destinadas à sua faixa etária; gostam muito de ir para as salas de pessoas mais velhas. Quem se cadastrar em *sites* de encontros verá que também há uma grande quantidade de adolescentes.

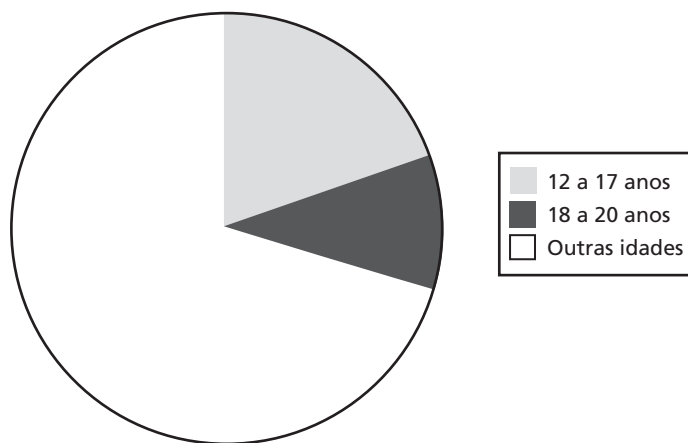


Gráfico 6.1: Distribuição de freqüentadores jovens e adolescentes nas salas de bate-papo de grandes provedores do país.

Por isso, a escola desempenha um papel fundamental em alertar sobre as vantagens e as desvantagens do crescimento do lazer na *web*. Algumas das providências que o jovem deve tomar nestas salas de bate-papo estão listadas a seguir:

- não acreditar, cegamente, em tudo que é escrito;
- desconfiar de quem pergunta muito e revela pouco sobre si;
- se usar *sites* de encontros, dar preferência aos que mantêm caixas postais internas, em que a conversa pode ocorrer por um bom tempo sem a necessidade de informar sequer o seu *e-mail* ao outro;
- ao resolver dar o número do telefone, informar apenas o do celular;
- desconfiar de pessoas que insistem em pedir o telefone muito depressa e, principalmente, em sair depois de pouquíssimas linhas tecladas, como se tivessem muita pressa para o encontro;
- salvar as mensagens ou as conversas de *chat* é valioso, para ver se a pessoa não cai em contradições;
- não detalhar a vida pessoal nem dar endereço antes de conhecer melhor a pessoa;

- se decidir conhecer alguém, marcar, sempre, o encontro em um lugar público, como *shopping*, choperia, sorveteria ou cafeteria; se tiver celular, pedir a um amigo para ligar, depois de um certo tempo, a fim de checar se está tudo bem – assim o outro percebe que há gente sabendo que vocês estão juntos;
- usar a internet para se divertir, sem ficar viciado, teclando horas e horas por dia e esquecendo os amigos da vida real.

Observamos, no entanto, que não devemos, na escola, ter preconceito sobre essa nova forma de adolescentes e até adultos se conhecerem. Os perigos são semelhantes aos do contato pessoal. O cuidado é que precisa ser maior.

Encontrar uma “paquera” em bares, boates e *shows*, também pode nos surpreender negativamente, porque ainda não sabemos com quem estamos lidando. Por isso, preconceito com a internet ou com qualquer fenômeno que desconhecemos não é bem-vindo.

Concluindo, defendemos que a escola deve estar atualizada a respeito das tendências da sociedade tecnológica, senão corre o risco de ficar distante do que acontece na vida de seus alunos e na sua formação geral. No entanto, é função da escola conhecer, discutir, refletir, juntamente com os seus alunos, as vantagens e desvantagens dessa forma de vivência corporal, preparando-os para lidar com ela.

Quando puder, entre no site Crime Virtual – Violência Real (<http://www.censura.com.br>), que está promovendo a Campanha Nacional de Combate a Pedofilia na internet. Se quiser, organize um fórum de discussão sobre o assunto com seus colegas na plataforma, discutindo causas e soluções para este problema social.

ATIVIDADE FINAL

Planeje um projeto de discussão e reflexão sobre a vivência dos jovens de 1ª a 4ª série com a internet na sua escola. Apresente-o à tutoria e crie um fórum de discussão sobre o assunto com seus colegas.

COMENTÁRIO

A esta altura do curso, você já deve ter estudado, em diversas disciplinas – Didática, PPPs, Práticas de Ensino –, diferentes ferramentas que o auxiliarão em um planejamento de qualquer natureza.

Volte a essas aulas, para que seu projeto de discussão e reflexão sobre as vivências dos jovens com a internet fique feito de acordo com as normas de um planejamento. De qualquer forma, não se esqueça dos seguintes passos descritos adiante, e boa sorte!

- a. formule um objetivo geral para esse projeto;*
- b. monte uma equipe, na escola, multidisciplinar, e com habilidades específicas, para esse projeto;*
- c. faça um cronograma semestral com as atividades e seus respectivos títulos;*
- d. faça uma listagem dos equipamentos que serão necessários.*

RESUMO

A vivência corporal pode ocorrer da forma como conhecemos (o contato físico) e, atualmente, pode também ser vivenciada a distância com grande intensidade, por meio das tecnologias, mais especificamente, pela internet.

Na verdade, as comunicações a distância, com sensações e sentimentos, acontecem desde a invenção das cartas escritas; depois, eletricamente, com a invenção do telégrafo, dos eletrônicos e, atualmente, com as tecnologias digitais.

Amar a distância também não é um método novo, se lembrarmos que nem sempre o corpo está inserido no amor, como no amor platônico.

Cabe à escola ajudar e contribuir educacionalmente para que os jovens reflitam sobre as vantagens e perigos dessa vivência, quando ela não é cuidadosa e quando o jovem não consegue decidir que caminho seguir.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, trataremos da questão da interdisciplinaridade no Projeto Político-Pedagógico de uma escola e traremos um exemplo de como essa teoria pode ser aplicada na prática escolar, com o tema corpo e movimento.

LEITURA RECOMENDADA

Nesse momento, sugerimos que você leia: MORAN, José Manuel. *Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento*. Revista Brasileira de Comunicação, São Paulo, v. 17, n. 2, 1994.

O corpo e o movimento no Projeto Político-Pedagógico da escola

AULA 7

Meta da aula

Apresentar as principais teorias pedagógicas em Educação Física, para escolher como abordar as questões do corpo e do movimento no Projeto Político-Pedagógico da escola.

objetivos

Esperamos que, após o estudo desta aula, você seja capaz de:

- conceituar Projeto Político-Pedagógico;
- listar as principais teorias pedagógicas em Educação Física;
- avaliar o papel do educador na escolha da teoria pedagógica, segundo os princípios estabelecidos na escola, acerca das questões do corpo e do movimento.

Pré-requisitos

Para que o entendimento desta aula seja otimizado, os conceitos das disciplinas Pesquisa e Projeto Político-Pedagógico 1 a 4 e os das Aulas 23, 24 e 25 da disciplina Didática – que tratam de Projeto Político-Pedagógico – precisam estar incorporados por você.

INTRODUÇÃO

Em aulas anteriores, procuramos apresentar a você uma visão complexa e interdisciplinar sobre as questões do corpo e do movimento, tratando da história, da visão socioantropológica, da utilização do corpo e do esporte na política, do corpo biológico e até das vivências corporais do corpo no ambiente virtual.

Com isso, esperamos que você compreenda que a sua atuação como educador, seja na escola ou em outros ambientes onde a prática educativa aconteça, não pode refletir uma visão sectária de nenhuma espécie. Dessa forma, esperamos que você tenha visão complexa, plural e interdisciplinar dos fenômenos que envolvem o corpo e o seu movimento.

Nesta e nas próximas aulas, faremos uma abordagem mais prática e objetiva, procurando mostrar a você como os conceitos teóricos discutidos podem ser aplicados em sua prática profissional nas primeiras séries do Ensino Fundamental.



PROJETO POLÍTICO-PEDAGÓGICO

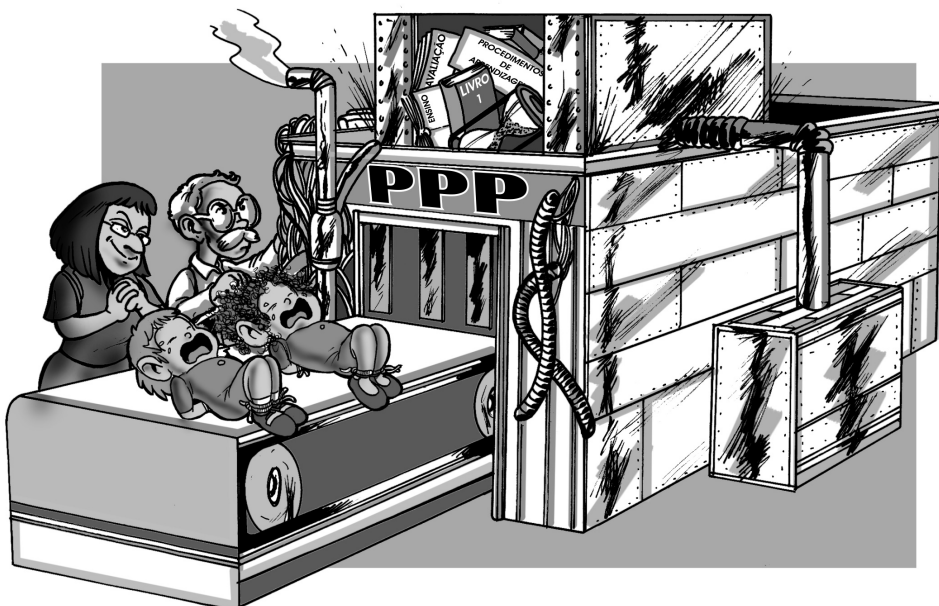
Esta seção não objetiva comentar as questões epistemológicas do Projeto Político-Pedagógico (PPP) porque, como já comentamos, isso já foi tema de outras várias disciplinas. Mas, quando estamos em uma escola que se preocupa com a qualidade de ensino e a formação de seus alunos, estamos cumprindo uma de nossas responsabilidades sociais: oferecer uma educação formal de qualidade.

Para conseguirmos esse intento, temos de admitir que a aprendizagem é inata aos seres humanos e que uma instituição que se compromete a ensinar deve estar ciente de como quer que esse processo aconteça. Para isso, a formulação do projeto de Educação da escola e a concepção de homem e de sociedade que se pretende ajudar a construir também têm de estar claros para o corpo social dessa escola, que é compreendido por diretores, supervisores, professores, funcionários, alunos e pais.

Não é justo que uma família contrate os serviços privados ou públicos de uma instituição de ensino sem saber o que será feito na formação de seus filhos. Não podemos esquecer que as crianças e os jovens passam mais de um terço de suas vidas em ambiente escolar, se eles têm direito à Educação, como estabelecem o *Estatuto da criança e do adolescente* e a Constituição Brasileira.

Para que esse projeto de Educação seja claro, um planejamento deve ser confeccionado com a participação de todo ou, pelo menos, da maioria do corpo social. A esse planejamento denominamos Projeto Político-Pedagógico. Ele é político, porque a Educação não é neutra e a escola tem de definir, como comentamos, a serviço de que valores está, construindo uma sociedade que esteja de acordo com tais princípios.

Em consequência dessa necessidade, ultimamente, temos observado uma preocupação enorme por parte das escolas e sistemas educacionais, na busca da construção de seus Projetos Político-Pedagógicos.



As discussões vão desde a sua importância até as reclamações pelos prazos de formulação, que continuam exímios. Apesar de sabermos da importância de um PPP, sabemos também que ele, como um documento formal apenas, não garante que o corpo social da escola cumpra as suas determinações. Um PPP deve resultar em mudanças de posturas, ocasionadas pelas discussões dentro da escola, entre professores e alunos, dependendo da faixa etária e do nível de ensino, sobre o tipo de educação que a escola quer oferecer e em que pressupostos teóricos e metodológicos os professores acreditam.

Não adianta colocarmos no papel concepções pedagógicas tradicionais ou em voga, se o corpo docente não acredita em seus pressupostos ou se os professores não têm formação adequada ou condições de trabalho compatíveis com o fazer docente, de forma a colocar em prática esses pressupostos e viabilizar as mudanças necessárias em seu trabalho.

Como afirma Reis (2001), as mudanças na Educação dependem, além de PPPs formulados pela escola, fundamentalmente, de vontade política, no que diz respeito a encará-la como prioridade nacional, oferecendo boa formação profissional, boas condições de trabalho e salário compatível com a responsabilidade social de educar.

Quanto à sua denominação – Projeto Político-Pedagógico –, você pode estar se perguntando se foi apenas o nome que mudou. A resposta é não. Para se configurar um Projeto Político-Pedagógico, algumas premissas são necessárias, como resumimos a seguir:

- deve surgir dentro da escola;
- a metodologia de confecção do PPP deve ser consoante com a metodologia do planejamento participativo, em que todo o corpo social da escola participa e decide;
- o grupo deve ter clara a necessidade de tentar esgotar as reflexões;
- o grupo deve tentar chegar a vários consensos;
- o grupo tem de entender que as decisões pedagógicas não são apenas metodológicas, mas também políticas.

O grupo precisa decidir que abordagem didática/filosófica/pedagógica a escola seguirá, e, a partir daí, deve treinar os seus professores a atuarem de acordo com essa tendência, para evitar que as intenções fiquem apenas impressas no documento final.

Metodologicamente falando, um PPP de um curso é formulado com as seguintes partes:

- identificação da instituição;
- apresentação do projeto e/ou introdução;
- objetivos gerais;
- objetivos específicos;
- concepção filosófica da proposta;
- pressupostos teórico-metodológicos;
- sistema de avaliação;
- estrutura curricular;
- grade curricular;
- equipe;
- referências.

A escolha de uma concepção de corpo e movimento na escola

A Educação física escolar, área que estuda, prioritariamente, as questões do corpo e do movimento, foi implantada na escola brasileira devido à ação de Rui Barbosa, e foi incorporada aos métodos militares e à medicina por muitos anos. Com a abertura política pela qual passamos depois da ditadura militar, outras correntes e abordagens foram se configurando. Apresentaremos, a seguir, algumas dessas abordagens, citadas por Brach (1999), para facilitar as suas escolhas. Procure, posteriormente, aprofundar-se nos procedimentos específicos da concepção com a qual você tenha mais afinidade.

TEORIAS PEDAGÓGICAS EM EDUCAÇÃO FÍSICA

Para Brach (1999), do século XVIII ao século XX, as teorias pedagógicas na Educação Física tiveram como pano de fundo a ação militar e a medicina, sendo alvo de estudos, nos séculos XVIII e XIX, fundamentalmente, das ciências biológicas, com uma visão mecanicista de mundo. A Educação Física servia para construir corpos saudáveis e dóceis. Para esse autor, no século XX, saímos de um controle do corpo, por meio de repressão militar e com enfoque biológico, para um controle de enaltecimento do prazer corporal, com enfoque psicológico.

Detalhando um pouco mais, vemos que, na década de 1980, surgiu o paradigma da aptidão física e esportiva que teorizava a Educação Física com base pedagógica, isto é, voltada para a intervenção educativa sobre o corpo sustentado, fundamentalmente, pela biologia, para a performance desportiva. Pregava-se a educação integral, entendida na perspectiva de desenvolvimento da aptidão física e esportiva.



Nos anos 80, aconteceu a entrada das ciências sociais e humanas na área da Educação Física. Esse fato possibilitou muitas reflexões acerca da prática da Educação Física escolar, resultando em análise crítica do paradigma anterior, com base na aptidão física. Surge, então, segundo Brach (1999), o Movimento Renovador da Educação Física Brasileira. Para esse autor, ainda existia um viés cientificista, porque se entendia que faltava ciência à Educação Física.

Surgiu, a partir das críticas à falta de cientificidade, outra perspectiva baseada nos estudos do desenvolvimento humano – a desenvolvimentista (desenvolvimento motor e aprendizagem motora) –, porém, ainda era considerada tradicional, embora surgisse de um movimento renovador na Educação Física (Quadro 7.1).

A Educação Física passou, paralelamente, a ser participante do sistema universitário brasileiro, incorporando as práticas científicas do meio, buscando uma formação melhor dos seus profissionais e

estimulando os docentes universitários a se inscreverem em programas de pós-graduação estrito senso, inicialmente no exterior e posteriormente no Brasil.

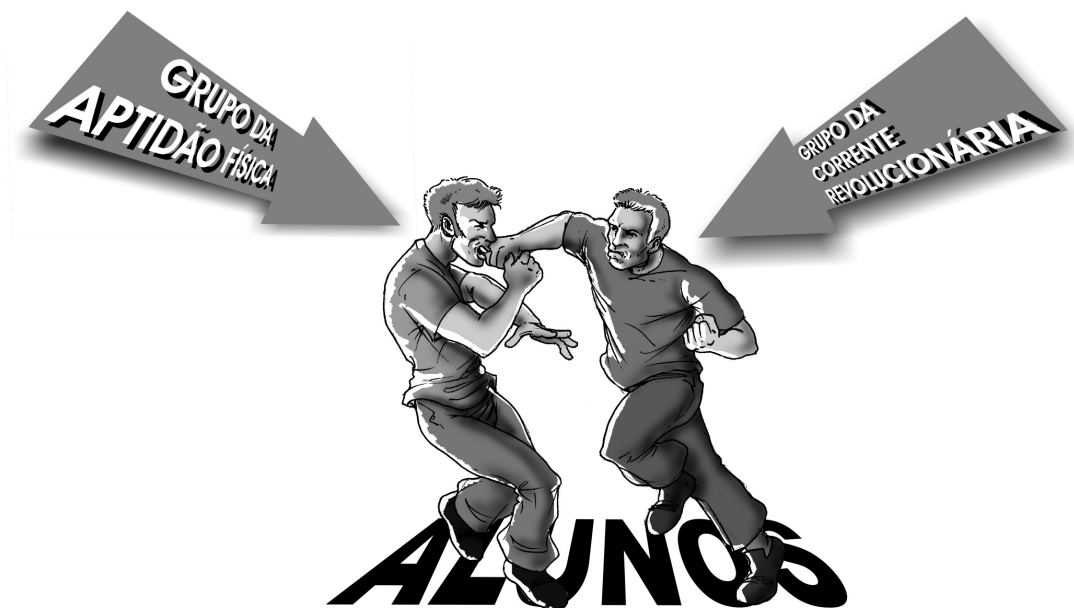
Um grupo foi para a América do Norte, voltando a confirmar o paradigma da aptidão física e saúde, enquanto outro grupo permaneceu no Brasil, em cursos de pós-graduação em Educação. Com essa influência, o grupo que ficou no Brasil passou a incorporar as mudanças por que passava toda a área da educação brasileira e a participar de discussões que tinham como pano de fundo as ciências humanas e sociais, e não mais as ciências da saúde. Esse grupo sofreu grande influência marxista.

Os anos 80 foram marcados por uma crise entre a corrente denominada Aptidão Física e a corrente Revolucionária ou Crítica e Progressista, que, segundo Brach (1999), em um primeiro momento, era homogênea. Hoje, quinze anos depois, está subdividida em outras correntes, como você poderá ver no **Quadro 7.2**.

Essa crise foi muito traumática para a área de Educação Física, porque a corrente revolucionária tinha como metodologia de luta desconstruir e desfazer tudo o que se tinha construído na Educação Física até aquele momento. Como conseqüência desse fato, alguns pontos podem ser levantados como desvantagem naquele momento: perdemos alguns excelentes colaboradores, que contribuíram, por anos, para a formação profissional de professores de Educação Física; ficamos, por muito tempo, sem um caminho a seguir, já que o que existia estava quase destruído e nada fora colocado no lugar; os professores de escola ficaram confusos e frustrados, e isso se refletia nas suas práticas profissionais.

A corrente Revolucionária denunciava, mas não apresentava nenhuma proposta concreta no lugar. Seria bom salientar que isso aconteceu em todas as áreas de licenciatura: Pedagogia, Física, Língua Portuguesa etc.

Depois de alguns anos, porém, o saldo da crise foi muito positivo, havendo um amadurecimento de idéias e um crescimento do número de intelectuais na área de Educação Física, com mestrado e doutorado, o que possibilitou que outras propostas fossem oferecidas mais concretamente.



Embora a prática pedagógica da Educação Física ainda esteja mais concentrada na visão da aptidão física para a performance, várias propostas progressistas apareceram nas últimas duas décadas, como alternativas. O quadro a seguir resume essas tendências.

Quadro 7.1: Apresentação sistemática da tendência tradicional da Educação Física

Abordagem	Idéia central	Base teórica	Nível de ensino/série
Desenvolvimentista.	Oferece à criança a oportunidade de vivenciar o corpo com experiências de movimento, objetivando ajudar o seu crescimento e desenvolvimento.	Psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem e Biologia.	1ª a 4ª série.

Quadro 7.2: Apresentação sistemática das tendências progressistas da Educação Física

Psicomotricidade ou Educação psicomotora.	Educar pelos movimentos naturais. O desenvolvimento motor ajuda o desenvolvimento intelectual e as disciplinas podem ajudar-se mutuamente.	Interdisciplinaridade e Psicologia do desenvolvimento.	Educação Infantil a 8ª série.
Promoção da saúde.	Valoriza as repercussões do efeito das atividades físicas para a saúde.	Fisiologia do exercício.	Todos os níveis, até a educação superior.
Pedagogia histórico-crítica ou crítico-superadora.	Valoriza a cultura corporal no esporte, na ginástica, no jogo, nas lutas, na dança e na mímica.	Cultura e História.	Todos os níveis de ensino
Crítico-emancipatória.	O movimento como forma de comunicação com o mundo. O sujeito é entendido com capacidade de crítica e atuação autônoma.	Pedagogia de Paulo Freire.	Todos os níveis de ensino.
Aulas abertas à experiência.	A aula pode ter várias concepções fechadas e abertas de Educação.	Abertura das aulas para co-participação dos alunos nas decisões didáticas que configuram a aula.	1ª a 8ª série.

Algumas explicações e variações das classificações.

DESENVOLVIMENTISTA

Oferece ao aluno condições de desenvolver seu comportamento motor na diversidade e complexidade de movimentos, e é dirigida para crianças entre 4 e 14 anos. Para essa corrente, a melhor forma de se aprender um movimento está na sua experimentação e aplicação. Por isso, privilegia a aprendizagem dos movimentos, embora compreenda que possam estar ocorrendo outras aprendizagens conjuntamente. O desenvolvimento cognitivo (alfabetização e pensamento lógico-matemático, por exemplo) pode ocorrer como subproduto, não sendo objetivo prioritário.

O nível de habilidades motoras corresponde à idade em que o comportamento aparece, dividindo os movimentos em diferentes fases e afirmando que o conhecimento do erro ajuda na aprendizagem:

- fase dos movimentos fetais;
- fase dos movimentos espontâneos e reflexos;
- fase dos movimentos rudimentares;
- fase dos movimentos fundamentais;
- fase de combinação dos movimentos fundamentais;
- fase dos movimentos culturalmente determinados.

A principal crítica a essa concepção é a de que ela não considera o contexto sociocultural da criança, o desenvolvimento dos domínios afetivo, cognitivo e social não é intencional.

CONSTRUTIVISTA E INTERACIONISTA

Esta concepção objetiva que o aluno construa o seu conhecimento a partir da interação com o mundo e com o meio, resolvendo problemas e desafios. Opõe-se ao mecanicismo, e o movimento é utilizado como meio para atingir domínios cognitivos. Respeita as experiências vividas pelos alunos e as diferenças individuais, resgatando a cultura de brincadeiras e jogos. Nesse sentido, o jogo é considerado o principal modo de ensinar, sendo um instrumento pedagógico, um meio de ensino. Suas principais críticas dizem respeito ao fato de que é preciso ter cuidado para que a Educação Física não sirva de base para outras disciplinas, perdendo sua identidade. Nessa corrente, enfatiza-se a auto-avaliação.

CRÍTICO-SUPERADORA

É uma concepção baseada na justiça social, que valoriza a questão da contextualização política dos fatos e do resgate histórico, encaminhando propostas de intervenção em determinada direção. Defende uma ação pedagógica, porque possibilita uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade, opondo-se ao mecanicismo. Nesta concepção, devem-se transmitir os conteúdos simultaneamente, e os mesmos conteúdos devem ser trabalhados ao longo das séries, aprofundando-se, a cada ano, porém sem a visão de pré-requisitos. Critica o sistema formal e a avaliação, por entender que estimulam uma discriminação aos interesses da classe trabalhadora.

A avaliação, segundo esta proposta, apenas tem atendido às normas legais, selecionando alunos para apresentações e competições. Suas principais críticas se referem à falta de propostas práticas, levando os objetivos da Educação Física para níveis abstratos, deixando a atividade motora em terceiro plano. Reduz o humano a duas classes: a classe dominante e a classe trabalhadora, esquecendo, por completo, sua individualidade e sua subjetividade, com um discurso superado.

SISTÊMICA

Seu objetivo é colocar o aluno no mundo da cultura física, formando-o para usufruir, partilhar, produzir, reproduzir e transformar as formas culturais da atividade física: o jogo, o esporte, a dança e a ginástica. Esta corrente acredita que a Educação Física sofre influências da sociedade, contudo, também a influencia, tentando garantir o movimento como meio e fim dessa atividade. As habilidades motoras não são os únicos objetivos a serem perseguidos pela Educação Física escolar. Por exemplo, não basta aprender as habilidades específicas do basquetebol, é preciso organizar-se socialmente para jogar, compreender as regras como elementos que tornam o jogo possível, aprender a respeitar o adversário como companheiro, e não como adversário a ser aniquilado, pois, sem ele, o jogo não seria possível.

Essa corrente enfatiza as vivências do aluno, a fim de lhe proporcionar conhecimentos cognitivos e experiências afetivas. O aluno deve incorporar o movimento, para dele tirar o melhor proveito possível, não apenas pela sua qualidade, mas pela compreensão que pode trazer de si e dos outros. Baseia-se no princípio da inclusão e no acesso de todos os alunos às atividades da Educação Física. Infelizmente, uma de suas críticas é que não há propostas de avaliação, não direciona os conteúdos e destina pouco tempo aos alunos para propostas práticas.

PLURAL

Interpretar o ser humano através da diversidade e da pluralidade presentes na cultura do corpo, sua cultura e seu mundo são os objetivos dessa concepção. Permite que as diferenças entre os alunos sejam percebidas e seus movimentos sejam frutos de sua história do corpo. Não se pensa em “eficiência técnica”, mas na forma cultural como os alunos utilizam as técnicas corporais.

Considera-se, dessa forma, o processo, o meio. Escolhem-se as atividades valorizadas culturalmente pelos alunos (atividades significativas); as principais críticas são propostas para a avaliação de metodologia prática.

ATIVIDADE



Primeiro, cite quais são as principais teorias pedagógicas na Educação Física, segundo as duas classificações apresentadas. Depois, reflita sobre cada uma delas. Finalmente, crie uma opção, tendo em vista características de cada teoria com as quais você concorda.

A black and white illustration of two young children, a girl and a boy, carrying large stacks of books. The girl is on the left, and the boy is on the right. They are both smiling and appear to be walking towards the right. The illustration is positioned on the right side of the lined writing area.

RESPOSTA COMENTADA

*Apresentamos duas classificações, e uma delas é do autor Walter Brach. Observe que ela oferece dois grandes grupos de corrente pedagógicas: a desenvolvimentista e as progressistas. Para responder a esta pergunta, não se restrinja a ler apenas o **Quadro 7.1**. Durante o texto, após a classificação de Brach, apresentamos uma outra variação de classificação, que você deveria ter descrito em sua resposta. Não é preciso, mas, se quiser aprofundar-se, escreva uma característica de cada uma delas. Crie, posteriormente, a sua, com base nas suas convicções pedagógicas e de mundo.*

Concluindo esta aula, esperamos que você tenha tomado ciência do cenário das propostas de abordagens da Educação Física e que possa escolher uma ou um conjunto delas para utilizar em sua formação profissional. A Educação Física na escola é um espaço de aprendizagem e, portanto, de ensino. E o que ela ensina? Historicamente, a Educação Física ocidental moderna tem ensinado o jogo, a ginástica, as lutas, a

dança e os esportes. Estes são os conteúdos clássicos. Através do tempo, está transformando inúmeros de seus aspectos para se afirmar como elemento da cultura, como linguagem singular do homem, no tempo (SOARES, 1996). Dentro da concepção do pensamento complexo de Morin (1999), comentado em outras aulas, seria interessante que algumas das melhores características das abordagens apresentadas fossem assimiladas na escola.

Particularmente, trabalharemos, em nossas aulas, com as seguintes correntes progressistas, segundo a classificação de Brach (1999): Psicomotricidade, Promoção da saúde, Pedagogia histórico-crítica, Crítica emancipatória e Aulas Abertas à Experiência e, também, com a Sistêmica, que muito se assemelha ao pensamento complexo. Repetindo: o corpo e o movimento são fenômenos que consideramos complexos.

ATIVIDADE FINAL

Faça uma síntese sobre a sua concordância ou não a respeito da necessidade de o professor conhecer as correntes pedagógicas da Educação Física, área que cuida das questões do corpo e do movimento na escola.

RESPOSTA COMENTADA

Lembra-se de que, na disciplina de Fundamentos 1, os autores das aulas explicaram que esse curso tem três eixos norteadores do PPP? Então, se precisar, volte às aulas da disciplina citada, pois elas o ajudarão a decidir se é ou não importante que o docente faça a sua escolha sobre a visão de homem, mundo e sociedade que deseja contribuir com a sua prática profissional. Essa contribuição pode servir para manter o status quo ou para transformá-lo ou, ainda, para manter o que acha correto, transformando o que acha que tem de ser mudado.

RESUMO

Um projeto político-pedagógico (PPP) é um documento que demonstra a posição de uma instituição de ensino em relação ao entendimento de mundo, de homem e de sociedade, eixos igualmente norteadores do PPP deste curso. Dependendo da visão de homem, mundo e sociedade, a escola planeja a sua ação pedagógica.

Para que o PPP seja incorporado pelo corpo docente de uma escola, resultando em uma prática coerente, o planejamento deve ser participativo, isto é, deve ter a colaboração da maioria do seu corpo social.

As questões do corpo e do movimento são, em sua maioria, de responsabilidade da área de Educação Física, que começou, no Brasil, com uma visão militar e biológica, mas que, nos anos 80, passou por uma crise de identidade e ideológica entre duas correntes pedagógicas, a desenvolvimentista e a marxista. Com o passar do tempo, outras correntes progressivas foram surgindo, aumentando, assim, o cenário de opções.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, trataremos da questão da interdisciplinaridade na Educação Física.

Educação física escolar e interdisciplinaridade

AULA

8

Meta da aula

Demonstrar como o princípio da interdisciplinaridade, na Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental, pode interferir no tratamento das questões do corpo e do movimento.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- conceituar interdisciplinaridade;
- identificar quatro tipos de obstáculos à prática interdisciplinar, segundo Japiassú;
- exemplificar uma atividade interdisciplinar nas primeiras séries do Ensino Fundamental.

Pré-requisitos

Para que o entendimento desta aula seja otimizado, releia as aulas de Fundamentos 2, 3, 4 e de Didática, que tratam do conceito de interdisciplinaridade.

INTRODUÇÃO

Interdisciplinaridade é um termo relativamente novo, utilizado atualmente para representar uma idéia antiga. Estudando História da Ciência, Fundamentos da Educação e, mesmo, História Geral, constatamos que a tentativa de superar uma visão fragmentada dos objetos e dos acontecimentos, de construir conhecimento da totalidade das coisas e de permitir um intercâmbio entre os diversos conhecimentos não é atitude nova.

O filósofo Aristóteles, apesar de ser o pai da idéia de classificar as ciências de acordo com os tipos de objetos (para objetos distintos, ciências distintas, com metodologia e linguagem diferentes), percebeu o risco que isso representava, pois criava visões parciais da totalidade do mundo (FLEURI, 1993) e, daí, começou a manifestar preocupações interdisciplinares.

Assim, para superar os conhecimentos fragmentários, Aristóteles propôs unificá-los numa totalidade explicativa que seria realizada pela Filosofia. A discussão iniciada por Aristóteles influenciou gerações de pensadores e, já no século XVIII, assistimos ao surgimento do enciclopedismo, que foi, em suma, uma tentativa de se interdisciplinarizarem os conhecimentos e de se reterem todas as informações sobre o mundo e o homem em um único livro, mesmo que com vários volumes. O objetivo era que qualquer indivíduo pudesse ter acesso ao conhecimento até então acumulado.

Por isso, afirmamos que a vontade de se des-disciplinarizar o conhecimento não é recente, porém sua prática efetiva tem sido um desafio constante para nós, educadores. Acreditamos ser vital à educação incentivar em nossos educandos uma prática de investigação baseada no debate e na pesquisa científica, pois, de acordo com a metodologia da pesquisa, para ser um cientista ou um pesquisador, é recomendável ter noção do todo para, depois, organizá-lo em partes.



CONCEITUANDO INTERDISCIPLINARIDADE

A concepção de ensino-aprendizagem fundamentada no princípio da interdisciplinaridade pressupõe uma atitude diferente a ser assumida em relação ao conhecimento, ou seja, é a substituição de uma concepção fragmentária para uma unitária, de ser humano e do conhecimento.

Segundo Japiassú (1976), “a interdisciplinaridade caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pelo grau de integração real das disciplinas no interior de um mesmo projeto de pesquisa...”

Além da pesquisa, este princípio pode, também, ser aplicado em um Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola, fio condutor de nossas ações educativas e compromisso profissional. Na aula passada, defendemos uma ação participativa na construção de um PPP e defendemos, também, um consenso entre os docentes, entre o que cada um entende, em termos filosóficos, sobre o mundo e, conseqüentemente, sobre o conhecimento. Se o grupo acredita que o conhecimento é complexo e não estratificado, está aí uma boa oportunidade para, no PPP, focar-se a concepção filosófica da proposta e os pressupostos teórico-metodológicos, defendendo o princípio da interdisciplinaridade.

Um projeto interdisciplinar de uma escola pode se subdividir em sub-projetos que, em algum lugar e momento, interligam-se. Defendemos isso, porque não é tarefa fácil desenvolver um grande projeto interdisciplinar. Na ação interdisciplinar, a relevância metodológica é indiscutível. Porém, “é necessário não se fazer da metodologia um fim, pois interdisciplinaridade não se ensina nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se e, por isso, exige uma nova Pedagogia...” (FAZENDA, 1993).

Na verdade, consideramos a interdisciplinaridade, como já comentamos, um princípio de personalidade do educador. Ou acreditamos que é possível e necessário, ou não. Para Japiassú (1976), “a atitude interdisciplinar nos ajuda a viver o drama da incerteza e da insegurança. Possibilita-nos darmos um passo no processo de libertação do mito do porto seguro. Sabemos o quanto é doloroso descobrirmos os limites de nosso pensamento, mas é preciso que o façamos”.

A interdisciplinaridade como princípio pressupõe:

- uma atitude não-preconceituosa diante do conhecimento, acreditando que todo conhecimento é igualmente importante e, ainda, que o conhecimento individual anula-se diante do saber universal;
- uma atitude humilde, de querer ouvir a opinião crítica do outro para fundamentar a sua opinião particular, supondo uma postura única, comprometida com a realidade educacional e pedagógica.

CONCEPÇÃO DE INTERDISCIPLINARIDADE

Muito se estudou acerca da interdisciplinaridade, embora ainda não seja possível formalizar um conceito que una epistemólogos, filósofos e educadores em torno de um consenso.

A Ciência já não é, em função do processo de disciplinarização, a ciência, mas, as Ciências Humanas, Sociais, Exatas, da Terra etc. Mesmo que não pretenda perder de vista a disciplinaridade, vislumbra a possibilidade de um diálogo interdisciplinar que aproxime os saberes específicos oriundos dos diversos campos do conhecimento, em uma fala compreensível aos diversos interlocutores.

De acordo com Siqueira (2001), podemos dizer que estamos diante de um empreendimento interdisciplinar todas as vezes que ele conseguir:

- incorporar o conhecimento de várias especialidades;
- tomar de empréstimo, de outras disciplinas, certos instrumentos e técnicas metodológicas;
- fazer uso dos esquemas conceituais e das análises que se encontram nos diversos ramos do saber;
- permitir que os integrantes do grupo se integrem e interajam;
- lançar uma ponte para ligar as fronteiras que haviam sido estabelecidas, anteriormente, entre a formulação de objetivos e os programas pedagógicos comuns.

OBSTÁCULOS À INTERDISCIPLINARIDADE



Vários depoimentos de docentes revelam as dificuldades de praticarem o princípio da interdisciplinaridade. Listamos algumas delas, a seguir:

- formação de grupos fechados e não disponíveis a mudanças;
- monitores ou supervisores de projeto assumindo atitudes de vigias, e não de orientadores;
- professores das áreas “exatas” simplesmente desconhecem os professores das áreas “humanas” e, estes, os das “naturais”.



Com isso, surgem indagações como:

- Poderá o educador engajar-se em um trabalho interdisciplinar, sendo a sua formação compartimentada?
- Existem condições para o educador entender como o aluno aprende, se não lhe foi reservado espaço para perceber como ocorre sua própria aprendizagem?
- Que condições o educador terá para *trocar idéias* com outros de outras disciplinas, se ainda não dominou o conteúdo específico da sua?
- Poderá ele entender, esperar, dizer, criar e imaginar, se não foi educado para isso?
- Poderá o educador buscar a transformação social, se ainda não iniciou o processo de transformação pessoal?

Hilton Japiassú (1976) identifica quatro tipos de obstáculos à prática interdisciplinar: epistemológicos, institucionais, psicossociológicos e culturais. A própria história das ciências evidencia que cada disciplina, uma vez emancipada da Filosofia, subdivide-se em setores autônomos, constituindo uma linguagem própria, que encerra o conhecimento num espaço fechado, sem comunicação com outras linguagens (obstáculo epistemológico). Tal separação do saber é consagrada pelas instituições de ensino e pesquisa que criam uma multiplicidade de compartimentos estanques cada vez mais restritos. Tal obstáculo institucional fomenta a concorrência e conflitos de poder que esterilizam o avanço da produção científica (obstáculo psicossociológico).

Uma filosofia das ciências, mais precisamente, o Positivismo, constituiu o grande *veículo* e o *suporte* fundamental dos obstáculos epistemológicos ao conhecimento interdisciplinar, porque nenhuma outra filosofia estruturou, tanto quanto ela, as relações dos cientistas com suas práticas. Para Japiassú (1976), essa estruturação foi marcada pela compartimentação das disciplinas em nome de uma exigência metodológica de demarcação de cada *objeto* particular, constituindo a *propriedade privada* desta ou daquela disciplina.



ATIVIDADE

1. Identifique, nas opções apresentadas, os quatro grandes obstáculos que impedem a utilização do princípio da interdisciplinaridade na prática docente, segundo Japiassú.

- Não existem condições para o educador entender como o aluno aprende, se não lhe foi reservado espaço para perceber como ocorre sua própria aprendizagem.
- O educador não pode engajar-se em um trabalho interdisciplinar, sendo a sua formação fragmentada.
- O educador não terá condições para *trocar idéias* com educadores de outras disciplinas, se ainda não dominou o conteúdo específico da sua.
- Dificuldade de os professores internalizarem esse princípio.
- Formação de grupos fechados e não disponíveis a mudanças.
- Monitores ou supervisores de projeto assumindo atitudes de vigias e não de orientadores.
- Os professores das diferentes áreas não se conhecem.
- Os obstáculos epistemológicos, institucionais, psicossociológicos e culturais.



RESPOSTA COMENTADA

Na verdade, todas as opções apresentadas são obstáculos à prática da interdisciplinaridade. Mas observe que todos aqueles apresentados nas opções a, b, c, d e f são exemplos dos quatro grandes obstáculos sumariados por Japiassú; opção h: epistemológicos, institucionais,

Outros processos são responsáveis pela dificuldade de se praticar corretamente a interdisciplinaridade. Administradores esbarram em dificuldades inerentes à própria constituição das ciências e das relações burocráticas de poder, agravadas pelos obstáculos psicossociais e culturais dos componentes, além das exigências metodológicas, pedagógicas e materiais.



Outros obstáculos à interdisciplinaridade estão descritos nos estudos de Foucault (1990), na linha da arqueologia do saber e da genealogia do poder, onde ele desenvolve o aparecimento histórico das Ciências Humanas como um produto de uma inter-relação de saberes e revela uma ordem interna e o poder do saber constituído.

POSSIBILIDADE DA PRÁTICA INTERDISCIPLINAR NO COTIDIANO DOCENTE

Tentando fazer uma ponte entre a teoria da interdisciplinaridade e a sua tão difícil (porém gratificante) prática, podemos viabilizar a “integração disciplinar” tendo em vista alunos, professores e coordenação. Quanto aos alunos, por exemplo, pode-se facilitar a interdisciplinaridade pela formação de trabalhos entre turmas diferentes, ou mesmo, entre alunos matriculados em séries diferentes em uma mesma disciplina. Basta que, para isso, as exigências de avaliação sejam diferentes para cada série.

A interdisciplinaridade pode ser praticada entre as equipes de professores das “disciplinas comuns” no momento do planejamento dos respectivos programas pedagógicos. Para isso, é necessária uma integração de todas as áreas, tendo como referência os objetivos gerais da série. A interdisciplinaridade pode ser articulada entre os professores da mesma turma, que ao se reunirem periodicamente, avaliam conjuntamente o desempenho de seus alunos.

COMO INCLUIR OS TEMAS TRANSVERSAIS DOS PCN

Os temas transversais estão bem presentes nas aulas de Educação Física, por exemplo, e podem ser utilizados no desenvolvimento dos tópicos corpo e movimento. Eles devem ser explorados a fim de estimular a reflexão e, dessa maneira, contribuir para a construção de uma visão crítica em relação à prática e aos valores inseridos na sua disciplina e no meio social a que o aluno e a escola pertencem.

ÉTICA

Respeito, justiça e solidariedade integram as práticas físicas. O respeito deve ser exercido na interação com adversários; a solidariedade, vivenciada quando se trabalha em equipe. Nos jogos, a presença de um

juiz, a existência de regras e os acordos firmados entre os participantes são formas de se aprender a valorizar o sentido de justiça.

SAÚDE

Estresse, má alimentação e sedentarismo são subprodutos da crescente urbanização. Daí a necessidade de vincular as questões do corpo e do movimento ao cultivo da saúde e do bem-estar das pessoas, superando, em muitos casos, a falta de infra-estrutura pública voltada para o esporte e o lazer.

MEIO AMBIENTE

O contato da escola com áreas próximas, como parques e praças, abre oportunidade para se abordar o tema do meio ambiente.

ORIENTAÇÃO SEXUAL

Idéias como a de que futebol é esporte para homem e ginástica rítmica é “coisa de menina” ainda se manifestam na sociedade e no cotidiano escolar. Combater preconceitos como esses é uma das missões da orientação sexual.

PLURALIDADE CULTURAL

Adotar uma postura não-discriminatória é a chave para atingir os objetivos da pluralidade cultural em Educação Física. Para isso, é preciso valorizar danças, esportes, lutas e jogos que compõem o patrimônio cultural brasileiro, originário das diversas origens étnicas, sociais e regionais.

TRABALHO E CONSUMO

O adolescente é alvo da publicidade de produtos esportivos. O professor pode ajudar seu aluno a analisar criticamente a necessidade de possuir ou não determinado produto e, assim, criar a noção de consumo consciente.

INTERDISCIPLINARIDADE COM OS TRÊS EIXOS TEMÁTICOS DOS PCN

Conhecimentos sobre o corpo

Este bloco dá ao aluno informações sobre o próprio corpo, sua estrutura física e interação com o meio social em que vive. Estudam-se noções básicas da anatomia, da fisiologia, dos aspectos biomecânicos e bioquímicos do corpo humano.

Esportes, jogos, lutas e variações de ginásticas

Neste eixo, o professor transmite informações históricas sobre as origens e características de cada uma dessas práticas e a importância de valorizá-las.

Atividades rítmicas e expressivas

São as manifestações que combinam expressões com sons, como danças, mímica e brincadeiras cantadas. Por meio delas, o aluno caracteriza diferentes movimentos expressivos, sua intensidade e duração.

O corpo e o movimento como tema gerador interdisciplinar

Seguiremos exemplificando, com dez itens, como um tema gerador – corpo e movimento – é capaz de envolver diferentes disciplinas, podendo-se variar o nível de complexidade e de abordagem, dependendo da série (ARAÚJO, 2004).

1. No século XX, o gênio do cinema Charles Chaplin ressaltou, em *Tempos modernos*, a diferença entre o corpo do atleta e o do trabalhador. Embora ambos realizassem exercício físico, neste último, o corpo era utilizado como máquina de produção (Educação Artística, História, Educação Física, Língua Portuguesa, política);
2. A segurança pública é fundamental para o cidadão sentir-se protegido e estimulado a sair durante o dia, à noite e nos

- fins de semana pelos arredores da sua residência (Educação Artística, cidadania, Educação Física, política);
3. Afinal, qual é a diferença entre atividade física, exercício físico e aptidão física? Elas se inter-relacionam entre si, com saúde e com a qualidade de vida? (Educação Artística, Ciências, Educação Física...);
 4. O Manifesto Mundial de Educação Física (Fiep, 2000) delimita os serviços da Educação Física para crianças, jovens, adultos e idosos, portadores ou não de necessidades especiais, objetivando uma vida fisicamente ativa, com direito à educação, à saúde e ao lazer (Educação Artística, cidadania, inclusão, política, Educação Física);
 5. Para o idoso e para as pessoas em geral, o descondicionamento físico é um fantasma que vai se instalando ao longo dos anos. O sedentarismo é uma arma mortal silenciosa. A previsão era que em 2003, seríamos a 6ª população do mundo, em idosos. Estima-se que 84% dos idosos são dependentes para realizar as suas tarefas cotidianas (Educação Artística, Ciências, Educação Física, Geografia);
 6. Trabalhar no arado demanda um alto nível de aptidão física. Contudo, para benefício da saúde, o exercício físico deve resultar em bem-estar e em prazer (Educação Artística, política, Língua Portuguesa, Educação Física, Geografia);
 7. A deterioração da condição física da criança começa logo que ela é imobilizada por longas horas nas carteiras escolares. É a disciplina de Educação Física que, na escola, pode reverter este quadro, devolvendo à criança o seu hábito de movimentar-se, para que não se torne um adulto sedentário (Educação Artística, Ciências, Educação Física);
 8. O gênero masculino deseja cada vez mais ganhar massa muscular, e esse fenômeno pode levá-lo à dismorfia muscular. O gênero feminino quer, cada vez mais, perder gordura corporal. Esse fenômeno pode levar à bulimia e à anorexia nervosa (Educação Artística, Ciências, Educação Física, Língua Portuguesa, História, educação sexual);
 9. A especialidade médica denominada Medicina do Exercício e do Esporte, juntamente com os profissionais de Educação

Física, vêm ocupando, na sociedade brasileira, seus espaços na prescrição do exercício físico como uma das terapias para as doenças crônicas e degenerativas e como instrumento de prevenção dessas doenças (Educação Artística, Educação Física, Ciências);

10. A capacidade de uma pessoa sentar e levantar do chão, analisada pelo Teste de Sentar e Levantar (TSL), pode indicar o estado de variáveis da aptidão física, tais como a força e a flexibilidade (Educação Artística, Matemática, Educação Física, Ciências).

Concluindo esta aula, depois desses exemplos, gostaríamos que você tentasse, no momento ou no futuro, planejar um PPP baseado na interdisciplinaridade entre dois temas ou entre vários, ou com todos os professores e disciplinas da sua escola, se você já trabalha. Se achar que é impossível, planeje-o com seus colegas e disciplinas da escola. Às vezes, um projeto menor, entre dois ou três docentes, tem mais chance de dar certo, principalmente se esses docentes se respeitam e têm pensamentos semelhantes sobre o ato de educar.

ATIVIDADE FINAL

Em um projeto interdisciplinar realizado em uma escola, os professores de primeira a quarta série e, também, quinta e sexta séries, nas disciplinas de Educação Física, Educação Artística, Ciências e Língua Portuguesa desenvolveram vários temas, afirmações e conceitos junto com os seus alunos, interdisciplinarmente. Vários produtos resultaram do projeto: redações, maquetes, textos, exposições, debates e desenhos. Identifique, nos desenhos feitos por uma aluna de nove anos, qual a afirmação ou o tema trabalhado, baseado na listagem dos dez exemplos oferecida a você nessa última seção.

RESPOSTA COMENTADA

Na atividade, apenas o exemplo de Charles Chaplin não foi usado, porque já o utilizamos em outra aula, lembra-se? Assim sendo, a resposta correta, na ordem (da esquerda para a direita e de cima para baixo), é: 4, 6, 2, 9, 7, 5, 10, 8, 3.

Exemplo 2: segurança pública. Observe que a menina representou uma pessoa caminhando perto de uma praça e alguém prestes a atacá-la com um rolo de macarrão. O desenho não é agressivo, porque talvez essa criança não tenha passado por situações de grande agressão, daí não ter colocado um revólver na cena, por exemplo.

Exemplo 3: diferença entre aptidão física, atividade física e exercício físico. O desenho mostra uma adolescente confusa com esses termos. Eles deveriam ser claros para ela que, naturalmente, frequenta aulas de Educação Física na escola.

Exemplo 4: o desenho mostrou que, quando falamos de portadores de necessidades especiais, as crianças compreendem exatamente o que queremos dizer. A menina ilustrou um menino em cadeira de rodas, sem condições de caminhar.

Exemplo 5: o desenho mostra que, para a menina, o idoso é representado pelo seu avô, em uma cadeira de balanço, sedentário. O desenho mostra afetividade entre eles, mas demonstra que a imagem do idoso, para ela, é de uma pessoa velha.

Exemplo 6: o desenho mostra um trabalhador no arado. Observe que a menina desenhou um chapéu nordestino.

Exemplo 7: a menina descreve, na ilustração, uma criança sendo deixada na escola pelo responsável e sendo esperada pela professora na porta da escola. Talvez seja uma lembrança. De qualquer modo, retrata a criança dando adeus e aparentemente feliz.

Exemplo 8: a menina desenhou um menino olhando-se no espelho e vendo uma imagem que não é a sua imagem real: a de um homem muito forte, demonstrando distorção de imagem corporal.

Exemplo 9: o desenho mostra um salão com muitas crianças realizando exercício físico, para a saúde, com a supervisão de um médico especializado em Medicina do Exercício e do Esporte.

Exemplo 10: a ilustração mostra uma criança sentada no chão, demonstrando a sua capacidade de sentar e levantar do chão, como deve ser comum, em se tratando de crianças.

RESUMO

A interdisciplinaridade é uma preocupação que existe desde a Grécia Antiga, quando Aristóteles, apesar de ter sido o pai da idéia de dividir as ciências de acordo com os tipos de objetos, teve preocupações “interdisciplinares”, ao perceber o perigo que isso representava, criando, assim, visões parciais da totalidade do mundo.

Essa preocupação ainda é uma meta entre os docentes que entendem que o conhecimento de um fenômeno não pode ser sempre visto estratificadamente. A interdisciplinaridade pode ser vivenciada na escola, mas, para isso, temos de conhecer a sua metodologia sem, contudo, nos prendermos demasiadamente a ela como se fosse um fim em si mesma. Na verdade, a interdisciplinaridade é um princípio de caráter e de formação docente. Para que ela aconteça, basta que duas pessoas tenham uma visão semelhante sobre educação e estejam dispostas a tentar essa velha nova forma de entender as disciplinas com pontos de interseção.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, trataremos das manifestações e expressões corporais – o folclore. Você conhecerá um pouco do folclore dos municípios do estado do Rio de Janeiro e como o corpo e o movimento, pelo folclore, são fundamentais para a manutenção de nossa cultura.

Manifestações culturais do corpo – o folclore

AULA 9

Meta da aula

Apresentar o folclore e a dança folclórica como manifestações corporais, relacionadas à cultura.

objetivos

Esperamos que, após o estudo do conteúdo desta aula, você seja capaz de:

- definir folclore;
- identificar o folclore como um dos instrumentos de Educação nas escolas;
- listar manifestações folclóricas do seu município.

Pré-requisitos

A leitura dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), documento que auxilia a compreensão da importância do folclore para as primeiras séries, ajudará muito na compreensão desta aula.

INTRODUÇÃO

Veremos o folclore e as suas manifestações culturais, que podem ser expressas pela música, culinária, contos, costumes, ritos e danças. Nas danças folclóricas, o corpo se manifesta para demonstrar os costumes dos povos e das regiões, acoplado a movimentos rítmicos, à música, trazendo à tona as raízes do lugar.

Num país em que pulsam a capoeira, o samba, o bumba-meu-boi, o maracatu, o frevo, o afoxé, a catira, o baião, o xote, o xaxado, entre muitas outras manifestações, é surpreendente o fato de a Educação Física, durante muito tempo, ter desconsiderado essas produções da cultura popular como objeto de ensino e aprendizagem (PCN – 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental – Educação Física, p. 71).

Lendo a citação, observamos a importância de a escola resgatar o seu direito de reunir e exaltar as manifestações do folclore brasileiro em todas as suas disciplinas, inclusive na de Educação Física.



O FOLCLORE NA ESCOLA

São muitas as representações humanas sobre o mundo e sua cultura. Desde o início dos tempos, o ser humano se dedica a figurar o lugar onde vive, o que ele vê e o que extrai do que vê, resultando desse fato inúmeras manifestações artísticas e culturais.

O folclore é uma das formas de que a sociedade se utilizou para representar, na cultura, seu contato com outras comunidades e com a natureza. Sem essa cultura, o homem, sem possibilidade de comunicação de suas vivências, definharia. Chegando até nós para ajudar no registro de civilizações já extintas ou em vias de extinção, sem o folclore não teríamos história e memória, que seriam desperdiçadas no decorrer do tempo.

Divulgar o folclore junto aos alunos, nas escolas, permite a discussão de um acervo de ficção contada, oralmente, sem papel e sem escrita; da música, tocada e cantada, sem registro eletrônico; das manifestações plásticas, sem tela e sem tintas industrializadas; e da dança, como expressão natural do corpo. Sua divulgação também permite às novas gerações compreender o movimento do homem no tempo e no espaço e, por meio dessa compreensão, avaliar o que foi perdido, o que foi ganho e o que foi incorporado. À escola também compete oferecer o acesso às várias manifestações e linguagens. Esse acesso, socializado na escola, permite despertar o gosto e o prazer pela leitura ou pelas danças, por exemplo, além de possibilitar uma compreensão mais ampla das representações humanas.

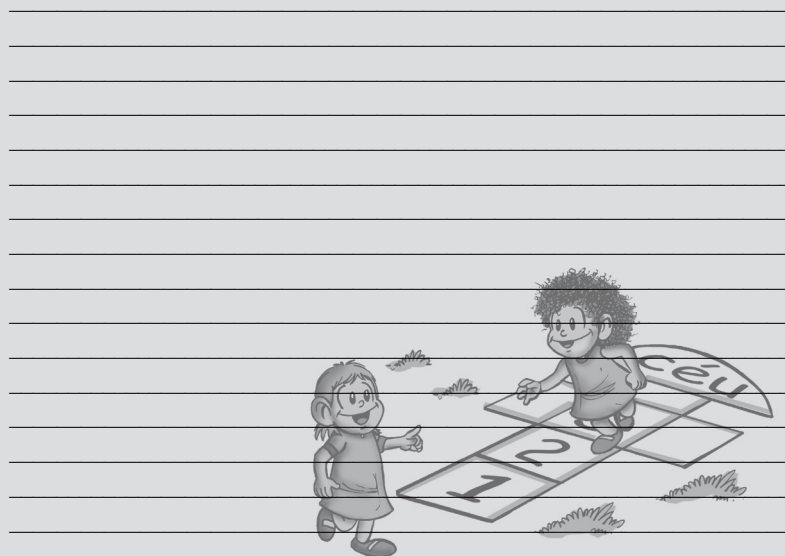
O folclore não é um fenômeno desvinculado do cotidiano do aluno, desde que estejamos atentos ao fato de que ele é a origem de tudo o que a cultura humana vem construindo e sofisticando através dos séculos. Utilizamos manifestações culturais, em nosso lazer, sem nos darmos conta disso. Podemos exemplificar com os contos estudados e recolhidos pelos irmãos Grimm, que foram, mais tarde, chamados de contos de fadas, sendo amplamente utilizados em todo o mundo. Esses contos de fadas são oriundos do folclore medieval europeu, na mesma medida em que a canção folclórica Pedro e o Lobo, por exemplo, foi transformada em uma famosa sinfonia, de Sergey Prokofiev, ou que os contos indígenas e os contos escravos possibilitaram a pesquisa, no Brasil, de autores como Câmara Cascudo, Carlos Gomes, Castro Alves, Gonçalves Dias, Monteiro Lobato, Villa Lobos, Mario de Andrade e tantos outros artistas brasileiros que enalteceram o folclore.

Trabalhando com os alunos a idéia de folclore como uma leitura específica do mundo, é possível encontrar heranças por toda a parte. Folclore é a leitura, cultura, memória de um povo. Confiná-lo às comemorações de um dia por ano torna-o entediante, obrigatório, transformando uma herança cultural em peso morto, cultura, arquivo mumificado que perpetua, entre os jovens, a ilusão de que tudo nasceu agora, sem noção histórica dos fatos. O folclore, como todo fenômeno social, incluindo aí a Educação, é também resultado de sua historicidade. Mas, para que o jovem e a criança o compreendam e o identifiquem em seu cotidiano, é preciso torná-lo uma experiência prazerosa, sem preconceitos, pois o que não compreendemos não nos dá alegria nem

prazer. Infelizmente, na atualidade, assistimos a comemorações de certos eventos que não são de nossa cultura, em detrimento de festas populares brasileiras. Exemplo disso são as comemorações da festa do dia das bruxas do folclore americano – o *Halloween* –, evento folclórico muito comemorado. Os professores têm repetido essa comemoração sem refletir por que o fazem, já que essa não é uma comemoração da cultura brasileira.

ATIVIDADE

1. Reflita e depois discuta com o seu tutor por que o *Halloween* tem sido muito comemorado no Brasil. Após chegar às suas conclusões, escreva um pequeno texto e entregue ao tutor.



COMENTÁRIO

Anglicismo é um fenômeno lingüístico resultado da incorporação de uma palavra do idioma inglês, para o português. A palavra táxi é um exemplo de anglicismo. Na cultura tem acontecido o mesmo. Uma festa americana como o Halloween tem sido festejada no Brasil demasiadamente, mesmo nas escolas, sob o perigo de os alunos passarem a pensar que essa é uma festa brasileira. Os motivos para isso ainda não estão sendo pesquisados, mas podemos arriscar algumas razões: a falta de estímulo a nosso folclore pelas escolas brasileiras; para o comércio, quanto mais festas a comemorar, mais vendas acontecem; há ainda a ignorância do povo, a falta de patriotismo etc.

Os contadores de histórias são responsáveis por transmitir, de geração a geração, histórias populares contadas e cantadas com muito humor. Você seria capaz de se lembrar de histórias narradas por seus parentes mais idosos? Bons exemplos são as histórias do personagem Saci Pererê, do escritor Monteiro Lobato, no Sítio do Picapau Amarelo. Na verdade, o mito já existia, no século XVIII, quando Lobato o descreveu em seu conto.

A lenda do Saci Pererê data do fim do século XVIII. Durante a escravidão, as amas-secas e os caboclos-velhos assustavam as crianças com os relatos das travessuras dele. Seu nome, no Brasil, é de origem tupi-guarani. Em muitas regiões do Brasil, o saci é considerado um ser brincalhão, enquanto em outros lugares, é visto como um ser maligno. É uma criança, um negrinho de uma perna só, que fuma um cachimbo e usa, na cabeça uma carapuça vermelha que lhe dá poderes mágicos, como o de desaparecer e aparecer onde quiser. Existem três tipos de sacis: o Pererê, que é pretinho e o mais conhecido; o Trique, moreno e brincalhão; e o Saçurá, que tem olhos vermelhos. O saci adora fazer pequenas travessuras, como esconder brinquedos, soltar animais dos currais, derramar sal nas cozinhas, fazer tranças nas crinas dos cavalos etc. Diz a crença popular que dentro de todo redemoinho de vento existe um saci. Ele não atravessa córregos nem riachos. Alguém perseguido por ele deve jogar cordas com nós em seu caminho, pois ele vai parar para desatar os nós, deixando que a pessoa fuja. Diz a lenda que, se alguém jogar dentro do redemoinho um rosário de mato bento ou uma peneira, pode capturá-lo, e, se conseguir sua carapuça, será recompensado com a realização de um desejo.





ATIVIDADE

2. Destaque de um jornal qualquer fato ou atividade que possa servir para uma reflexão, um estudo sobre o folclore e leve ao pólo, para o seu tutor. Você pode retirar um fato de um *outdoor*, de desenhos animados, dos filmes, da vida. Os exemplos são infindáveis.

RESPOSTA COMENTADA

Para essa atividade, procure, especialmente um jornal datado do dia do folclore – 22 de agosto – e observe, por exemplo, se existe alguma reportagem sobre o assunto; Se houver, comente essa reportagem. Se não houver, reflita o por quê. Muitas vezes, em propagandas de TV ou em filmes, há alusões sobre folclore e não percebemos. Fique atento e dê sua opinião, junto ao tutor.

ARTE, CIÊNCIA, FOLCLORE E INTERDISCIPLINARIDADE

Como vimos na aula passada, com um trabalho interdisciplinar, um Projeto Político-Pedagógico pode utilizar o folclore para desenvolver conhecimentos de outras áreas das ciências. Muitas ciências, disciplinas e artes estão intensamente ligadas ao folclore. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental, os professores devem servir-se dele, como excelente meio de transmissão de conhecimentos, ao mesmo tempo que é um revelador e transmissor da cultura do povo.

Normalmente, a maior aplicação do folclore ocorre na área da linguagem oral e escrita, com o estudo dos contos, analisando os seus objetivos éticos, morais e estéticos. Com os contos, a criança é conduzida a um mundo de fantasias que a encanta. O conto é um veículo educativo, usado nas mais antigas civilizações, e do mesmo modo, entre os povos naturais, para realce dos feitos dos seus heróis e das virtudes de seus antepassados. Outros exemplos na área da linguagem são os provérbios, que representam a sabedoria popular: os jogos de adivinhar, que são testes de conhecimento, as **PARLENDAS**; os jogos e os brinquedos cantados, que estimulam as relações sociais e reafirmam a unidade grupal (Ribeiro, 1993).

Apenas como ilustração, seguem algumas parlendas, que, espero, despertarão lembranças da sua infância.

PARLENDAS

São versos infantis com rimas, criados para as mais diferentes finalidades, dentre elas divertir, acalmar, ajudar a decorar números ou escolher quem deve iniciar uma brincadeira. Como variam bastante, cada pessoa pode conhecê-la de um modo diferente.

1. “Um, dois,
feijão com arroz.
Três, quatro,
feijão no prato.
Cinco, seis, bolo
inglês.
Sete, oito, comer
biscoito.
Nove, dez,
comer pastéis.”

2. “Batatinha quando nasce
se esparrama pelo chão.
Menininha quando dorme
põe a mão no coração.”

3. “O cravo brigou
com a rosa
debaixo de uma
sacada.
O cravo saiu ferido
e a rosa despetalada.”

4. “Hoje é Domingo,
pede cachimbo.
Cachimbo é de ouro,
bate no touro.
O touro é valente,
bate na gente.
A gente é fraco,
cai no buraco.
O buraco é fundo,
acabou-se o mundo”

5. “Hoje é Domingo,
pede cachimbo.
Cachimbo é de barro,
bate no jarro.
O jarro é de ouro,
bate no touro.
O touro é forte,
acabou-se na morte.”

6. “Chuva e sol,
casamento de
espanhol.
Sol e chuva,
casamento de viúva.”

3ª parlenda



6ª parlenda



Na História do Brasil, na Geografia e nas Ciências, o folclore também pode ser utilizado, recorrendo-se às lendas relativas à escravidão, à mineração, às bandeiras, aos heróis, aos tipos brasileiros e seus traços culturais, aos ambientes em que vivem, às serras, lagoas e mares, por meio de mitos, animais, vegetais e minerais.

Também na Matemática, o folclore está presente sob a forma de parlendas ou poesias e jogos; no desenho, nos trabalhos manuais, nas artes e no artesanato, o uso do material local, com revalorização de seus usos e seus motivos típicos ornamentais; na música, as melodias, ritmo e instrumentos; e, na Educação Física, a dança e o teatro, com apresentações da beleza que possuímos nesses campos. O aproveitamento do folclore na escola é das mais válidas contribuições, pela intenção formativa e pelo caráter de nacionalidade que ele imprime.

No Ensino Médio, o folclore passa para o plano informativo, numa prospecção profunda da cultura, que levará à conclusão consciente de que “toda cultura tem uma dignidade e um valor que devem ser respeitados e protegidos; em sua fecunda variedade, em sua diversidade e pela influência recíproca que exercem uma sobre as outras, todas as culturas fazem parte do patrimônio comum da humanidade” (Ribeiro 1996).

Na universidade, o folclore deve ser estudado como disciplina autônoma, através de suas implicações antropológicas, sociais, psicológicas e estéticas, para o conhecimento e a profundidade da cultura popular.

É antigo o aproveitamento do folclore nas escolas brasileiras. Já nas primeiras décadas de nossa vida, os jesuítas o aplicaram com extrema sabedoria na catequese, utilizando as danças e os cantos indígenas e encenando suas peças. Padre José de Anchieta, primeiro mestre oficial no Brasil, nos legou esse exemplo, nos campos de Piratininga, em Niterói.

Como recomenda Arroyo (1996), é preciso também situar a escola na construção de um projeto político e cultural com base em um ideal democrático que reflita, ao mesmo tempo, sobre a complexa diversidade de grupos, etnias, gêneros, demarcado não só por relações de perda, de exclusão, de preconceitos e discriminações, mas também por processos de afirmação de identidades, valores, vivências e cultura. Assim, o nosso aluno é preparado para respeitar as diferenças, internalizando o princípio da inclusão não só de portadores de necessidades especiais, mas das nossas inúmeras outras diferenças.

Embora estejamos conscientes de que o corpo é o veículo através do qual o indivíduo se expressa, o movimento corporal humano acaba ficando, dentro da escola, restrito a momentos precisos, como as aulas de Educação Física e o horário do recreio. Nas demais atividades em sala, a criança, geralmente deve permanecer sentada em sua cadeira, em silêncio e olhando para frente. A criança cresce acreditando que existe uma grande diferença entre a arte e as questões do corpo e a ciência. Uma lastimável distinção: a primeira se aprende como uma atividade lúdica, e a segunda, de uma forma séria e constrangedora. Isso é resultado da ausência do aspecto lúdico nas disciplinas científicas da escola e, também, da ausência de certa sistematização nas disciplinas artísticas e de Educação Física, comportamento que tende a acentuar a visão de que o ensino dessas disciplinas – Arte e Educação Física – é supérfluo.

A noção de disciplina na escola sempre foi entendida como “não-movimento”. As crianças educadas e comportadas são aquelas que simplesmente não se movimentam? No modelo escolar-militar da primeira metade do século XX, essa era a premissa aplicada, desde o momento em que a criança chegava à escola. É assim também hoje em dia? Reflita.

AS DANÇAS

Toda dança, não importa a estética que explora, surge da profundidade do ser humano ou, como Robinson (2001) nomeou, surge da “magia” e adquire diversas funções a partir de três motivações principais: a expressão, o espetáculo e a recreação (ou jogo). A expressão e a motivação, na dança, são representadas por essa autora como se fossem o tronco principal de uma árvore. É nesse tronco que se situam o teatro, a dança contemporânea, a educação e o lazer. Ao redor desse tronco principal, com uma bifurcação para a recreação e outra para o espetáculo, estão as danças populares, assunto de nossa aula. Robinson fez esta divisão, uma vez que essas manifestações podem ser a expressão de uma comunidade, como rito ou jogo, e ainda serem exploradas através de espetáculos. Há, ainda, as manifestações populares consideradas “puras”, ou seja, que não perderam seu caráter original de rito, que Robinson localizou num tronco à parte, entre a recreação e a expressão, chamando-o de “danças primitivas”, na falta de uma expressão melhor

para intitulá-las. No tronco recreação, encontramos as danças amadoras, as danças de salão, a ginástica rítmica e o *jazz*, técnicas praticadas por indivíduos sem interesse profissional. Contudo, o *jazz* teve sua origem na recreação, profissionalizando-se posteriormente, ao encontrar seu caráter espetacular.

O inverso aconteceu com a dança clássica. De origem estritamente espetacular e profissional, com o decorrer dos anos, ganhou adeptos amadores que buscam essa rígida técnica como complemento da educação corporal formal.

Numa tentativa de atualizar essa árvore, poderíamos acrescentar muitas outras danças: algumas danças populares brasileiras, como o forró, o samba, a lambada e, recentemente, o axé, que também conquistaram os espaços dos cursos de dança de salão ao lado das imortais valsa, tango e bolero. As danças provenientes de regiões e países específicos, como a dança do ventre, a dança flamenca, o sapateado americano e o irlandês (tão em voga, atualmente) e as danças de rua (ou *street dance*), poderiam ser consideradas como um galho que se inicia nas expressões culturais (folclóricas) e se ramifica tanto para o campo profissional do espetáculo quanto para a área de recreação (amadora). Um bom exemplo são as danças de rua. Elas tiveram origem nos guetos negros norte-americanos como forma de protesto, e ganharam adeptos no mundo todo. Como o *rap*, o *funk* e o *break*, muitas dessas danças já saíram das ruas e invadiram as academias e palcos.

Nesse diagrama da autora, fica evidente a diferenciação que é feita entre o fazer amador, o profissional, o educativo e as manifestações culturais folclóricas. Você pode utilizar, e muito, com os seus alunos, as danças brasileiras.

ATIVIDADES



3. Procure uma dança folclórica que representa o seu município e uma de outro município do estado do Rio de Janeiro. Escreva a letra da música e as etapas da dança. Tente experimentar a dança e, depois, apresente o trabalho escrito para o seu tutor. Se você é professor, leve essa atividade para eles, discutindo sobre o que a dança escolhida por você representa para o município.

RESPOSTA COMENTADA

Procure encontrar uma dança que seja representativa do seu município. Nas bibliotecas, você as encontrará nos livros sobre folclore, ou sobre o município. Em caso de dificuldade, certamente alguém de sua família se lembrará de alguma cantiga de roda, com dança.

4. Produza um pequeno projeto que inclua o folclore no desenvolvimento do corpo e movimento nas escolas.

RESPOSTA COMENTADA

O projeto poderia ser realizado por meio de uma pesquisa dos alunos, na internet, ou em bibliotecas, manifestações culturais do município, como danças folclóricas, culinárias, jogos, brinquedos cantados, pinturas. Após a pesquisa, os alunos seriam divididos em grupo para organizar uma pequena exposição para outras séries, enfatizando, sempre, o corpo e o movimento na participação folclórica.

FOLCLORE NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Dentre as principais manifestações culturais da região do Estado do Rio de Janeiro, destacam-se o carnaval, o Ano Novo, as festas juninas, a comemoração de São Cosme e São Damião e várias outras, dependendo dos costumes de cada localidade, especificamente. Todas elas utilizam o corpo para sua representação.

Aqui estão reunidos depoimentos de alunos das primeiras séries do Ensino Fundamental, abrangendo alguns municípios do Estado do Rio de Janeiro.

A experiência que deu origem aos textos foi realizada em 1976 pela Divisão de Folclore do Instituto Estadual do Patrimônio Cultural e pela Coordenação de Ensino do (antigo) 1º grau. A pesquisa foi orientada por um questionário-base distribuído às escolas, após contato direto com os professores participantes do trabalho. O principal tema desenvolvido foram as festas, as brincadeiras e a arte popular em cada local.



ATIVIDADE

5. Leia e reflita sobre alguns textos selecionados das respostas de crianças, quando foram questionadas sobre as festas folclóricas que conheciam, de que já participaram, ou a que assistiram. Esses textos são de autenticidade comprovada. Respeitamos, inclusive, a ordem-desordem manifestada na redação corrida e sem pontuação. Se você tem alunos, faça o mesmo com eles e compare a receptividade em relação ao folclore, das respostas dos seus alunos com as respostas expostas aqui. Se você ainda não é professor, pode realizar esta atividade com amigos e parentes.

DEPOIMENTOS	DEPOIMENTOS	DEPOIMENTOS
<p>"Festa dos Carecas. Local da festa era ao lado da matriz. Começou em 1910 em louvação a Pedro e São João. Roupas: vestidos longos, saias compridas, blusa. Enfeites da festa: bandeirinhas, balões, folgueiras. Músicas: Capelinha de Melão e São João. Instrumentos: clarinete, pistam, trombone, tuba. Danças: polka, rancheiras, quadrilhas. Brincadeiras: corridas, pau de sebo, caxambu". (Cantagalo)</p>	<p>"Ouvi os reis na praia do Coral (Campos), acordei com a música e um comprimontou a Dona da casa que era a minha avó. E botou verso para ela minhas tias meu tio e papai e mamãe. Soube no outro dia, que a pessoa não sabia o nosso nome, por isso não botou verso para nós. Todas crianças ficam contente como eu fiquei pois depois ninguém conseguiu dormir, nunca havia visto antes". (Campos)</p>	<p>"Festas juninas. Havia um desfile em carro de boi pelas ruas da cidade. Os bailes eram realizados em casas de família e no cine: 1o de Maio, antiga sede do atual CAER. No baile era servido chocolate com bolo, feitas pela D. Felisberta. O festeiro era o Sr. José Vilela. Enfeitavam com lanternas japonesas bandeirinhas, vestiam roupas típicas e os convidados levavam travecinhas com doces para distribuir. Dançava-se quadrilhas, xote, polka e brincava-se de "Cotillam" um coração partido para se completar". (Três Rios)</p>
<p>"Festas caipira. As roupas são enfeitadas de bordado inglês, saia de babados, uma fita amarrada no chapéu, outra fita amarrada na cintura, eles de antigamente existiam bailes, leilão, bolo etc : Para eles irem a festa do caipira eles iam de carro de boi e as valsas eram ótimas. Os casamentos de antigamente, para a noiva casar iam de carro de boi e o sanfoneiro ia tocando. A barraca para a noiva casar era de pindoba. A festa terminava com a quadrilha". (São Fidélis)</p>		<p>"Festa de Santo Antônio. A festa de Santo Antônio é realizada no dia 13 de junho, no 2o Distrito de Saquarema. As ruas ficam enfeitadas de bandeirinhas e o coreto fica muito bonito. À tarde tem missa na Igreja de Santo Antônio e à noite sai a procissão da Padroeira, acompanhada de muitos fiéis. As moças fazem todas os tipo de sorte e adivinhações. As pessoas passeiam pelas ruas, vendo as barraquinhas, assistindo o leilão e ouvindo a banda tocar, até a hora em que a festa termina com muitos fogos de artifício". (Saquarema)</p>

RESPOSTA COMENTADA

Toda criança gosta de manifestações culturais alegres, que envolvam danças, festas de aniversários, comemorações. Aproveite essa característica infantil para incorporar, na formação geral dos alunos, o gosto pelo folclore brasileiro. Arriscamos dizer que, quando você for comparar as respostas apresentadas, com as respostas dos seus alunos, observará que a receptividade é positiva. Criança gosta de festejos e, se participar muito nessa fase, valorizará o folclore na vida adulta.



O folclore do estado do Rio de Janeiro é muito rico e precisa ser valorizado nas escolas. Nos depoimentos, observamos que as crianças gostam de folclore. Isso ocorre porque toda criança gosta de brincar, cantar, dançar. Mas, para que ela continue gostando do folclore, a escola tem de fazer a sua parte, apresentando o tema não como um dia de comemoração apenas, sem significado real, mas como uma atividade prazerosa, que nos diverte e nos lembra das raízes culturais brasileiras em suas diferentes regiões e municípios.

ATIVIDADE FINAL

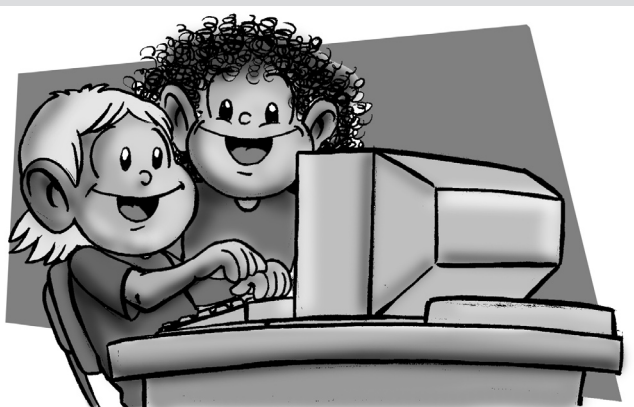
Faça uma pesquisa sobre o seu município, no *site* de sua cidade ou em uma biblioteca. A partir daí, liste os eventos culturais de sua cidade com as referidas datas e significados. Apresente para o seu tutor no pólo, ou ao tutor a distância.

RESPOSTA COMENTADA

Existem muitos sites interessantes na internet sobre folclore. Digite, em um site de busca, a frase "danças folclóricas brasileiras" e você os encontrará. Deles, constarão o nome da dança, seus passos e as letras das músicas. Algumas dessas danças são: as pastorinhas, catira ou catelê, ciranda, fandango, frevo, catumbi, coco, dança do vilão, quadrilha, pau-de-fita, reisado, ratoeira, samba, são gonçalo, moçambique, maculelê, jango ancestral do samba.



Visite o *site*: www.rosanevolpatto.trad.br/dancasfolcloricas.htm. Nele, você encontrará sites de danças folclóricas animadas em computação, com personagens, músicas etc.



RESUMO

O folclore, dentre outras manifestações culturais, pode utilizar o corpo e o movimento por meio de manifestações corporais, danças e ritos. Na escola, um trabalho interdisciplinar pode aliar a Educação Física ao folclore, às artes e às ciências. O folclore do estado do Rio de Janeiro é muito rico e precisa ser valorizado nas escolas.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula será sobre criança, escola e movimento nas primeiras séries do Ensino Fundamental. Faremos uma ligação mais estreita entre as questões do corpo e o trabalho da Educação Física e do professor, em geral.

Corpo e movimento nas primeiras séries

AULA 10

Meta da aula

Apresentar as questões do corpo e do movimento e sua importância para a formação geral, integrada e interdisciplinar da criança nas primeiras séries do Ensino Fundamental

objetivo

Esperamos que, após o estudo desta aula, você seja capaz de:

- identificar o valor do professor de Educação Física para a formação geral da criança das primeiras séries do Ensino Fundamental.

Pré-requisitos

Para aprender bem os conteúdos desta aula, é importante que você reveja os conteúdos sobre Projeto Político-Pedagógico abordados nas primeiras disciplinas de Prática de Ensino e Fundamentos da Educação e na Aula 7 desta disciplina.

INTRODUÇÃO

COTIDIANO ESCOLAR

Linha de pesquisa da área de Educação que trata do ambiente e dos rituais da escola, sob todos os pontos de vista: do pedagógico aos hábitos docentes e discentes.

Falar em interdisciplinaridade, ou em ação integral, dos profissionais e das disciplinas de educação no Projeto Político-Pedagógico da escola é uma preocupação dos autores que estudam o **COTIDIANO ESCOLAR** (Coelho, 2000; Nunes, 2000). No entanto, esse fazer pedagógico integrado significa o rompimento com uma prática antiga de equipe multidisciplinar, na qual os conhecimentos eram vistos isoladamente em equipes interdisciplinares.

O tema corpo e movimento na escola é muito apropriado para esse fazer pedagógico, interdisciplinar, integrado e complexo. Talvez se a atitude das áreas de conhecimento se integrarem, isto ajude a diminuir a evasão escolar e a aumentar a aderência dos alunos à escola, pois o Brasil apresenta uma das populações menos escolarizadas.

No **Gráfico 10.1**, vemos que dos 27 milhões de crianças que atualmente conseguem matricular-se, menos de 10 milhões tendem a completar as quatro primeiras séries do Ensino Fundamental. Assim, o Brasil terá 17 milhões de brasileiros com menos de 4 anos de escolaridade, como escreveu Trindade em seu artigo "O Fazer Integrado dos Profissionais da Educação no Cotidiano Escolar".

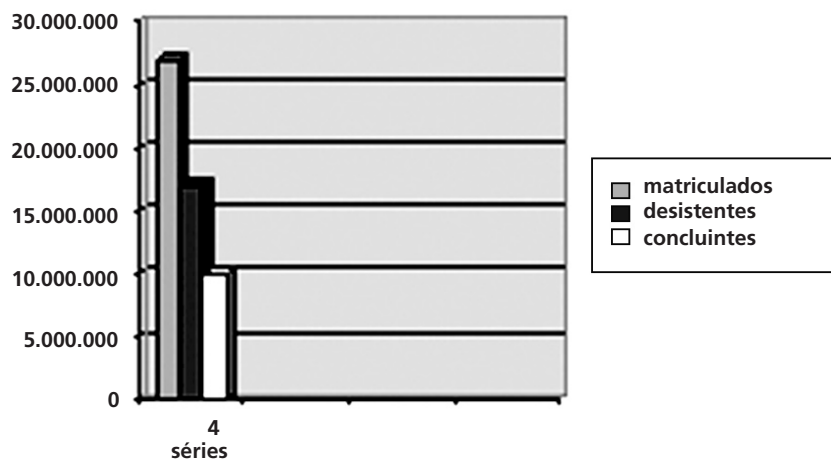


Gráfico 10.1: Gráficos de matriculados, concluintes e desistentes nas quatro primeiras séries do Ensino Fundamental.

O profissional de Educação Física, e mesmo o professor das séries iniciais, devem utilizar-se dos movimentos corporais para o desenvolvimento do domínio psicomotor da criança, colaborando, assim, para o seu desenvolvimento como pessoa, como estudou Henri Wallon em sua concepção psicogenética

(NUNES, 2000), e também para o desenvolvimento das linguagens oral, escrita (como estudaram Vygotsky e Bakhtim (SOUZA, 2000)) e corporal. Se essa utilização da linguagem corporal acontecer como um fazer integrado, isto é, colaborando com o desenvolvimento das relações entre as linguagens e o outro no espaço escolar (SMOLKA, 1993), crescerão as chances de sucesso educacional. O mesmo acontece com a paridade de oportunidades entre meninos e meninas.

ESPORTE E GÊNERO – MANIFESTAÇÕES CORPORAIS NA ESCOLA – ENTRE MENINOS E MENINAS

A nova Lei de Diretrizes e Bases de Educação Nacional (Brasil, 1996) abre espaço para uma escola que alguns autores chamam de cidadã, por não aceitar a exclusão. Esse princípio também é reforçado nas Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental (Brasil, CNE, 1998), que garante os direitos e deveres da cidadania, a política da igualdade, a solidariedade e a ética da identidade.

Entretanto, para que essas idéias e esses valores se tornem realidade na educação escolar, não basta incluí-los nas leis e nos PCN, é necessário entender que o pensamento e a prática educacionais se situam no campo dos direitos. É preciso ver escola como um projeto democrático que contemple a diversidade de grupos, etnias, gêneros e processos de afirmação de identidades, valores, vivências e cultura (SOUSA; ALTMANN, 1999).

Não se pode afirmar que as meninas são excluídas de jogos masculinos, por exemplo, apenas por questões de gênero, pois o critério de exclusão não é exatamente o fato de elas serem mulheres, mas o de serem consideradas mais fracas e menos habilidosas que seus colegas ou mesmo que outras colegas. Meninas não são as únicas excluídas, pois os meninos mais novos e os considerados fracos ou maus jogadores freqüentam bancos de reserva durante aulas e recreios, e em quadra recebem a bola com menor freqüência, até mesmo, do que algumas meninas.

Tais constatações mostram-nos que a separação de meninos e meninas nas aulas de Educação Física desconsidera a articulação do gênero com outras categorias, a existência de conflitos, exclusões e diferenças entre pessoas do mesmo sexo, além de impossibilitar qualquer forma de relação entre meninos e meninas.

Essa história mostra que, sob aparência das diferenças biológicas entre os sexos, ocultaram-se relações de poder – marcadas pela dominação masculina – que mantiveram a separação e a hierarquização entre homens e mulheres, mesmo após a criação da escola mista, nas primeiras décadas do século XX.

A mulher sempre foi entendida como um ser frágil. Com a introdução do esporte moderno na Educação Física escolar no Brasil, principalmente a partir dos anos 30, a mulher manteve-se perdedora porque era um corpo frágil diante do homem. Todavia, era a vencedora nas danças e nas artes.

Aos meninos costuma ser permitido jogar futebol, basquete e judô, esportes que exigem maior esforço, confronto corpo a corpo e movimentos violentos. Às meninas costuma ser permitida a ginástica rítmica e o voleibol pela suavidade de movimentos e a falta de contato corporal. O jovem menino que pratica esses esportes corre o risco de ser visto pela sociedade como efeminado. Décadas atrás, o futebol, esporte violento, tornaria o homem viril e, se praticado pela mulher, poderia masculinizá-la, além da possibilidade de lhe provocar lesões, especialmente nos órgãos reprodutores.

Atualmente, o futebol passou a ser praticado por mulheres, tanto nos clubes quanto em algumas escolas. Essa participação das mulheres foi autorizada pelo Conselho Nacional de Desportos (Brasil, 1979; Brasil, 1983) e endossada por estudos científicos que jogavam por terra os argumentos sobre a probabilidade de as mulheres estarem mais propensas às lesões esportivas do que os homens.

Outro exemplo que diferencia os gêneros são os espaços nas escolas. Nos pátios das primeiras séries, meninos ocupam mais espaço do que meninas durante o recreio. Além disso, meninos invadem e interrompem os jogos femininos mais frequentemente que o contrário (Sousa e Altmann1999).

O domínio masculino do espaço físico durante os recreios, nas primeiras séries, ocorre principalmente por intermédio do futebol. Para se inserirem no universo masculino, as meninas lançam mão de estratégias. Para evitar conflitos, chegam cedo nas quadras com uma bola, organizam-se antes mesmo da chegada dos meninos. Permitem, no entanto, que eles sejam os árbitros do jogo.

Se no passado apenas meninos jogavam bola, hoje, meninas freqüentam esses campos, não mais apenas como espectadoras, mas buscando romper com as hierarquias de gênero. Quanto aos homens, ainda continuam proibidos de praticar alguns esportes, dentre os quais a Ginástica Rítmica Desportiva (GRD), infelizmente. Esse esporte, mesmo sendo arriscado, valoriza a aparente leveza e feminilidade. Dessa forma, a GRD, uma experiência que poderia ser interessante para ambos os sexos, pois possibilita a interação entre o corpo e o manejo de aparelhos manuais diferenciados, é usufruído apenas pelas meninas. Esperamos que esse cenário mude e que os meninos sejam estimulados a praticar a GRD, assim como as mulheres conseguiram entrar no futebol. Outro fator que diferencia o comportamento de meninas e meninos é a reação de ambos quando são repreendidos pelas professoras.

A INTERVENÇÃO DOCENTE NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NAS PRIMEIRAS SÉRIES

Meninos e meninas, mesmo nas primeiras séries, nem sempre reagem da mesma forma à intervenção docente, e um exemplo reside no fato de que meninos desobedecem mais a normas escolares e a solicitações docentes do que meninas.

Assim, uma forma encontrada por meninas para resolver problemas e conflitos presentes nas aulas é pedir a ajuda das professoras que incentivam, naturalmente, seus alunos e alunas a colocarem-na a par do que ocorre nas aulas, e solicitarem sua ajuda para resolver os problemas. Por meio da intervenção da professora, escondendo-se atrás dela, esses estudantes, muitas vezes, conquistam o que desejam.

Uma estratégia muito utilizada como intervenção docente, nas aulas de Educação Física, é a adaptação das regras de algum jogo ou esporte como recurso para evitar a exclusão de meninas nas atividades que poderiam ser realizadas com meninos e meninas simultaneamente; mas essa estratégia desconsidera a articulação do gênero a outras categorias. Determinar que um gol só possa ser efetuado após todas as meninas terem tocado a bola ou autorizar apenas as meninas a marcá-los são exemplos dessas adaptações. Se tais regras solucionam um problema, criam outros, pois quebram a dinâmica do jogo e, em última instância, as meninas são as culpadas por isso, pois foi para elas que as regras foram modificadas.

São inúmeros os conflitos e as dificuldades dos educadores no enfrentamento das questões de gênero presentes na cultura escolar, especialmente nas aulas de Educação Física, pois se trata de valores e normas culturais que se transformam muito lentamente. Nesse processo, a tendência conservadora lógica – presente em toda comunidade social para reproduzir comportamentos, valores, idéias, artefatos e relações úteis para a própria existência do grupo humano – choca-se inevitavelmente com a tendência, também lógica, que busca modificar os caracteres dessa formação que se mostram desfavoráveis para alguns dos indivíduos ou grupos que compõem o complexo e conflitante tecido social.

Outro fator importante nas primeiras séries é, por diversos motivos, a imobilização do corpo da criança, a falta de lugar e de tempo para se movimentar.



ATIVIDADE



Procure lembrar e anote algum evento em que você, se for mulher, foi discriminada por ser mulher, na escola; e, se for homem, algum episódio em que discriminou uma mulher.

A black and white illustration of two children peeking from behind a door. The children are shown from the chest up, looking out from the doorway. The door is partially open, and the children are looking towards the viewer.

RESPOSTA COMENTADA

Às vezes, agimos com discriminação, mesmo sem perceber, como professores, pais etc. Para ficar mais claro, exemplificamos com o fenômeno denominado machismo, por exemplo, que é um valor social, e que as próprias mulheres, no papel de mães, estão reproduzindo na educação de seus filhos, cidadãos das próximas gerações. Como? Filhos homens não fazem a sua própria cama, não ajudam nos serviços domésticos, mesmo fazendo parte do grupo familiar, pois essa é sempre considerada uma tarefa feminina. Essas atitudes reforçam a discriminação.

As mães desejam e ensinam as filhas a cozinhar para serem capazes de organizar o seu próprio alimento. Quando os homens aprendem, é porque têm vocação, e não por serem estimulados pelas mães. Esses são apenas alguns exemplos de discriminação de gênero. Existem milhares deles, explícitos e implícitos.

AS ATIVIDADES NAS PRIMEIRAS SÉRIES BUSCAM MANTER AS CRIANÇAS FELIZES?

A deterioração da condição física da criança começa logo que ela é imobilizada por longas horas nas carteiras escolares. A disciplina de Educação Física pode reverter este quadro, devolvendo à criança o hábito de movimentar-se para que se torne um adulto fisicamente ativo (Araújo, 2004). Mas como reverter esse quadro de deterioração da condição física da criança?

Segundo Rubem Alves, crianças são aqueles que brincam. Será o brinquedo uma inutilidade ou uma utilidade absoluta? O brinquedo para a criança não é um meio para alcançar um fim. Ele torna-se o meio em si mesmo. Brincar é pura satisfação sem utilidade. Por que a escola não aproveita esse fato e dá uma excelente utilidade para o brinquedo, a fim de tirar a criança do imobilismo que a escola lhe impõe desde que nela ingressa? Se brincar é puro prazer, e se na escola as crianças têm tempo para brincar, por que elas se sentem descontentes na escola? Por que elas aprendem pouco? Será que é porque aprendemos, mais facilmente, aquelas coisas que nos proporcionam prazer?

Lembre-se da sua infância. Escreva se ir à escola era uma atividade da qual você gostava ou não e por quê. Nos primeiros dias de aula, período de adaptação, é comum a criança estranhar a separação da família. No entanto, essa estranheza não deve passar dos primeiros dias. Uma criança bem preparada pelos pais para essa separação lida bem com esse período. Infelizmente, muitas vezes esse dissabor continua, e a criança nunca supera a separação. Cabe à escola conquistar a criança, mostrando-lhe mais uma opção de boas vivências, lembranças prazerosas e boas de serem resgatadas no futuro.



As crianças brincam livremente antes de ingressarem na escola e, quando ingressam, sentem seus corpos limitados por carteiras. Por exemplo, durante o dia, uma criança de seis anos, com vida adequada, dorme aproximadamente de nove a dez horas, gasta algumas horas para se alimentar e para fazer a higiene corporal e, no restante do dia, brinca. Como essa criança vai gostar da escola, se nela brinca muito pouco, e se, desde a alfabetização – às vezes, desde a educação infantil – tem de ficar sentada várias horas com o corpo imóvel em carteiras tão inapropriadas

ERGONOMICAMENTE?

Exemplifico com uma experiência pessoal e profissional, em estágio sobre criança e exercício físico no Canadá, na Universidade Mc Master. As escolas públicas de educação fundamental, nas primeiras séries, adotam um princípio interessante: criança, para se concentrar e aprender, não deve ser aprisionada.

ERGONOMETRIA

Subárea da Engenharia que estuda o local e o ambiente que as pessoas utilizam para o lazer, o trabalho, objetivando o bem-estar, a salubridade e a saúde dos indivíduos. Considera a necessidade de espaço que cada pessoa precisa, a altura de mesas e cadeiras, o formato de móveis, as estruturas de brinquedos infantis, de parquinhos de diversão.

Durante as aulas, elas realizavam as tarefas pedidas pela professora e, entre uma e outra tarefa, podiam sair educadamente da sala, se desejassem, por poucos minutos, apenas avisando à professora. No final das contas, poucas saíam, porque não se sentiam aprisionadas. Aquelas que saíam, iam ao banheiro, andavam pelo corredor e retornavam logo para a próxima tarefa. O cumprimento da tarefa ajudava na determinação do horário de sair da escola. As tarefas tinham de ser realizadas.



As crianças ingressavam na escola às 9h (antes era impossível, por questões climáticas) e saíam às 15h. Durante esse tempo, elas tinham, além de uma hora de almoço – que demandava pouco tempo, sobrando tempo para brincar, pois a comida era sanduíche, às vezes acompanhado de fruta, normalmente sem líquido algum –, mais dois tempos de meia hora para se movimentarem livremente pela escola, com direito a utilizarem as instalações e os equipamentos da Educação Física.



Além disso, as aulas de Educação Física aconteciam de duas a três vezes por semana (dependendo da turma e da faixa etária). A sala de aula era bem grande, com computadores, livros, estufas de experimentos, e a mesa da professora ficava, interessantemente, atrás das carteiras dos alunos, para que esses ficassem realizando as suas tarefas independentemente da fiscalização da professora. Com isso, o tempo de movimento e de alegria era preservado e proporcional à idade da criança.



A tarefa de proporcionar alegria na escola não é fácil. Nós, educadores, estamos procurando uma escola que seja agradável e que cumpra adequadamente o seu papel. Desde a Antigüidade até os tempos atuais, o fenômeno de educar e a instituição escola vêm sofrendo mudanças de acordo com o pensamento pedagógico da época. A disciplina de Educação Física, como vimos em aulas anteriores, vem vivenciando também essa procura.

Moacir Gadotti, em seu livro *História das Idéias Pedagógicas*, descreve os principais pensadores da educação: o pensamento pedagógico oriental, com Lao-Tsé e o Talmude; o pensamento grego, com Sócrates, Platão e Aristóteles; o romano, com Cícero e Quintiliano; o medieval, com Santo Agostinho e São Tomás de Aquino; o renascentista, com Montaigne, Lutero e os jesuítas; o moderno, com Comênio e Locke; o iluminista, com Rousseau, Pestalozzi e Herbart; o positivista, com Spencer, Durkheim e Whitehead; o socialista, com Marx, Lênin, Makarenko e Gramsci;

o da Escola Nova, com Dewey, Montessori, Claparède e Piaget; o fenomenológico-existencialista, com Buber, Korczak, Gusdorf e Pantillon; o antiautoritário, com Freinet, Rogers e Lobrot; o pedagógico crítico, com Bordieu, Baudelot e Girox; o do terceiro-mundo africano, com Cabral, Nyerere e Faundez, e o do terceiro mundo latino-americano, com Gutiérrez, Rosa Maria Torres, Maria Teresa Nidelcoff, Emília Ferreiro e Juan Carlos Tedesco; o brasileiro liberal, com Fernando de Azevedo, Lourenço Filho, Anísio Teixeira, Roque Spencer e Maciel de Barros; o brasileiro progressista, com Paschoal Leme, Álvaro Vieira Pinto, Paulo Freire, Rubens Alves, Maurício Tragtenberg e Demerval Saviani. Você já deve ter estudado alguns desses autores nas disciplinas de Fundamentos da Educação.

Todos esses pensadores da escola a vêem como um local desconfortável para a criança e os jovens, onde uns vão para ensinar, e outros para aprender. Alguns se referem à escola como local que desinteressa os jovens das letras e do saber, pelas suas tolices e crueldades. O próprio corpo da criança, na escola, sempre foi instrumento de castigos (de diferentes naturezas, dependendo da época).

Infelizmente, a disciplina Educação Física, assim como as outras, já serviu e ainda serve de locus para diversas artimanhas na educação. Tem aumentado, no entanto, a valorização da Educação Física nas escolas. Spencer, intelectual inglês e o maior representante do positivismo, influenciado pelas idéias naturalistas de Rousseau, depositou grande importância na educação física, valorizando o indivíduo na pedagogia individualista; por outro lado, Karl Marx, ideólogo alemão comunista, organizador do movimento proletário internacional – que compreendia a educação como parte da totalidade social juntamente com Engels, autores do artigo “Crítica da educação e do ensino”, também entendiam a educação baseada em três princípios: o da educação intelectual, o da educação corporal (pelos exercícios de ginástica e exercícios militares), e o da educação tecnológica. Em suma, tanto os gregos quanto os positivistas e os comunistas valorizavam as questões do corpo físico na escola (Araújo, 2004).

Hoje, com o crescimento quantitativo e com o desenvolvimento qualitativo na formação do profissional da educação física brasileira, diversas correntes de pensamento surgiram, graças ao crescimento do número de cursos de pós-graduação, tanto lato quanto stricto sensu da área. Há décadas, a formação stricto sensu dos intelectuais sofria uma

influência hegemônica do pensamento americano e das ciências da saúde. Um exemplo disso é o fato de os cursos de educação física sempre estarem alocados nos centros de ciências da saúde das universidades.

A origem da educação física brasileira e, mais tarde, o regime ditatorial militar por que passamos também muito contribuíram para reduzir à dimensão biológica a interpretação dos fenômenos das atividades físicas, do desporto, da educação física escolar e do corpo. Com a democratização do país, a ampliação na formação de nossos pensadores na Europa e, atualmente, no próprio Brasil, outras correntes surgiram.

O que lamentamos, atualmente, é que alguns grupos tentem obter uma hegemonia destas interpretações nas áreas de ciências sociais e filosóficas, como a área biológica o fez no passado. Esperamos que, pela teoria filosófica da **CURVATURA DA VARA**, com o passar do tempo, os pensadores brasileiros entendam o fenômeno das atividades físicas como o pensamento complexo do sociólogo Edgard Morin, de que já tratamos em outras aulas desta disciplina. Um mesmo objeto e/ou fenômeno pode e deve ser interpretado por diferentes olhares epistemológicos e, ainda, na mesma ideologia, sem, contudo, perder a sua complexidade e a sua totalidade, evitando a sua redução. Já existe um grupo, no entanto, que opta por uma visão não-sectária de acusar a corrente biológica de acrítica, sem acusar as correntes denominadas progressistas de inúteis e dicotômicas com a teoria e a prática. Esse grupo prefere valorizar o passado remoto da corrente biológica e o recente das ciências humanas e sociais, vislumbrando um futuro forte e promissor para a área, onde exista um espaço democrático e complexo de pensamentos da educação física brasileira. É nesse pensamento que nos incluímos. E você, concorda ou pensa diferente?

Em qualquer das correntes que comentamos, o pensamento ainda não é completo, e pelo menos dois pontos de interseção existem entre elas:

- o consenso de que a Educação Física escolar é reconhecidamente uma área de conhecimento que exerce um papel importante na formação geral do indivíduo, nas diferentes faixas etárias, e principalmente nos níveis de Educação Infantil e nas primeiras séries do Ensino Fundamental;

TEORIA DA CURVATURA DA VARA

Foi anteriormente enunciada por Lênin para se defender quando foi criticado por assumir posições extremistas e radicais. Segundo essa teoria, quando uma vara está torta, não basta colocá-la na posição correta para endireitá-la: é preciso curvá-la para o lado oposto.

- o descontentamento com a política governamental educacional e, conseqüentemente, para a educação física brasileira. Esta política resulta em um trabalho de Educação Física muito limitado na escola.

Neste momento, é bom nos posicionarmos, dizendo que, para nós, a Educação Física escolar, incluindo aí a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, deve ter diferentes níveis de abordagens para a formação geral do cidadão. O que se entende, então, por formação geral?

FORMAÇÃO GERAL

Como formação geral compreende-se uma preparação da criança para o futuro, desde a educação infantil e as primeiras séries até a formação continuada estrito e lato sensu (a escola que conhecemos ainda está preparando a criança para um mundo adulto, apesar da inquietação de educadores como Rubens Alves quanto a essa preparação). Contudo, embora a preocupação seja relativa à preparação para o futuro, enquanto ocorre, ela pode ser vivenciada com muito prazer e respeito.

Do prazer, já falamos anteriormente. Quanto ao respeito, podemos incluir aí o respeito às diferenças. A escola que conhecemos já compreende a necessidade desse respeito, mas não está preparada para exercê-lo nas diferenças. Respeito às diferenças de gênero, cultura, condição intelectual, grupos étnicos, interesses e diferenças de condição física e de saúde, desde a excelência de aptidão desportiva até, e principalmente, as diferenças de condição de necessidades especiais.



Continuando, a preparação para o futuro inclui, também, a criação de hábitos em todas as esferas (ética, moral, social e física). Fica, então, também ao encargo da escola a manutenção do hábito da criança de se movimentar (inerente ao homem, como vimos nas primeiras três aulas), de realizar atividades físicas e esportes.

Se quisermos valorizar o respeito às diferenças culturais, será na escola que essas vivências também ocorrerão. As danças, o folclore e todas as manifestações culturais corporais estão no escopo, também, da Educação Física escolar. O desporto, maior manifestação corporal na Educação Física, e que origina as olimpíadas, deve também ser uma das preocupações da educação física escolar.

E a saúde? A escola não é um local que se preocupa com a saúde de seus alunos, com as políticas de saúde? Este debate é muito amplo e ainda não se esgotou. Entendemos que a educação deve ser interdisciplinar, integradora e deve respeitar e preparar a formação geral do indivíduo; essa formação geral inclui a preparação do aluno para ter capacidade de cuidar do seu corpo com uma visão de prevenção de acidentes e de doenças, e não apenas uma visão de saúde curativa. Então, também a disciplina de educação física, que trata do corpo, deve estar envolvida nas questões de saúde, e não somente algumas outras disciplinas do currículo.

Quando falamos em formação geral, como preparação para o futuro cidadão, não podemos esquecer que esse cidadão terá um corpo no futuro, resultado de suas vivências no passado. As aulas de Educação Física nas séries iniciais do Ensino Fundamental precisam contribuir com o crescimento e o desenvolvimento saudáveis da criança, oferecendo gasto de energia suficiente, facilitando aos alunos as atividades aeróbicas e atuando preventivamente em sua saúde mental e social.

O APELIDO NAS PRIMEIRAS SÉRIES – INSTRUMENTO PERVERSO DE HUMILHAÇÃO

Uma incoerência acontece no fato de ser muito comum exatamente as crianças obesas detestarem as aulas de Educação Física. Nessas aulas, onde o corpo é necessariamente mais exposto, o uso do apelido – brincadeira que pode ser transformada em um instrumento cruel de tortura, utilizado na infância e muito estimulado na escola, infelizmente

utilizado também por alguns professores – é muito comum e parece muito “normal” a todos. Nenhum corpo deve ser alvo de abusos psicológicos e discriminação por parte dos amigos e do professor, principalmente na infância. Este fato leva alguns alunos a um sofrimento profundo, levando, em alguns casos, a processos contra a escola, professores e alunos, ou ao agravamento de doenças camufladas e surtos psicóticos, com conseqüências graves como suicídio e assassinatos coletivos.



Conhecendo a condição dos seus alunos, cabe ao projeto pedagógico da escola ajustar os objetivos da educação física escolar, inseridos nos da escola, às condições de seus alunos e da sua comunidade, variando apenas o meio de alcançá-los.

A FORMAÇÃO PROFISSIONAL PARA ATUAR COM CORPO E MOVIMENTO NAS PRIMEIRAS SÉRIES

A educação física nas primeiras séries, de caráter complexo e integrado, deve contar com um profissional muito bem preparado. Este profissional é, em primeira instância, um educador e, para isto, sua formação consiste em implicações didático-pedagógicas, filosóficas, sociológicas, históricas e políticas.

O professor de Educação Física é o único profissional que atua nos diferentes domínios da aprendizagem: o cognitivo, o psicossocial e, em caráter particular, o psicomotor. Este fato deve resultar em prestígio junto ao corpo docente da escola. Ele, como dissemos, pode, pela exclusividade

de trabalhar com o corpo infantil, provocar modificações positivas e/ou negativas no crescimento e no desenvolvimento desse corpo, e pode repercutir de igual forma na saúde da criança e do jovem.

Para lidar com a saúde física e mental, esse profissional tem, em seu currículo, Anatomia, Biologia, Fisiologia, Psicologia do Desenvolvimento Social etc. Ele é o único profissional que, em nível superior, recebe formação específica sobre diferentes desportos (necessitando de conhecimentos na Biomecânica, Física, e Matemática), lutas, exercício físico, dança, folclore, ginásticas, hipertrofia muscular, jogos recreativos etc.

Para ser um docente licenciado, o profissional precisa experimentar as disciplinas Didática, Prática de Ensino, Estrutura e Dinâmica da Escola e Fundamentos da Educação (Filosofia, Psicologia, Sociologia, História, Política).

Da escola, nos níveis infantil, fundamental e médio, é esse o profissional que tem uma formação mais abrangente e complexa. Esse reconhecimento, porém, está ainda por ser alcançado. Quanto mais a escola reconhecer o potencial de formação do profissional de Educação Física, mais facilmente poderá usufruir dessa formação, em nome da qualidade de ensino, nas primeiras séries. Sabemos, porém, que na graduação a abordagem é sempre mais superficial. Não dá para haver um aprofundamento das disciplinas com a quantidade de créditos que elas têm. São muitas disciplinas em um currículo, mas pouco tempo para cada uma. Por isso, para se conseguir uma boa formação, em qualquer profissão, o profissional precisa se envolver em programas de formação continuada: cursos de pós-graduação lato sensu (as especializações e aperfeiçoamento) e cursos de pós-graduação stricto sensu (os mestrados e doutorados).

Como incluir, em um projeto pedagógico, toda essa formação complexa do profissional de Educação Física? Esse projeto deve coadunar-se com os fins da educação, com a proposta educativa da escola e com a formação do corpo docente.

OBJETIVOS PARA AS PRIMEIRAS SÉRIES NOS PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS

No Ensino Fundamental, os objetivos devem ser coerentes com os conteúdos e com a avaliação. O objetivo geral da Educação Física no Ensino Fundamental é proporcionar às crianças a capacidade de:

- participar de atividades corporais, estabelecendo relações equilibradas e construtivas com os outros, reconhecendo e respeitando características pessoais, físicas e de desempenho de si próprio e dos outros, sem discriminar por características pessoais, físicas, sexuais ou sociais;
- adotar atitudes de respeito mútuo, dignidade e solidariedade em situações lúdicas e esportivas, repudiando qualquer espécie de violência;
- conhecer, valorizar, respeitar e desfrutar da pluralidade de manifestações de cultura corporal do Brasil e do mundo, percebendo-as como recurso valioso para a integração entre pessoas e grupos sociais;
- reconhecer-se como elemento integrante do ambiente, adotando hábitos saudáveis de higiene, alimentação e atividades corporais, relacionando-os com os efeitos sobre a própria saúde e de recuperação, manutenção e melhoria da saúde coletiva;
- solucionar problemas de ordem corporal em diferentes contextos, regulando e dosando o esforço em um nível compatível com as possibilidades, considerando que o aperfeiçoamento e o desenvolvimento das competências corporais decorrem de perseverança e regularidade, e devem ocorrer de modo saudável e equilibrado;
- repudiar condições de trabalho que comprometam os processos de crescimento e desenvolvimento, para si e para os outros, reivindicando condições de vida dignas;
- conhecer a diversidade de padrões de saúde, beleza e estética corporal que existem nos diferentes grupos sociais, na cultura em que são produzidos, analisando criticamente os padrões divulgados pela mídia e evitando o consumismo e o preconceito;

- conhecer, organizar e interferir no espaço de forma autônoma, bem como reivindicar locais adequados para promover atividades corporais de lazer, reconhecendo-as como necessidade básica do ser humano e direito do cidadão.

Ainda de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais, os conteúdos de Educação Física para o Ensino Fundamental foram selecionados com base nos seguintes critérios: sua relevância social, a interação com os temas transversais, as diferentes características regionais dos alunos e a característica da área de produzir discussões, debates sobre cultura corporal, educação, exercício e saúde. Esses conteúdos contemplam três blocos interligados, guardando, todavia, suas especificidades. São eles:

1. esportes, jogos, lutas e ginástica;
2. atividades rítmicas e expressivas;
3. conhecimento sobre o corpo.

No bloco 1, consideram-se, como esporte as práticas nas quais são aplicadas regras oficiais em caráter de competição, com federações regionais, nacionais e internacionais, com regulamentação para atuações amadoras e profissionais. Envolve espaço e equipamentos sofisticados. Já os jogos têm regulamentações flexíveis e adaptadas ao espaço, materiais e participantes. Podem ser cooperativos, competitivos ou recreativos. As lutas são disputadas de forma que o jogador ou adversário é subjugado mediante técnicas de imobilização, desequilíbrio, projeção ao solo, e vão do cabo-de-guerra até o caratê. As ginásticas podem ter como finalidade a própria atividade ou ser uma preparação para outra modalidade. Podem ter objetivos de relaxamento, estética ou recreação.

No bloco 2, incluem-se todas as manifestações da cultura corporal que sejam expressivas e utilizem estímulos sonoros e ritmados. As danças podem ser eruditas (clássicas, contemporâneas, modernas e jazz), folclóricas, populares, religiosas, urbanas etc.

No bloco 3, o conhecimento do corpo capacita para a percepção corporal e para a análise criteriosa de programas de atividades físicas, possibilitando ao aluno ser independente para realizar atividades físicas para a saúde, trabalho e/ou lazer. São envolvidos conhecimentos de Anatomia, Fisiologia, Biomecânica e Bioquímica. Os conhecimentos de anatomia concentram-se nos sistemas osteomusculares. Na Fisiologia,

RESPOSTA COMENTADA

Se você concorda com a importância, deve ter mencionado na sua justificativa itens como:

- *a manutenção do hábito do ser humano de se movimentar, desde a Antigüidade, quando era nômade;*
- *a formação específica do professor de Educação Física para lidar com o domínio psicomotor;*
- *a formação abrangente desse profissional nas áreas de educação, técnica, desportiva, didática, social e biológica;*
- *o incrível aumento de especialistas, mestres e doutores na área de Educação Física;*
- *a enorme quantidade de publicações científicas nacionais, internacionais e educacionais nessa área, em periódicos com um rígido corpo editorial e avaliação rigorosa para aceitação de publicação.*

RESUMO

Autores que estudam o cotidiano escolar defendem um fazer pedagógico integrado e o rompimento com uma prática antiga multidisciplinar, incentivando a interdisciplinaridade, onde os conhecimentos se interseccionam.

Os temas corpo e movimento na escola são muito apropriados para esse fazer pedagógico, interdisciplinar, integrado e complexo. Nesse contexto, temas como esporte e gênero, manifestações corporais, apelidos etc. são integradores. Para a deterioração da condição física da criança quando chega à escola, principalmente a disciplina de Educação Física pode reverter esse quadro, devolvendo à criança o hábito de movimentar-se para que se torne um adulto fisicamente ativo. A formação do professor de Educação Física é ampla e complexa, em diferentes áreas: educacional, técnica, biológica, filosófica, histórica e social. Essa formação pode facilitar sua integração, e não submissão, com outras áreas nas primeiras séries, ajudando na formação geral da criança.

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA AULA

A próxima aula será ainda sobre criança, escola e movimento nas primeiras séries. Nessa aula, faremos uma ligação mais estreita entre as questões do corpo e da saúde.

Corpo e Movimento na Educação

Referências

Aula 1

ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares de; ARAÚJO, Claudio Gil Soares de. Aptidão física: saúde e qualidade de vida relacionada à saúde em adultos. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, São Paulo, v. 6, n. 5, p. 194-203, 2000.

BETTO, Frei. Políticas do Corpo. *Revista Motrivivência*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

CELLA, S.M.R. Diferentes visões do mundo e do corpo. *Revista da Educação Física*, UEM, 1997.

GADOTTI, Moacir. O pensamento pedagógico Grego. In: _____. *História das Idéias Pedagógicas*. 6. ed. São Paulo: Ática, 1998.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

SANTANNA, Denise Bernuzzi. Entre o corpo e a técnica: antigas e novas concepções. *Revista Motrivivência*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

SANTOS, L. C. T. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga. *Revista da Educação Física*, UEM, 1997.

Aula 2

ANZAI, Koiti. O corpo enquanto objeto de consumo. *Rev Bras Ciên Esporte*, Niterói, 1989.

ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares de. *Corpo e movimento-percepção corporal e aptidão física*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

_____. *Autopercepção da aptidão física relacionada à saúde*. 2001. 159f. Tese (Doutorado) - Programa de pós-graduação, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2001.

BETTO, Frei. Políticas do Corpo. *Revista Motrivivência*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994.

CELLA, Sheila Maria Rosin. Diferentes visões do mundo e do corpo. *Revista da Educação Física*, UEM, 1997.

FOCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LE BOULCH, J. *O desenvolvimento psicomotor do nascimento até 06 anos*. Porto Alegre: Artmed, 1990.

OLIVARDIA, R.; POPE, H. G; HUDSON; J. I. Muscle dysmorphia in male weightlifters: a case-control study. *Am J Psychiatry*, v. 157, n. 8, p. 1291-6, 2000.

PIAGET, Jean. *A equilibração das estruturas cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

RUBINSTEIN, S.; CABLLERO, B. I. Miss America an undernourished role model? *JAMA*, v. 283, n. 12, p. 1569, 2000.

SANTOS, L. C. T. A atividade física e a construção da corporeidade na Grécia Antiga. *Revista da Educação Física*, UEM, 1997.

Aula 3

ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares de; ARAÚJO, Claudio Gil Soares de. Autopercepção das variáveis da aptidão física. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 37-49, 2002.

_____. *Corpo e movimento: percepção corporal e aptidão física*. Revinter, Rio de Janeiro, 2004.

ASSMANN, Hugo. *Pós-modernidade e agir pedagógico: como reencantar*. Florianópolis: ENDIPE, 1997.

ASTRAND, P. Age is not a barrier: a personal experience. In: QUINNEY, H. A.; GAUVIN L, Wall A. (Orgs.). *Toward active living*. Champaign: Human Kinetics, 1994.

BRACHT, Valter. *Cadernos Cedes*, ano 19, n. 48, ago. 1999.

CHAUÍ, Marilena. Cultura do povo e autoritarismo das elites. In: _____. *A cultura do povo*. São Paulo: Cortez, 1988.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo. In: SANT'ANNA, Denise. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

FOUCAULT, Michael. *Microfísica do poder*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

GIL, José. *Monstros*. Lisboa: Quetzal, 1994.

HILL, A.; ROBERTS, J. Body mass index: a comparison between self-reported and measured height and weight. *J Public Health Med*, 1988.

JOHNSON, J. M.; BALLIN, S. D. Surgeon general's report on physical activity and health is hailed as a historic step toward a healthier nation. *Circulation*; v. 94, p. 2045, 1996.

KUNZ, Elenor. *Educação física: ensino e mudanças*. Ijuí: Unijuí, 1991.

LE BRETON, David. *Antropologia del cuerpo y modernidad*. Buenos Aires: Nueva Visión, 1995.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

PATE, R. et al. Physical activity and public health: a recommendation from the Centers for Disease Control and Prevention and the American College of Sports Medicine. *JAMA*, 1995.

RIVIÉRE, Claude. *Os ritos profanos*. Petrópolis: Vozes, 1997.

WELSCH, Wolfgang. *Unsere postmoderne Moderne*. Weinheim: Acta Humaniora, 1988.

Aula 4

BRACHT, Walter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. *Rev. bras. Ci. e Mov.*, Brasília, v. 12, n. 2, p. 111-119, jun. 2004.

CARDOSO, Maurício. *Os arquivos das olimpíadas*. São Paulo: Panda, 2000.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1996.

GODOY, Lauret. *Os jogos olímpicos na Grécia Antiga*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

GRIFI, Giampiero. *História da educação física e do esporte*. Porto Alegre: D. C. Luzzatto Editores, 1989.

HENRY, B. *História de los juegos olímpicos*. Barcelona: Hispano-Europea, 1955.

JAGUARIBE, Helio. *Um estudo crítico de história*. São Paulo: Paz e Terra, 2001. v. 2.

LUCAS, J. A. *Future of the olympics games*. Champaign: Human Kinetics, 1992.

MARINHO, Inezzil Penna. *História geral da educação física*. São Paulo: Cia. Brasil, 1980.

RAMOS, Jayr Jordão. *Os exercícios físicos na história e na arte*. São Paulo: IBRASA, 1982.

ARAÚJO, Cláudio Gil Soares de Araújo; ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares de. Bases biológicas do exercício físico para a saúde. In: BRASIL. Ministério da Saúde. Coordenação de Doenças Crônico- Degenerativas. *Exercício físico e saúde*. 3. ed. Brasília: MS, 1996.

POWERS, Scott K; HOWLEY, Edward T. *Fisiologia do Exercício*. São Paulo: Manole, 2003.

BRASIL. Ministério da Ciência e Tecnologia. Programa Sociedade da Informação. In: SOCIEDADE da Informação no Brasil: livro verde. Organização Tádão Takahashi. Brasília, set. 2000. Cap. 1.

GHIRALDELLI JUNIOR, Paulo. *Filosofia da educação e teorias educacionais*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

GIDDENS, Anthony. *Política, sociologia e teoria social: encontros com o pensamento social clássico e contemporâneo*. São Paulo: UNESP, 1998.

GOLDIN, Alberto. Entrevista. *O Globo*, 22 ago. 2005. Caderno de informática: amor na Internet.

GONÇALVES, Marcio Souza. O amor no Ciberespaço. *Ciência Hoje*, v. 28, n. 163, 2000.

HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1989.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1986.

MORAES, Raquel de Almeida. *Educação e sociedade tecnológica*. Conect@, n. 3, nov. 2000.

MORAES, Vinicius de. *Soneto da felicidade*. Disponível em: <<http://www.vinicius-de-moraes.soneto-da-fidelidade.buscalettras.com.br>>. Acesso em: 27 out. 2005.

MORAN, José Manuel. Interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. *Revista Brasileira de Comunicação*, São Paulo, v. 17, n. 2, 1994.

MRECH, Leny, Magalhães. *A pós-modernidade: a questão do sujeito e as psicoterapias on-line*. Disponível em: <http://educacaoonline.pro.br/art_a_pos_modernidade.asp?f_id_artigo=6>. Acesso em: 17 ago. 2005.

Aula 7

BRACH, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. *Cadernos Cedes*, ano 19, n. 48, ago. 1999.

MORIN, Edgar. *Introdução ao pensamento complexo*. Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

REIS, Edmerson dos Santos. Projeto Político Pedagógico: moda, exigência ou tomada de consciência? In: BELLO, José Luiz de Paiva. *Pedagogia em Foco*. Rio de Janeiro, 2001.

SOARES, Carmem Lúcia. Educação física escolar: conhecimento e especificidade. *Rev. Paul. Educ. Fís.*, supl. 2 p. 6-12, 1996.

Aula 8

ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares. *Corpo e movimento-percepção corporal e aptidão física*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

FAZENDA, Inanir C. A. *Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro*. São Paulo: Loyola, 1993.

FLEURI, Reinaldo Matias. Interdisciplinaridade: meta ou mito? *Revista Plural*, Florianópolis, ano 3, n. 4, jan./jul. 1993.

JAPIASSÚ, Hilton. *Interdisciplinaridade e patologia do saber*. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

SIQUEIRA, Alexsandra. Práticas interdisciplinares na educação básica: uma revisão bibliográfica (1970-2000). *Educação Temática Digital*, Campinas, SP, v. 3, n. 1, p. 90-97, dez. 2001.

Aula 9

ARROYO, Miguel G. Prefácio. In: DAYRELL, Juarez (Org.). *Múltiplos olhares sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

BRASIL. MEC. Secretaria de Ensino Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental: educação física*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RIBEIRO, Maria de Lourdes Borges. Que é Folclore? _____. *MEC Anuário do Folclore*. Rio de Janeiro: MEC, 1993.

ROBINSON, Jacqueline. Influência da dança na formação sociocultural do povo. *Cadernos Cedes*, ano 21, n. 53, abr. 2001.

STRAZZACAPPA, Márcia. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Cadernos Cedes*, ano 21, n. 53, abr. 2001.

Aula 10

ALVES, Regina. *O prazer na escola*. In: GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1998.

ARAÚJO, Cláudio Gil Soares; ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares. Reflexões sobre a pesquisa biomédica em Educação Física. In: OLIVEIRA, Vitor Marinho (Org.). *Fundamentos pedagógicos: educação física*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1987.

ARAÚJO, Denise Sardinha Mendes Soares. *Corpo e Movimento-Percepção Corporal e Aptidão Física*. Rio de Janeiro: Revinter, 2004.

BRASIL. MEC. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: educação física: MEC/SEF, 1997.

COELHO, M. T. F. ; PEDROSA, M. I. P. Faz-de-conta: construção e compartilhamentos de significados. In: OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos (Org.). *A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil*. 4. ed. Porto Alegre: Cortez, 2000.

GADOTTI, Moacir. *História das idéias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 1998.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Crítica da educação e do ensino*. Lisboa: Moraes, 1978.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEJA, Alfredo; NASCIMENTO, Elimar Pinheiro (Org.). *O pensar complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

NUNES, Nadir Neves. *O Ingresso na pré-escola: uma leitura psicogenética*. In: OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos (org). *A Criança e seu desenvolvimento – perspectivas para se discutir a educação infantil*, 4ª ed. Cortez, 2000.

SMOLKA, Ana Luiza B. A dinâmica discursiva no ato de escrever: relações oralidade-escritura. In: _____; GÓES, M. C. R. (Org.). *A linguagem e o outro no espaço escolar: Vygotsky e a construção do conhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1993.

SOUSA, Eust S.; ALTMANN, Helena. *Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na educação física escolar*. *Cadernos Cedes*, ano 19, n. 48, ago.1999.

SOUZA, Solange Jobim. Linguagem, consciência e ideologia: conversas com Bakhtin e Vygotsky. In: OLIVEIRA, Zilma de M. Ramos (Org.). *A criança e seu desenvolvimento: perspectivas para se discutir a educação infantil*. 4. ed. Porto Alegre: Cortez, 2000.

ISBN 85-7648-193-6



9 788576 481935 4



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade Federal Fluminense
uff



UNIRIO



SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



Ministério
da Educação

